UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O *Hip Hop* em São Gonçalo/RJ: territórios, experiências e memórias (1990-2017)

KLAUDER QUEVEDO GONZAGA

Niterói

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O *Hip Hop* em São Gonçalo/RJ: territórios, experiências e memórias (1990-2017)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História

Orientadora: Profa. Dra. Laura Antunes Maciel

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG Gerada com informações fornecidas pelo autor

```
G642h Gonzaga, Klauder Vicente Quevedo
O Hip Hop em São Gonçalo/RJ: territórios, experiências e memórias (1990-2017) / Klauder Vicente Quevedo Gonzaga. - 2022.
126 f.: il.

Orientador: Laura Antunes Maciel.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2022.

1. Hip Hop. 2. São Gonçalo. 3. Grafite. 4. Rap. 5.
Produção intelectual. I. Maciel, Laura Antunes, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX
```

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O *Hip Hop* em São Gonçalo/RJ: territórios, experiências e memórias (1990-2017)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Laura Antunes Maciel Universidade Federal Fluminense (Orientadora)

Prof^a. Dr^a Mirna Busse Pereira Centro Universitário Fundação Santo André

Prof^a. Dr^a Rôssi Alves Gonçalves Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a Heloisa de Faria Cruz Pontificia Universidade Católica de São Paulo (suplente)

Prof. Dr. Norberto Ferreras Universidade Federal Fluminense (suplente)

Niterói

2022

Sumário

Introdução	5
1. O Hip Hop em São Gonçalo: territórios, grupos e experiências	21
1.1 Grafite nas escolas: oficinas e concursos	26
1.2 O Rap e o cenário underground em São Gonçalo	36
1.3 A dança nas ruas: o Break em São Gonçalo	47
2. O impacto das novas tecnologias na cena do <i>Hip H</i>	Hop em São
GonçaloGonçalo	50
2.1 A Roda Cultural de São Gonçalo e a Caverna do Dragão	59
2.2. Entre batalhas, rodas	e
festivais	71
2.3 Roda Cultural do Alcântara, SG In RAP	78
3. O Hip Hop, Território e Monumentos em São Gonçalo	
3.1. Juventude, território, monumento e documento	85
3.2 São Gonçalo entre a urbanização espoliadora e a	urbanização
especulativa	
3.3 O Grafite e a estação ferroviária e o bairro do Alcântara	89
3.4 Praça Chico Mendes: de território underground a	suporte de
memórias103	
3.5 Praça dos Ex-Combatentes e a Batalha do Tanque	110
ConsideraçõesFinais	115
Fontes	117
Bibliografia	124

Resumo:

Esse trabalho busca observar aspectos do desenvolvimento do movimento Hip Hop na

cidade de São Gonçalo - RJ, segunda cidade mais populosa do Rio de Janeiro,

reconhecendo seus principais articuladores, sua relação com o poder público e sua

inserção midiática em perspectiva local, nacional e transnacional, além de pensar as

transformações do movimento neste território entre os anos 1990 e 2017.

Forjado sob a influência de uma série de estruturas como o racismo, o colonialismo, o

imperialismo, o capitalismo, a diáspora, a indústria cultural, a modernização das

grandes cidades, o Hip Hop é um movimento que marca e é marcado por uma série de

mudanças tecnológicas, políticas, de valores sociais, de processos de independência, de

migração, imigração e do próprio advento da globalização. Assim, procuro compreender

em que medida o acesso às tecnologias digitais, como a internet em banda larga e

acesso a equipamentos de filmagem e gravação na passagem dos anos 2000 para 2010,

possibilitaram novos horizontes de expectativa para os jovens gonçalenses e a cena que

construíam, gerando mais visibilidade aos artistas da cidade. Ao mesmo tempo, tentei

não perder de vista as contradições entre os praticantes do Hip Hop e o poder público,

como as tensões com a polícia durante a década de 2010.

Outro conjunto de questões se articula em torno das interações entre o movimento Hip

Hop e alguns espaços da cidade, em particular com os monumentos que se configuram

como marcas de um passado a ser preservado. Ao mesmo tempo que acompanho a

produção de memórias hegemônicas por parte de setores mais conservadores e

tradicionais na cidade, procuro destacar como o Hip Hop tenta construir e reconstruir a

memória sobre si mesmo e sobre seu lugar na cidade, procurando se diferenciar dos

projetos políticos e discursivos anteriormente inscritos no cotidiano do município

ancorados na lógica do mercado no decorrer do século XX.

Palavras-chave: Hip Hop; São Gonçalo; Grafite; Rap

Abstract:

This work seeks to observe aspects of the development of the Hip Hop movement in the city of São Gonçalo - RJ, the second most populous city in Rio de Janeiro, recognizing its main articulators, its relationship with the public power and its media insertion in a local, national and transnational perspective. , in addition to thinking about the transformations of the movement in this territory between the 1990s and 2017.

Forged under the influence of a series of structures such as racism, colonialism, imperialism, capitalism, the diaspora, the cultural industry, the modernization of large cities, Hip Hop is a movement that marks and is marked by a series of technological, political, social values, independence processes, migration, immigration and the advent of globalization itself. Thus, I try to understand to what extent access to digital technologies, such as broadband internet and access to filming and recording equipment from the 2000s to 2010s, enabled new horizons of expectation for young people from Gonçalves and the scene they built, generating more visibility for the city's artists. At the same time, I tried not to lose sight of the contradictions between Hip Hop practitioners and the government, such as the tensions with the police during the 2010s. Another set of issues is articulated around the interactions between the Hip Hop movement and some spaces in the city, in particular with the monuments that are configured as marks of a past to be preserved. At the same time that I follow the production of hegemonic memories by more conservative and traditional sectors in the city, I try to highlight how Hip Hop tries to build and rebuild the memory about itself and about its place in the city, seeking to differentiate itself from political and cultural projects. Discourses previously inscribed in the daily life of the municipality anchored in the logic of the market in the course of the 20th century.

Keywords: Hip Hop; São Gonçalo; Grafite; Rap

Agradecimentos

A Laura Antunes Maciel, minha orientadora, pela paciência e por buscar me incentivar a buscar o melhor de mim, mesmo nas horas mais difíceis.

A minha mãe Maria Cristina e ao meu pai Luiz Claudio que sempre acreditaram em mim incentivaram a me envolver com a cultura Hip Hop e estudar, me dando todo suporte para que eu possa me tornar MC, professor, pai, pesquisador e fazer tudo isso da melhor maneira possível.

Aos meus irmãos Hugo e Ramon, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, mas também nos momentos de alegria.

A minha filha Ana Rosa, grande inspiração para tudo o que faço nessa vida. A Lízia de Boni, mãe da minha filha e grande incentivadora.

A todos do Geração na Trilha, ASAC, CLAM, LADOA, Batalha do Tanque, RCA e todos que constroem a história do *Hip Hop* Gonçalense no dia a dia. Em especial a LT, Dejah, Kassia, Ley, Aila, Chicão, Romário Regis, Gal, especialmente Dejah, Siri, Diego, Mamut, Gordo, Elaine Mira, Pluto e Tigrão que contribuíram com as entrevistas para este trabalho.

Aos meus camaradas Alexsandro Pinto, Gustavo Santos, Lucas Cheibub e Rafael Braga, grandes colegas de graduação, bar, iniciação a docência e pós-graduação.

Aos professores Rôssi Alves e Amailton Magno, pela inspiração e pelas contribuições durante o exame de qualificação.

Introdução

Eu como jovem gonçalense, periférico, morador do bairro Jardim Catarina, fui impactado pelo movimento e a cultura Hip Hop aos 13 anos em 2004, quando tive o primeiro contato através do Break após ver uma apresentação do rapper Marcelo D2. Nessa apresentação estavam dois B Boys, Pelezinho e Chaveirinho e Wanderson, um amigo que até hoje é conhecido como Break. Juntos procuramos o "Projeto Geração na Trilha", onde aconteciam oficinas de Break, MC, Grafite e DJ. Naquela época vimos o MC Funk, que hoje em dia é conhecido como Funkero, na televisão, nos programas do Gugu e Fantástico e me interessei pelo RAP, assim comecei a fazer as minhas primeiras letras junto aos meus amigos MC Gel e DJ Max, que já tinham um grupo chamado "Inteligência Urbana", o meu primeiro grupo de RAP. Vale lembrar que éramos extremamente incentivados por Diego Diprô e pelo falecido DJ Arrá que infelizmente nos deixou durante a pandemia em 2021 e não consegui entrevistá-lo. Naquela época meu nome era KL Grilo e em 2005 fizemos alguns shows no evento "Na Trilha das Praças", um evento de *Hip Hop* realizado praças da cidade e nesse período tive contato com todos os elementos da cultura ali fui me constituindo como sujeito. Os anos se passaram, participei de muitas experiências e movimentos na cidade desde então, aprendi a criar personagens através da minha rima, criei o MC Revolução em 2011, nome que utilizei durante um tempo, voltei a usar o nome Grilo que era apelido de infância e junto ao meu novo grupo, o LadoA adotei o nome Logri.

Essa vivência me fez escolher estudar História, me tornar professor e buscar investigar as coisas em uma perspectiva histórica, porque o *Hip Hop* me fez entender que não dá para compreender a realidade sem buscar o sentido histórico e que é necessário fazermos a nossa própria história. Quando entrei na universidade em 2011, percebi que aquilo que lia e estudava era muito próximo ao que já fazia e os debates em torno da questão étnico racial, das políticas afirmativas, das cotas e da entrada das pessoas com uma origem social parecida com a minha eram efervescentes. Nas primeiras aulas os professores já mostraram que a história vai muito além das grandes narrativas e dos grandes heróis e que a história dos de baixo, ou vista de baixo, é tão importante quanto a história dos grandes reinos, nações e civilizações e nesse cenário encontrei um terreno fértil para buscar transformar o que eu já via e fazia nas ruas em produção e texto.

Durante a realização do curso de graduação em História participei de muitos projetos ligados à educação, fui bolsista do PIBID e com apoio da Professora Flávia Cordeiro, consegui produzir algumas atividades envolvendo o *Hip Hop* e o *RAP* no Colégio Estadual Raul Vidal, abordando temas contemporâneos como as cotas sociais e raciais, a discussão em torno do Dia da Consciência Negra e a importância desse dia para a luta antirracista, discussões sobre a construção do estado democrático de direito de um modo geral e até de se estudar a história da África e da Ásia foram levadas através de letras de *rap* dos Racionais MCs, utilizadas como vestígios de memória de um passado que ainda se faz presente. Hoje não participo mais diretamente do *Hip Hop* mas acredito que este trabalho seja fruto da minha pesquisa e, também, das experiências acumuladas ao longo dos últimos 17 anos como *b boy*, *rapper*, professor e historiador.

É necessário refletir sobre como se deu a apropriação do *Hip Hop* no Brasil, em nosso caso em São Gonçalo, uma cultura global constituída dentro de um processo marcado por uma hierarquização geopolítica do mundo que se expressa também nas práticas culturais. Sem dúvida é uma interpretação local para um fenômeno global, novas formas de assimilação, apropriação e reprodução são construídas enquanto conjunto e por cada uma das suas linguagens, tendo em vista as evidências de diferentes ritmos e formas diversas de assimilação dentro do território brasileiro. O *Hip Hop* no Rio de Janeiro, por exemplo, não se consolida com a mesma força e no mesmo ritmo que em São Paulo, e o *Hip Hop* em São Gonçalo se diferencia de sua expressão na cidade do Rio de Janeiro. Cada local, de acordo com a sua configuração social, política, geográfica e econômica assimila as linguagens do *Hip Hop* e desenvolve a sua cena em um tempo diferente e com as condições materiais existentes em cidades como São Gonçalo, marcada pela forma de sua inserção na região metropolitana do Rio de Janeiro, desde 1974, e consolidação da sua condição periférica¹.

Como propõe Kabengele Munanga, na esteira das questões abertas por Alain Touraine, "nenhuma sociedade moderna aberta às trocas e às mudanças tem unidade cultural completa, e (...) as culturas são construções que se transformam constantemente ao interpretar experiências novas." Nesse sentido, o que é comum a São Gonçalo e outros territórios, onde o *Hip Hop* floresce é uma possibilidade que abre à juventude

¹ VIANA, Juliana Nazaré Luquez. Rupturas e continuidades na produção do espaço e o processo de reestruturação: um olhar a partir de São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. São Paulo, Tese de Doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2019, p.27.

² MUNANGA, Kabengele. "O mundo e a diversidade: questões em debate". São Paulo, *Estudos* Avançados, 36 (105), 2022, p. 118.

para sua auto-inscrição no território urbano, em um contexto de falta de confiança nas organizações tradicionais, como os partidos políticos, e na utopia de transformação estrutural da sociedade, características do neoliberalismo, ideologia que marca esse período e a forma de pensar e atuar das juventudes no mundo, sobretudo as juventudes periféricas, excluídas socialmente e em vulnerabilidade social. Como sugere Paulo Silva, as pichações ou grafites gravados nos muros "sob o impulso de uma necessidade imperativa, (...) aliviariam a tensão de quem grafa", eles se constituem como "tatuagens na pele das cidades" e "revelam graus de vitalidade ou morbidade urbana, refletindo finalidades estéticas, engajamentos políticos, religiosos ou variados sinais das relações humanas entre si e a cidade". No entanto, enquanto os primeiros foram "admitidos nas esferas da arte, chegam às paredes de galerias e museus; os segundos, muitas vezes são censurados como maculadores do patrimônio urbano, são rejeitados como praticantes de vandalismo, mas também podem vender produtos como signo de juventude e arrojo". Por outro lado, tanto a mídia quanto diferentes entidades e organizações "podem domesticar as resistências culturais que vibram na potência de certas inscrições urbanas" ³ apropriando-se de seus sentidos e promovendo outras percepções sobre elas.

Este trabalho se insere no universo dos estudos de História social do *Hip Hop* Brasileiro, tendo como objetivo estudar a relação entre o movimento *Hip Hop*, suas instituições, a política e as demandas sociais de indivíduos e grupos especificamente na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, no contexto da década de 1990 e nas duas primeiras décadas do século XXI.

Mesmo antes de ingressar no curso de história da Universidade Federal Fluminense em 2011, sempre tive vontade de conhecer e investigar melhor a história local do movimento Hip Hop, tendo em vista que desde 2005 me fiz presente na cena, acompanhando, dançando, rimando ou tentando fazer grafite. Portanto, a própria escolha do tema, é influenciada pela trajetória pessoal do pesquisador, ainda que seja uma pesquisa que a todo o momento busca o distanciamento necessário em relação ao tema pesquisado para abordar de forma objetiva o desenvolvimento do Hip Hop no período e território analisado.

Atualmente, atuando como professor da rede pública, é notório como o Hip Hop influencia a juventude, o comportamento e a sua forma de enxergar o mundo, portanto, acreditamos que esse seja um tema relevante, não só pelo contato inicial desse

³ SILVA, Paulo Muniz da. *Muro de todos e de cada um: uma murologia*. Tese de Doutorado em Estudos

Literários, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014, pp. 154-161.

7

autor com o Hip Hop mas por conta da importância das chamadas culturas urbanas para a juventude no mundo atual, possibilitando horizontes de expectativas diversos. Entendo que o Hip Hop, apesar de ser um fenômeno contemporâneo, tem uma história e, também, deve ser cada vez mais objeto de análise dos historiadores e integrar cada vez mais os materiais didáticos e paradidáticos da história enquanto disciplina escolar. Mais ainda, através do andamento da pesquisa, ampliei minha compreensão sobre as formas de analisar as cenas do Hip Hop, tendo em vista que ele não é um fenômeno homogêneo mas, ao contrário, possui especificidades em cada região, desenvolvendo-se a partir de escolhas e caminhos dos seus praticantes. Apesar de ser um movimento de caráter global, influenciado pelo constante desenvolvimento tecnológico, ainda que desigual, ele é marcado pela trajetória dos sujeitos envolvidos em determinado território, tendo o elemento sócio-econômico, a conjuntura política, o racismo, as questões ligadas a gênero e sexualidade como fatores que marcam e caracterizam a cena e devem marcar também as análises sobre ela.

Para fazer essa análise sobre o Hip Hop em São Gonçalo utilizei diversas fontes, como a imprensa, em particular o *Jornal do Brasil* no Rio de Janeiro e *O Fluminense*, em Niterói, além de entrevistas que realizei com alguns agentes envolvidos nessa história através da plataforma *Zoom*, de forma virtual, tendo em vista a pandemia. Outro caminho percorrido na pesquisa foi a observação de redes sociais como *facebook*, *youtube* e *blogs* de pessoas e/ou coletivos procurando mapear indícios de como essa trajetória ficou registrada nesses meios a fim de extrair elementos para a análise. Além da consulta de uma bibliografía específica sobre o tema para buscar compreender as especificidades da trajetória do Hip Hop em outros locais e contextos.

Assim, esse trabalho busca compreender como se deram as primeiras experiências consideradas "origem" do movimento em São Gonçalo, procurando acompanhar seus desdobramentos, articulações e o surgimento de coletivos, grupos, grupos musicais, bandas, associações, eventos, organizações e ONGs ligadas ao Hip Hop na cidade. Procurei atentar para o contexto social, político e cultural a cada conjuntura e as principais demandas, interesses, objetivos e estratégias de visibilização desses agentes no espaço público, privado e midiático. Outro objetivo da pesquisa foi buscar reconhecer as origens culturais, espaciais e socioeconômicas destes e destas jovens que constituíam o Hip Hop em São Gonçalo e pensar como esses traços sociais influenciaram a forma de adesão deles a essas manifestações, as estratégias de visibilização dos indivíduos através de aparições nos meios de comunicação. Também

busquei identificar formas distintas de apropriação de espaços da cidade no sentido de transformá-los ou ressignificá-los como territórios e, também, como lugares de memória do movimento na cidade, pensando sobre as tensões produzidas neste movimento. Por último, procurei mapear as diferentes formas de organização e expressão das linguagens do Hip Hop na cidade, ao longo do período dos anos 1990 até 2015, sejam elas grupos de rap, Crews de Break, Ongs, associações, coletivos, movimentos, além de espaços, eventos, reuniões, encontros e mutirões de grafite.

O Hip Hop é um conjunto de práticas culturais resultante da experiência da Diáspora africana, caribenha e latina nos bairros Queens, Bronx, Harlem e Brooklyn na cidade de Nova York. Kool Herc, um jovem jamaicano recém chegado na cidade, Grand Master Flash e Afrikaa Bambataa foram os grandes ícones e responsáveis pela popularização desse movimento. Afrikaa Bambataa criou uma associação cultural mundial chamada Zulu Nation, em menção a um filme britânico que retratava a Batalha de Rorke's Drift entre o exército britânico e o reino Zulu em janeiro de 1879 durante a guerra Anglo-Zulu⁴. Quando fundou a associação, Bambataa estabeleceu os princípios: paz, amor, união, diversão e a união entre DJs, B boys, Grafiteiros e MCs, formando os chamados quatro elementos da cultura, somados ao quinto elemento knowledge, em português: conhecimento. O objetivo da propagação desses ideais inicialmente, segundo Bambataa, foi promover a paz e combater as disputas territoriais entre as gangues de rua nas periferias de Nova Yorque⁵. Naquele momento, a cidade viveu uma crise política profunda que afetou diretamente as populações negras e de origem latinas em bairros como Bronx e Harlem, a violência policial aumentou e os conflitos entre as gangues de jovens ficaram a cada dia mais intensos, uma série de famílias sofreu remoções, desapropriações e tiveram suas casas incendiadas. As linguagens do Hip Hop surgiram como mecanismos para conter e, em alguma medida, expressar essa violência.

A Geração *Hip Hop*, termo criado por Jeff Chang, viveu o pós-movimentos sociais por direitos civis, pós -Panteras Negras e surgiu em um contexto no qual as contradições políticas intensificaram a falta de perspectiva da juventude no país, sobretudo dentre as populações negras e imigrantes. Faltava emprego, escolas, moradia, oportunidades, o que acirrava os conflitos identitários entre negros, latinos, orientais e

_

⁴ PREBBLE, John. ENDFIELD, Cy. Zulu, Grã-Bretanha, Continental Home Vídeo, 1964.

⁵ CHANG, Jeff. Can't Stop Wont Stop, Hip Hop Generation. EUA, Picador, 2015. Ver também: The Get Down. Baz Luhrmann, Netflix, 2016; Hip Hop Evolution, Darby Wheeeler, Netflix, 2016.

italianos na grande Nova Iorque, realidade semelhante a diversas cidades e regiões metropolitanas do mundo naquele período, consequência da crise do estado de bem estar social nos países desenvolvidos, o que afetava diretamente os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, tendo em vista que no mesmo período em que o Hip Hop se forjava nos Estados Unidos, a América do Sul vivia sob regimes de ditaduras, tendo essa conjuntura marcado a recepção dessa linguagem no Brasil.

O *Hip Hop* combina um conjunto de formas de expressão e linguagens culturais na qual a voz é o *MC*, *MCing*, ou Mestre de Cerimônias, aquele que controla o microfone e canta as músicas. O *DJ* é o responsável pelo instrumental, por tocar as músicas nas festas, fazer as pessoas dançarem, através das suas habilidades em manipular o equipamento de som e a sensibilidade em tocar as músicas que faz com que a festa funcione. O *B Boy* ou *Break Boy* é o dançarino, elemento que contribui a partir da sua expressão corporal e o *grafite* é o elemento mais visual, dos desenhos e da arte plástica onde a galeria é a rua.

Dificilmente seria possível estabelecer uma data para o surgimento do *Hip Hop* no Brasil, visto que nos Estados Unidos demorou cerca de uma década a ganhar características próprias, sendo introduzido paulatinamente em festas junto com outros gêneros musicais. No Brasil isso não foi diferente, de acordo com Herschmann, para quem os anos 1990 marcaram a consolidação do *Funk* e do *Hip Hop* nos grandes centros urbanos e nas periferias do Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio de Janeiro, o *Hip Hop*, despontou no início dos anos 1990 com a primeira coletânea de *rap* chamada Tiro Inicial, com músicas de rappers como MV Bill e Gabriel o Pensador e as festas organizadas por Elza Cohen na região central que mobilizava *DJs*, *MCs*, *B boys* e Grafiteiros, embora ainda não se falasse em *Hip Hop* propriamente.

Em alguns registros que serão analisados nos dois capítulos apresentados, os grafiteiros nascidos em São Gonçalo, Eco e Ema aparecem quando se trata destas primeiras festas de *Hip Hop* que aconteciam na Lapa, no centro da cidade do Rio de Janeiro, dando o tom do cenário nas festas do "Zueira Hip Hop" que é um marco conhecido da cena do *Hip Hop* carioca⁶. Mas estes indivíduos já atuavam na cidade de São Gonçalo e marcavam presença na cidade através dos seus *grafites* e das oficinas que aconteciam em escolas e através da Associação Sobrados de Arte e Cultura / Associação

-

⁶ VENTURA, Tereza. Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. *Análise Social*, n. 192, p. 605-634, 2009.

Solidária de Arte e Cultura ASAC⁷, que posteriormente veio a funcionar como uma espécie de posse que dava cursos de *Grafite* e *Break*, tendo como objetivo trazer uma perspectiva para a juventude gonçalense, vítima da realidade social e política do país em tempos neoliberais, ainda que esta perspectiva não estivesse ligada a uma transformação social propriamente dita.

Segundo Elaine de Andrade, as posses se definem como "instrumentos utilizados pelos jovens para pleitear direitos, atingir objetivos e intervir nas relações sociais"8. Podemos observar em algumas memórias elaboradas em depoimentos e entrevistas de participantes de diversos grupos, como no documentário apresentado por KL Jay e Xis em 1999 na MTV e o documentário Marco Zero do Hip Hop, que antes de existir uma música e um movimento social e cultural da juventude que se possa definir como Hip Hop no Brasil, já existiram festas que tocavam músicas deste gênero, ainda que não houvesse a concepção formada da existência do RAP, na época ainda chamado de balanço, tanto no Rio de Janeiro, como em São Paulo e na Bahia. Desta forma, a história do rap se aproxima de outros movimentos de dança similares ou embrionários. Nessas festas ouviam-se tanto artistas da música negra Norte-Americana quanto artistas da música negra nacional como Gerson King Combo, Tony Bizarro, Cassiano, Tim Maia, Carlos Dafé e diversos outros grupos que acabaram sendo influências chave para o movimento em questão⁹. Mas, no final da década de 1980 ficou mais acentuada a influência da indústria cultural norte-americana entre a juventude brasileira através das equipes de som¹⁰, com os filmes Wildstyle (1983) ¹¹e Collors (1988)¹², das músicas de Run DMC e Public Enemy, da moda esportiva que acabou também sendo o vestuário dos artistas do segmento, no fim da década de 1980 começou a se pensar a cultura Hip Hop. Além disso, a forte influência de personagens da história como *Malcom X*, *Martin* Luther King e Gil Scott Heron para o discurso do movimento negro, consequentemente para o Hip Hop, também foram fatores que potencializaram o estilo de vida no Brasil, chegando até os lugares mais desfavorecidos como São Gonçalo – RJ.

7

⁷ Ibidem. O S da sigla ASAC muda de sentido quando a entidade deixa de funcionar no antigo sobrado no bairro do Alcântara em 2002 e volta a funcionar no Jardim Catarina em 2005.

⁸ANDRADE, E. N. A. Hip-Hop: movimento negro juvenil. In: _____. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999, cap. 6, p. 83-91.

⁹Documentário: MTV, 1999 – apresentado por Xis e KL Jay propondo uma reflexão sobre a chegada do Hip Hop no Brasil e a sua expansão, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F8speSen-cQ Acesso em: 18.Dez 2017.

¹⁰ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. *Abalando os anos 90*. Rio de Janeiro: v. 90, p. 190-213, 1997.

¹¹Filme: Wildstyle. Charlie Aheam, 1983.

¹²Filme: Collors – As cores da violência. Dennis Hooper, 1988

Pensando, entre limites e perspectivas, no mundo em crise econômica, política e social, sobretudo nos países periféricos, devido ao capitalismo tardio, onde o neoliberalismo surgiu como resposta à crise do estado de bem estar social no ocidente em favor dos lucros das grandes empresas oriundas dos países do centro, agora instaladas na periferia do mundo, e no Brasil em período pós ditadura militar, o Hip Hop expressa não só essa influência do mercado cultural estadunidense sobre a juventude periférica brasileira mas também a continuidade da luta por direitos, por espaço e por voz dos descendentes de escravizados, migrantes e imigrantes, na luta por democratização, acesso a direitos sociais, direitos políticos e denúncia da falta dos mesmos, além de ser uma das principais expressões artístico-culturais da juventude desde aquele período até os dias atuais.

Nos dias atuais, o RAP é a música mais ouvida do mundo segundo dados das principais plataformas digitais¹³, o *Grafite* objeto de exposições¹⁴, debates, propagandas, colorindo os centros urbanos, sendo o principal estilo característico das médias e grandes cidades e o Break que além de estar presente em diversos projetos sociais em comunidades dos grandes centros do Brasil, tem campeonatos mundiais organizados pela empresa RED BULL¹⁵ que mobiliza milhões de pessoas. Pretende-se observar o Hip Hop enquanto movimento e linguagem da juventude, através dos seus elementos e sua relação com movimentos sociais, seja as rádios através das músicas que acabaram sendo incorporadas pela indústria cultural, em propagandas de TV através do Grafite e do Break ou na sua relação histórica com outros movimentos sociais através das posses e organizações que tem o Hip Hop como ferramenta de aglutinação. Pretende-se observar também, quem é essa juventude que dança, canta pinta, discoteca, se organiza nas posses, ocupa o espaço público na cidade de São Gonçalo através das manifestações artísticas entre 1998 e 2015 e quais suas estratégias de divulgação, articulação e demandas políticas.

A partir desta investigação, busca-se observar aspectos do desenvolvimento do movimento Hip Hop na cidade de São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do Rio de Janeiro, sua relação com os movimentos sociais, sua relação com a indústria cultural

¹³Após twitter afirmar, Spotify comprova: Rap é o estilo mais ouvido do mundo. CEERT, São Paulo, 17. Jul . 2015. Disponível em: https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/7620/apos-twitter- afirmar-spotify-comprova-rap-e-o-estilo-mais-ouvido-do-mundo > Acesso: 16.Ago. de 2019

¹⁴CARVALHO, Luciana. 10 lugares para ver belas obras de graffiti em São Paulo. Exame. Abril. São Paulo. 25.jan.2013. Disponível em: https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/10-lugares-para-ver-belasobras-de-grafite-em-sao-paulo/> Acesso: 27.set de 2018.

¹⁵RED BULL BC ONE, São Paulo, 2018. Disponível em: < https://www.redbull.com/br-pt/events/redbull-bc-one-2018-final-nacional> Acesso: 11.set.2018

e com o mercado em perspectiva local, nacional e transnacional. Dessa forma, como Tricia Rose em "Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e cidade pós-industrial no Hip Hop" ¹⁶nos traz um panorama do estilo *Hip Hop* no contexto pós-industrial, sua relação com as políticas sociais, a tecnologia e a desigualdade no contexto das grandes cidades, fazendo uma conexão entre as periferias do mundo e as periferias do Brasil.

Na década de 1980, a música *RAP*, o *Break Dance* e a pintura de rua chamada *Grafite*, oriundas das periferias das grandes cidades dos EUA, tendo forte influência da diáspora africana no caribe, ganharam em pouco tempo, destaque em diversas áreas periféricas das grandes cidades dos grandes centros do mundo. Na mesma década, chegou a países periféricos como o Brasil, por meio da influência da indústria cultural, pensando em uma perspectiva transnacional.

Durante a revisão bibliográfica sobre o tema, foram encontrados poucos estudos na área de história sobre essa temática, a exemplo do trabalho de AZEVEDO¹⁷, apesar de uma quantidade razoável de materiais produzidos nos campos da linguística, da sociologia, da antropologia, da educação, da educação física e da comunicação. Suspeito que tal fato ocorra pelo motivo de se tratar de um fenômeno recente tanto no Brasil, quanto no mundo, ainda que existam diversos trabalhos sobre o *Break*, o *Grafite* e o *Rap* em separado, em diversos campos do conhecimento, desde a década de 1990. Tendo em vista que a maioria das pesquisas sobre essa temática no Brasil que tendem a enfatizar um dos seus segmentos, ou a analisar os segmentos de forma separada, a proposta deste trabalho é observar o movimento de uma forma geral e como estes elementos dentro do movimento se articulam entre si. Além das suas formas de organização e articulação, suas identidades e trajetórias e individuais e coletivas, e quem era a juventude que acompanhava e se referenciava nesse movimento entre 1990 e 2017, a exemplo do trabalho "A história social do Jazz" de Eric Hobsbawn¹⁸.

O recorte temporal, entre 1990 até 2017, foi estabelecido, por permitir fazer uma observação das transformações do que entendemos como *Hip Hop* observando suas formas de atuação de acordo com os momentos vividos, os governos neoliberais da década de 1990, os governos progressistas entre 2002 e 2016 e até o período do golpe entre 2016-2017, e estratégias frente à mídia tradicional, ao estado, as desigualdades

¹⁶ROSE, op.cit., 1997.

¹⁷AZEVEDO, Amailton Magno. No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra. São Paulo - 1980-1997. Dissertação de Mestrado em História, PUC/SP, São Paulo, 2000. Este trabalho destaca a sociabilidade no RAP, a música do Hip Hop.

¹⁸HOBSBAWM, Eric. *História Social do Jazz*. SP: Paz e Terra, 1990.

sociais, à falta de acesso ao espaço público e para inserção no mercado. Neste sentido, podemos pensar o Hip Hop enquanto um fenômeno da passagem do século XX para o século XXI¹⁹. Assim, analisar como o *Hip Hop* foi consolidado enquanto movimento social e cultural na cidade de São Gonçalo.

É importante observar como também os *Hip Hoppers* utilizam estratégias para se distinguirem, ao menos quando aparecem nos meios de comunicação, do jovem ligado ao funk ou a pichação. É importante considerar que boa parte das fontes escritas e da imprensa utilizadas nesse trabalho estão em acervos pessoais constituídos pelos próprios Hip Hoppers, evidenciando o valor atribuído por eles aos meios de comunicação e as mediações que estabelecem com o discurso desses meios a fim de promoverem o próprio trabalho e buscarem mais alcance e legitimidade para sua arte. Será necessário considerar também a influência de valores e símbolos que pregam a extensão do conhecimento, da produção e da circulação dos bens culturais com o objetivo do lucro, como poderemos observar no caráter de busca pela profissionalização no discurso de um dos grupos analisados, que além de aulas de grafite e desenho também tinham opção do aprendizado em estamparias, criação de marcas e negócios.

O Hip Hop enquanto cultura e fenômeno social contemporâneo, combina uma diversidade de estilos e linguagens caracterizado pelas rimas de improviso, as músicas compostas e gravadas através do computador, o aprendizado de movimentos de break a partir de fitas cassete que circulam entre os adeptos, a utilização de recursos digitais da internet que possibilitam o lançamento de músicas em plataformas como youtube, spotify e soudcloud, a gravação de Batalhas de MCs, compartilhadas através de mídias sociais e vistas por pessoas de todas as partes do Brasil no intervalo de um dia, as mixtapes como possibilidade de lançamento de um trabalho musical com poucos recursos financeiros e o fato da produção das músicas acontecerem sem a necessidade de contar com uma banda, no sentido tradicional da palavra. O acesso e domínio dessas tecnologias e linguagens são condições para a atuação desses sujeitos negros e ou/periféricos no universo do hip hop, tendo em vista que quem alcança o acesso mais rápido a essas novas ferramentas consegue acelerar o seu processo de criação, divulgação e propagação da arte e essa busca pelo acesso a essas novas tecnologias que surgem a partir de uma nova organização política, financeira e estatal na virada do breve século XX para o veloz século XXI, influenciada pelo neoliberalismo e que ganha

¹⁹HOBSBAWM, Eric. A era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

novos contornos à medida que vamos adentrando ao século XXI. Um dos exemplos é a passagem do cassete para o vídeo no *You Tube* em um intervalo de menos de dez anos, processo que não se dá de forma igual em todo o território brasileiro ou da própria cidade de São Gonçalo. Podemos mencionar os exemplos das *mixtapes* ou a possibilidade da construção de estúdios de gravação dentro de uma casa em um bairro da periferia de São Gonçalo, como serão vistos no decorrer dos dois primeiros capítulos deste trabalho²⁰.

Reunindo variadas referências estilísticas, artísticas, sociais e culturais mobilizadas por jovens nas periferias dos grandes centros urbanos do mundo, características de temporalidades distintas e combinando referenciais que caracterizam diferentes períodos históricos, a exemplo da mescla de referências da música percussiva, característica do processo de diáspora²¹, e das novas tecnologias digitais e eletrônicas consolidadas e massificadas no século XXI, das artes de vanguarda e do *spray* de aerosol como é o caso do *grafite* e a dança *break* que também combina elementos das danças contemporâneas e da capoeira a movimentos mais característicos dos anos 2000.

O próprio nome da primeira organização de *Hip Hop* do mundo, a *Zulu Nation*, faz referência a um passado africano comum, ainda que o contato de Afrika Bambataa, conhecido como pai do *Hip Hop*, com a palavra Zulu tenha se dado através de um filme britânico homônimo, ou seja, a história de resistência do povo Zulu como a mestra da vida. Assim, o *Hip Hop* se alimenta de referências ligadas à diferentes durações além de se constituir como um fenômeno contemporâneo é, também uma expressão resultante de mais de 400 anos de diáspora nas Américas, do acúmulo das experiências dos escravizados e seus descendentes.

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar aqui que o *Hip Hop* é constituído por referenciais que atravessam séculos, sendo também um produto de diáspora caribenha nos Estados Unidos no pós-guerra, muito influenciado pela luta pela descolonização do período, além de incorporar elementos da indústria cultural que se consolida no século XX, se manifestando como cultura de massas e ferramenta de influência da indústria cultural e do imperialismo estadunidense nos países do sul global, a exemplo do Brasil nesse caso como uma alternativa a modernidade ocidental, como ferramenta de expressão dos que historicamente tiveram a sua voz abafada, neste

²⁰ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p.

²¹ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

caso, como um elemento que articula globalmente uma juventude negra e periférica, conforme observado por Azevedo:

Nas produções identifica-se desde narrativas de escravizados e exescravizados reelaboradas nas músicas e religiosidades às formulações teóricas pautadas nos ideais do pan-africanismo e da negritude. Mas nada de afro-centrismo ensimesmado, muito pelo contrário, nas produções dos ativistas culturais e políticos se nota a busca de uma negritude "artistizada" e cosmopolita. A luta política contra o racismo e as humilhações diárias é feita pela afirmação de uma identidade negra internacional, ancorada, sobretudo no circuito África/América/Caribe/Brasil²².

Gilroy em seu método em O Atlântico Negro propõe um olhar também para África, Caribe e América, a partir da ideia de Navio em movimento²³ que nesse caso cruza as fronteiras entre o Atlântico Sul e o Atlântico Norte, segundo sobre a questão da influência mercadológica estadunidense onde ele diz que:

Se esta perspectiva de mercado ainda guarda qualquer versão de consciência pan-africana, é aquela que define o progresso pela extensão infinita e insustentável de hábitos de consumo - e de suas distintas visões sobre a hierarquia racial - norte-americanos para todo o planeta. Isto pode ter sido urna fantasia desculpável durante o período do Black Power, do funk e do soul, mas é urna opcão profundamente repulsiva na era da globalizacáo do hip-hop e da multi-cultura corporativa.²⁴

Entretanto, o autor propõe, ainda sob a ideia de diáspora, analisa esta questão com um outro olhar que ultrapasse o limite da ideia de raça mas que pense essas interrelações como formas "geo-políticas" e "geoculturais" de vida, que resultam do intercambio entre sistemas comunicativos e contextos, não só incorporando, mas modificando e transcendendo os limites²⁵ impostos pela indústria cultural numa lógica transnacional, além de uma crítica formal às tradições que consideram etnia, raça e cultura como quase sinônimos. Neste sentido, podemos pensar o Hip Hop no Brasil, não só como um indício da influência neoliberal norte-americana, mas ao mesmo tempo, um movimento que teve influência na organização de diversos movimentos sociais e políticos que articularam a juventude negra e periférica brasileira e mundial no período, em contraponto a tese do fim da história²⁶ e a uma ideia de modernidade única

²² AZEVEDO, Amailton Magno. Estética Negra e Periférica, Arte e Cultura. Revista de Teoria da História, v. 22, p.36-51, 2019. p. 38

²³GILROY, Paul. O Atlantico negro: modernidade e dupla consciência; Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

²⁴Ibid, 2001, p, 24.

²⁵Ibid, 2001, p, 2.5

²⁶FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

promovida pelos países da Europa Central e Estados Unidos. Nesse caso, ainda que em grande parte do período analisado, a questão étnico racial pouco seja mencionada pelos *Hip Hoppers* gonçalenses, podemos pensar em um movimento constituído em sua maioria por jovens negros e periféricos.

Para Glória Diógenes²⁷, juventude é uma categoria social definida como intervalo entre infância e vida adulta, a partir do final do século XIX, ganhando novos contornos no século XX, sendo moldada no turbilhão do tráfego das grandes cidades, no impulso "criativo" do desenvolvimento moderno, do industrialismo, do consumismo e da cultura de massas, sendo essa juventude um elemento "catalizador e propagador de um estilo moderno e cosmopolita"²⁸. Para a autora, os anos 1980 marcam diversas mudanças nos hábitos de consumo coletivo, isso se dá pela ampliação das lutas sindicais, da esfera pública, da participação da juventude em movimentos mais amplos, sobretudo no campo da produção cultural. Assim podemos pensar o Hip Hop como um estilo de vida negro, jovem, cosmopolita e periférico ao mesmo tempo, com uma capacidade de articular o local e o global.

Nesse sentido, o *Hip Hop* se configura enquanto conjunto de expressões culturais e artísticas mobilizadas pela juventude, negra, periférica, cosmopolita, subalternizada, das gerações do final do século XX e início do século XXI, como uma dessas possibilidades de articulação, identificação e atuação em meio a desigualdade, pobreza, racismo e violência e, ao mesmo tempo, a partir do acesso à novas tecnologias junto às desigualdades sociais produzidas pela distribuição desigual de recursos nessa etapa do capitalismo. Ainda que não exista consenso no *Hip Hop* em torno de uma perspectiva de ruptura revolucionária, principalmente no período em que o Hip hop no Brasil também se confirma como uma cultura massiva, existe mudança nos horizontes de expectativas dos seus adeptos, ainda que esses horizontes não combinem entre si.

No Brasil, o *Hip Hop* aparece em um contexto de avanço do neoliberalismo, de aprofundamento das desigualdades sociais e territoriais nos grandes centros urbanos, de desindustrialização, mas ao mesmo tempo com a difusão de novas tecnologias digitais, acesso à TV em cores e consequentemente à MTV. Esse contexto marca as características que o discurso do *Hip Hop* ganha, ao menos em primeiro momento na passagem dos anos 1980 para os anos 1990 onde os sujeitos das periferias vivem entre o

²⁷ DIÓGENES, Glória. Rebeldia Urbana: Tramas da exclusão e violência juvenil. In: HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 1990: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997, pp.112-133.

²⁸ Idem, Ibidem, 1997. p.114.

presente estendido, marcado pela repetição, pelo trabalho alienado, pelo subemprego, pelas repetidas notícias de violência, desastres ambientais e a possibilidade de aceleração através da notoriedade artística, o que o possibilita "enriquecer" e assim "viver avançado"²⁹, tema muito presente nas letras de *rap*, principalmente na segunda metade da década de 2010, junto a termos como "chegar primeiro" e "estar sempre a frente".

Essa "mistura" de origens e linguagens acontece no Rio de Janeiro e sua região metropolitana, territórios influenciados diretamente por esse discurso desde os anos 1990, muito mais que São Paulo onde os *Hip Hoppers* possuíam proximidade maior com os movimentos sociais de luta por direitos. No Rio de Janeiro, ao contrário, a estagnação econômica e a possibilidade de ascensão social através da ado processo de produção musical, à medida que o acesso à tecnologias digitais vai se tornando mais acessível na região —com lançamentos semanais gerando lucro a partir da massificação das músicas, ainda que em um circuito alternativo fora dos grandes meios de comunicação, propagando um estilo de vida onde se possa viver todos os prazeres ao mesmo tempo, o acesso a drogas, bebidas, lazer, viagens, roupas de marca mais caras, mudando a condição social —, está presente no imaginário da juventude, e o principal produto desta realidade é o *funk* carioca, que nos primeiros momentos também era chamado de *rap* mas que com o decorrer da década de 1990 vai se diferenciando do que se compreende como "Cultura Hip Hop"³⁰.

A música carioca feita a partir de versões de músicas do *Miami Bass*³¹ vai ganhando as suas características próprias e o gênero musical conhecido como *funk* se diferenciou do que hoje conhecemos como *Rap*, consagrado pelos *Hip Hoppers*. Simultaneamente com uma ligação com o movimento de associações e ONGs, à exemplo da ATCON na Cidade de Deus, o *Rap* em sua versão mais tradicional tem seu primeiro registro fonográfico lançado em 1991 com a participação dos posteriormente

²⁹ Nectar Gang. Avanço. *You Tube*. Rio de Janeiro. 22.fev.2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MoKTcehBlqA&ab_channel=NectarGang Acesso em: 01.05.2021.

Tudubom Records. Filipe Ret, MC TH, BK. Filipe Ret "VIVENDO AVANÇADO" pt. BK' e Mc TH (pd. Rick Beatz). *You Tube*. Rio de Janeiro, Tudubom Records. 26.ago. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ES7hPqTSY0s&ab_channel=TudubomRecords > Acesso em: 01.05.2021

³⁰ HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. 300p.

³¹ Vertente da música eletrônica negra jovem estadunidense que influenciou o que é conhecido no Brasil como funk carioca.

consagrados Gabriel o Pensador e MV Bill³². Por outro lado, o funk carioca, é associado pela imprensa à marginalidade, aos arrastões e ao crime organizado e o Rio de Janeiro vive nos anos 1990 uma espécie de caça midiática aos funkeiros. Ainda que a partir de 1995, o gênero passe a ser glamourizado por veículos como o Jornal do Brasil, conforme observado por Juliana Bragança³³, devido ao seu potencial econômico ele, também, foi incorporado pela produção acadêmica e pela aparição de artistas em programas de televisão.

Os resultados da pesquisa foram organizados em três capítulos. No primeiro "Hip Hop em São Gonçalo: territórios, grupos e experiências", abordaremos as movimentações na cidade na passagem dos anos 1990 para os anos 2000, a partir da inserção do grafite no bairro do Alcântara, observando a importância desse elemento para a divulgação da cultura Hip Hop como um todo em solo gonçalense. Acompanharemos, também, os grupos de break, os primeiros MCs e o início da cena das Batalhas de MCs, observando como, onde e por quem o grafite foi transformado em "noticias" analisando os veículos da imprensa tradicional.

No segundo capítulo "O impacto das novas tecnologias na cena do Hip Hop em São Gonçalo", procuramos refletir sobre em que medida o acesso às tecnologias digitais, como a internet em banda larga e acesso a equipamentos de filmagem e gravação na passagem dos anos 2000 para 2010, possibilitaram novos horizontes de expectativa para os jovens gonçalenses e a cena que construíam, o que influenciou no surgimento de eventos de rua, uma melhoria nas possibilidades de divulgação e profissionalização. Sem perder de vista as contradições entre os praticantes do Hip Hop e o poder público, como as tensões com a polícia durante a década de 2010, ao mesmo tempo os artistas da cidade ganhavam mais visualizações através das plataformas digitais.

No terceiro capítulo "O Hip Hop, territórios e monumentos em São Gonçalo" abordaremos o choque entre a expressão do Hip Hop em alguns espaços da cidade e os monumentos que se configuram como marcas de um passado a ser preservado. Ao mesmo tempo que acompanha a produção de memórias hegemônicas por parte de setores mais conservadores e tradicionais na cidade, destaca como o Hip Hop procura construir e reconstruir a memória sobre si mesmo e sobre seu lugar na cidade,

³² V.A. "Tiro Inicial" (Radical Records, 1993)

³³ BRAGANÇA, Juliana da Silva. "Porque o funk está preso na gaiola" (?): A criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil (1990-1999). 165 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

procurando se diferenciar dos projetos políticos e discursivos anteriormente inscritos no cotidiano do município ancorados na lógica do mercado no decorrer do século XX.

Capitulo 1. O Hip Hop em São Gonçalo: territórios, grupos e experiências

Pensando o *Hip Hop* como um fenômeno da passagem do século XX para o século XXI procuro analisar as práticas e estratégias artísticas, comunicacionais e mercadológicas de indivíduos e grupos que se expressam através dele na cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, em sua busca por visibilização e viabilização com base nas proposições de Canclini, tendo em vista as ferramentas técnicas e discursivas utilizadas. Chamaremos os produtores de cultura ligados ao Hip Hop, de *Hip Hoppers* e assim analisaremos sua relação com as instituições, com a política e com o mercado no período analisado. Este capítulo também tem como objetivo observar como as formas de articulação e organização dos Hip Hoppers da cidade de São Gonçalo foram apresentadas pela imprensa, elaborando explicações e momentos significativos de suas atuações frente a instituições públicas como escolas e instituições privadas como o SESC. Procuro, ainda, observar como esses agentes públicos e privados tentarão modelar a atuação dos sujeitos que constituem e se constituíram no o *Hip Hop* em São Gonçalo, sobretudo os periféricos e como os *Hip Hoppers* atuarão frente a essas organizações.

Outro objetivo deste capítulo é reconstituir o cenário *underground* em São Gonçalo, uma grande cidade com cerca de um milhão de habitantes que integra a região metropolitana do Rio de Janeiro – a Grande Rio, constituída por 19 municípios e criada em 1974 no processo de fusão dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara –, além de mapear em quais pedaços da cidade o *hip hop* se fez presente. Localizada a 25 km da capital, São Gonçalo foi um dos núcleos industriais mais antigos do estado e, por isso, considerada a "Manchester fluminense", entre os anos 1940/1960, imagem que progressivamente foi se alterando para "cidade dormitório", um "status" ou "estigma" em função da dependência de seus moradores dos empregos formais existentes em Niterói e no Rio de Janeiro que obriga um grande contingente a fazer deslocamentos diários para trabalhar e estudar. De acordo com Rosa, alguns bairros de São Gonçalo se destacaram em função do número de indústrias instaladas, como Neves e Gradim, enquanto outros "pelo elemento de modernização envolvidos na atividade" casos dos

¹ Para uma análise mais detalhada sobre o processo de desenvolvimento econômico da cidade e seu lugar na região metropolitana, ver: ROSA, Daniel Pereira. *De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica: trabalho, consumo e vida de relações de São Gonçalo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ)*. São Paulo, Tese de Doutorado em Geografia Humana, PPGH/USP, 2017.

bairros Alcântara e Guaxindiba.² Outros bairros de perfil popular cresceram e se consolidaram em torno das estações dos ramais de três ferrovias que atravessam o município: a Estrada de Ferro Maricá Neves, utilizada para transporte da produção agrícola e materiais primas para indústria – entre Maricá e Niterói –, atravessou os bairros de São Gonçalo, Rocha, Mutondo, Raul Veiga, Barracão, Sacramento, Santa Isabel, Salvatori, Rio do Ouro e Santa Eulália; o ramal da Estrada de Ferro Leopoldina, importante no transporte da produção industrial da cidade cortou os bairros de Porto da madama, São Gonçalo, Alcântara e Guaxindiba. A substituição dos trens pelos ônibus para o transporte da população deslocou, a partir da década de 1970, a abertura de loteamentos, oficiais e clandestinos, para o entorno das rodovias – RJ 106, que liga a cidade a Maricá e RJ 108 que possibilitou acesso à região oceânica de Niterói – intensificando a ocupação de bairros antigos, como o Jardim Catarina construído desde 1950 – e o processo de consolidação da cidade como "grande periferia metropolitana". ³

A leitura de reportagens publicadas sobre o *hip hop* em São Gonçalo ou de entrevistas de rappers, grafiteiros e outros integrantes permite mapear os locais onde eles nasceram e cresceram, onde criaram bandas e outros coletivos, localizar oficinas e eventos e também os que participaram deles. A partir dessas fontes venho reunindo referências a lugares que se repetem ou destacam – como o Jardim Catarina, Trindade, Chumbada, Alcântara, Jardim Catarina Velho, sob liderança do grafiteiro Bruno Fada, Colégio Estadual Ministro José de Moura e Silva, localizada no bairro do Rocha, Colubandê, Mutondo, distrito de Monjolos, Laranjal, Santa Izabel, Mutuám Patronato (Batalha do Tanque), casa de Tigrão Big Tigger no bairro da Covanca e Morro do Girassol no Colubandê (Girassol Hip Hop). No desdobramento da pesquisa pretendo reunir e articular essas referências fragmentadas para mapear os territórios que constituíram na cidade., procurando avaliar o que eles têm em comum e qual um mapa eles compõem.

-

² ROSA, Daniel Pereira. De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica, op. cit., p. 46.

³ ROSA, Daniel Pereira. *De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica*, op. cit., p. 60 e 181.



Localização de alguns bairros identificados na documentação sobre o hip hop em São Gonçalo.

A explicação sobre o surgimento do *Hip Hop* em São Gonçalo é atribuída – pelo discurso midiático e pelos próprios *Hip Hoppers* – como "resultado" e consequência de oficinas de *Break* e Grafite iniciadas com intenções educacionais e palestras em escolas públicas periféricas, que tinham por objetivo orientar os estudantes à acharem alternativas e formas de sobrevivência longe do crime e da pichação. Ao longo do período analisado, observaremos como o *Hip Hop* na cidade é utilizado pela imprensa como uma ferramenta para a renovação dos signos de distinção da juventude gonçalense ou seja, como a imprensa constrói diferenciações entre o jovem do grafite e o jovem pichador assim como o jovem *rapper* é diferente do jovem *funkeiro*.

Outro fenômeno que cresceu entre a juventude de toda a região metropolitana do Rio de Janeiro é a pichação que é também frequentemente associada a marginalidade e a criminalização da juventude. Ao observarmos as reportagens publicadas pelo jornal *O Fluminense* sobre grafite no Rio de Janeiro a partir do final dos anos 1990, constatamos que ele vai ser descrito como arte e possibilidade de profissionalização apresentado como uma alternativa à pichação, considerada um fenômeno marginal associado ao tráfico de drogas. Estas avaliações estão presentes em diferentes textos desse jornal, com sede em Niterói, como podemos ver em "Ex-Pichador faz arte em muros" e "Pichadores do Bem" ambos escritos pelo jornalista Claudio Emmanuel em julho e setembro de 1997, descrevendo o grafite como uma possibilidade real de ascensão

⁴ EMANUEL, Claudio. Ex-pichador faz arte em muros. O Fluminense. Niterói. 28.jul.1997 b

⁵ EMANUEL, Claudio. Pichadores do Bem. *O Fluminense*. Niterói. 27.set.1997c

social, destacando a possível relação do grafite com os empresários e uma alternativa e contraponto a pichação e a marginalidade juvenil.

Ao mesmo tempo em que o *funk* e a pichação viram sinônimos de marginalidade juvenil na imprensa tradicional, ainda que no caso do *funk* exista a partir de 1995 um contraponto a essa narrativa na própria imprensa hegemônica, o *rap*, o *break* e o *grafite* ganham mais apelo na cultura *pop* internacional e essas linguagens são frequentemente associadas ou difundidas na imprensa e nos meios de comunicação, em comentários sobre filmes como *Wild Style*⁶, *Styles Wars*⁷, *Collors*⁸, *Do The Right Thing*⁹, *Beat Street*, que começam a ser difundidos¹⁰ no Brasil, além da influência da estética da cultura urbanas nas revistas em quadrinhos e das diversas vertentes do movimento negro internacional. Essas linguagens estão presentes não só em filmes mas, também em propagandas, trilhas sonoras, exposições e diversos meios de comunicação que também são consumidos pela classe média urbana e em grande medida por setores da classe trabalhadora em grandes cidades como São Gonçalo.

Ganha força nesse período a diferenciação, no discurso midiático, entre o pichador e o grafiteiro, entre o *fun*k como linguagem marginal e o *rap* como linguagem da juventude consciente, entre quem usa a arte como forma de expressão e perspectiva de afirmação social política e quem usa a arte para expressar a violência marcando o debate público desse período. Evidentemente essas construções simbólicas da mídia influenciam, e são influenciadas, esses agentes assim como condicionam a estratégia de visibilização e viabilização dos mesmos. O discurso em torno da violência juvenil ganha muita força no Rio de Janeiro, em particular as chacinas como a da Candelária e a de Vigário Geral ¹¹ e os arrastões na praia, forjando um imaginário geral sobre juventude e e violência. Essa narrativa fez com que parte da classe política e do setor privado investissem em "campanhas pela paz", implantando programas sócio educativos como o *Jovens Pela Paz*, uma iniciativa da administração Garotinho fomentada por instituições como a UNESCO ou através da criação de profissionais como o animador cultural pelo

⁻

⁶ WILD Style. Direção de Charles Ahearn. Los Angeles: Rhino Enternainment. 1983.

⁷ STYLES Wars. Direção de Tony Silver, Henry Chalfant. New York: Public Art Filmes. 1983.

⁸ COLORS As cores da Violência. Direção de Dennis Hopper, Roteiro de Michael Schifler. Los Angeles: MGM, 1988.

⁹ DO the right Thing. Direção e Roteiro de Spike Lee. Los Angeles: Universal Pictures. 1989.

¹⁰ Apesar de todos esses filmes terem sido lançados nos anos 1980, é na década de 1990 que eles ganham visibilidade no Brasil.

¹¹ HERSCHMANN, Micael. Na trilha do Brasil Contemporâneo. In:______ *Abalando os anos 1990: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*, 1997, pp.52-85.

governo Leonel Brizola em todo o estado do Rio de Janeiro¹², categoria incorporada e promovida pelo Serviço Social do Comércio-SESC, promovendo a glamourização do grafite assim como do chamado *funk* consciente e do *rap* em contraposição ao *funk* proibidão¹³.

Observando os discursos midiáticos em torno do grafite percebemos a estratégia de parte dos grafiteiros gonçalenses no sentido de se apresentarem como educadores e o grafite como ferramenta de transformação social, como é possível observar, por exemplo, na reportagem intitulada "Pichação para o bem" de Clarissa Monteagudo publicada pelo jornal O Dia, que propõe o grafite como um mecanismo de combate ao tráfico, a pichação e a delinquência juvenil. Com essas intenções o jornal destaca uma fala do grafiteiro gonçalense Pablo Boris: "Já fui um vândalo. Como líder de galera de funk, brigava com os rivais, pichava muros e, várias vezes, me vi em meio a tiroteios. Com as aulas, estou aprimorando a minha técnica, até me afastei dos bailes"¹⁴. Ou seja, tanto o ex pichador quanto o jornal apresentam o grafite como alternativa e solução para a pichação, para o baile funk e para a violência urbana, com a "arte" promovendo o desenvolvimento moral dos jovens, com respaldo dos grandes conglomerados midiáticos. A estratégia aqui é a distinção em relação à grande massa de jovens das periferias do Rio de Janeiro adepta do funk, do grafite que é colocado como ferramenta do processo civilizatório, seguindo, ao menos no discurso em relação aos meios de comunicação e como aquilo era noticiado, ainda que possivelmente como estratégia de sobrevivência e visibilização, como podemos ver o depoimento de Fábio Ema no documentário Manifesto Grafite promovido pelo SESC São Gonçalo: "Tirei vários, do Jardim Catarina, Trindade, Chumbada¹⁵, do crime". ¹⁶ Funkero, um MC do Jardim Catarina em São Gonçalo, também afirmou em entrevista ao ODB- Ol'Darth Bástarde: "Meu amigo de gang, de pichação, Fábio Ema, tinha uma Ong, a ASAC e começou a

¹² A função de animador cultural passa a existir no Rio de Janeiro como parte do Projeto dos Centros Integrados de Educação Pública, os CIEPs, no governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro. A ideia era estimular e promover um circuito cultural dentro das escolas. Sobre o tema ver: SILVA MOREIRA, Luiza. Dos barracões aos CIEPS: A Elaboração da Política Educacional Brizolista (1983 a 1987). 2020. Tese de Doutrorado, Programa de Pós Graduação em Educação, UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

¹³ HIP hop no SESC São Gonçalo. *O Fluminense*, Niterói, 27.jul.2002. Segundo Caderno.

¹⁴ MONTEAGUDO, Clarissa. Pichação para o bem. *O Dia*. Rio de Janeiro. [20-?]

¹⁵ Bairros da periferia

¹⁶ SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021.

me dar dinheiro para trabalhar para ele, dizendo assim "Funk, fica aqui, trabalha pra mim, não fica na rua fazendo merda"¹⁷.

1.1 Grafite nas escolas: oficinas e concursos

Em 1997, Fabio Guimarães (Fabio Ema), filho de pai advogado foi incentivado pela família, principalmente pela irmã Cristina, orientadora educacional do Colégio Dom Helder Câmara, a abandonar a pichação e começar a investir nas aulas de desenho e grafite, além de difundi-lo em escolas da região, sob inspiração de Keith Hering, um grafiteiro Nova Yorquino que começou fazendo arte nas ruas e logo ganhou espaço e notoriedade nas galerias em Londres e outros grandes centros ¹⁸.

Neste contexto, o grafite foi apresentado pelo jornal O Fluminense e pela animadora cultural Elaine Mira como uma solução para o "problema" da delinquência juvenil, a exemplo dos Estados Unidos, através da figura do grafiteiro citado, procurando diferenciar o grafite de outras formas de expressão artística juvenil do período e, ao mesmo tempo, como instrumento de elevação moral dos jovens. Podemos destacar, por exemplo, uma avaliação atribuída a Fábio Ema nestes termos: "O vício da cocaína é frequente dentre os pichadores, e isso também assustou Fábio Ema que faz questão de afirmar que não é viciado"19. Nessa primeira aparição de Fábio Ema nas páginas do jornal O Fluminense, o grafiteiro é retratado no caderno policial, como alguém que tinha tudo para ser um criminoso mas que através do grafite, consegue até apoio das autoridades e dos empresários locais para ministrar uma oficina de grafite nas escolas. A reportagem destaca o "arrependimento" de Ema sobre os problemas anteriores com a polícia e o fato de naquele período estar incentivando a prática do grafite após as pinturas no colégio. Outro ponto a ser destacado na reportagem, é o sonho do grafiteiro na época de fazer a faculdade de publicidade e o apoio de empresários à prática do grafite no sentido de incentivar a "profissionalização" desses jovens periféricos propícios à pichação e as drogas, elementos que o jornalista coloca como indissociáveis, ao contrário do grafite, destacado como expressão positiva através da breve apresentação do grafiteiro estadunidense Keith Hering. O periódico também atribui ao grafite a funcionalidade de "Deixar ambientes antes sujos, mais alegres,

-

¹⁷ MESSIAS, Lucas. Salve Gravado com Funkero. ODB. Youtube. 2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wKz_lMG0KRc&ab_channel=HippieMello> Acesso em: 01.05.2021. Essa entrevista não está mais disponível no canal oficial do ODB por conta da saída do entrevistador do coletivo que produziu.

¹⁸ EMANUEL, Claudio. Ex-pichador faz arte em muros. O Fluminense. Niterói. 28.jul.1997b.

¹⁹ EMANUEL, Claudio. Ex-pichador faz arte em muros. *O Fluminense*. Niterói. 28.jul.1997b.

bastando apenas que os interessados doem as tintas"²⁰, neste sentido, o grafite é destacado como algo que além da utilidade social de tirar os jovens da marginalidade, é algo que pode ter em si valor econômico e um sentido profissionalizante.

Outras oficinas e sessões de grafite foram lideradas pelo grafiteiro na região, a exemplo das atividades desenvolvidas nas escolas municipais Castelo Branco e Ernani Faria, ambas instituições de ensino pertencentes ao sistema municipal de ensino da cidade de São Gonçalo. Essa reportagem, apesar de ser a maior do caderno policial, está inserida em meio a notícias de assaltos e invasões, além de uma "Invasão do MST", o que sinaliza para a forma como a juventude pobre e periférica de São Gonçalo era considerada no debate público no período. Em entrevista realizada pelo autor com Elaine Mira, pedagoga e professora, na época funcionária contratada do governo do Estado, para atuar como "animadora cultural" ela conta como saiu a procura de Fábio Ema, que já era conhecido na região pelos grafites e, também, dentre os pichadores da área com a intenção de organizar um trabalho de conscientização sobre o problema da pichação e o grafite como prática seria uma forma artística, jovem para o êxito da sua proposta de combate a pichação na unidade de ensino para poder combater a pichação. Segundo Elaine, a ideia surgiu em função da preocupação com o "excesso de pichações que existiam na fachada" do Colégio Estadual Ministro José de Moura e Silva, localizado no bairro do Rocha e, também, a partir do diálogo com alunos parte do seu trabalho para promover e estimular "diversos tipos de linguagem nos alunos" já no ano de 1997.

A participação de Ema e outros grafiteiros na pintura de fachadas e concursos de desenhos em escolas se expande na região e afirma o grafite como a versão bem comportada da pichação, ao ponto de em outra reportagem do mesmo Claudio Emmanuel o título fazer referência aos grafiteiros Ema e Cubano como "Os pichadores do Bem"²². A diferença entre pichação e grafite é ainda mais acentuada pelo jornal com a inserção da reportagem sobre os grafiteiros no segundo caderno, destinado à cultura. O jornal também destaca a atuação de Elaine Mira e a sua importância por ter "descoberto" o trabalho do grafiteiro Ema e o convidado para ajudar a estruturar o

-

²⁰ Idem, Ibidem, 1997 b.

²¹ A função de "animadora cultural" foi criada na segunda gestão do governador Leonel de Moura Brizola em 1994. Ver mais em: ESTEVES, Vera Vergara; PEREIRA, Wally Chan; SIANO, Lucia Maria França. Uma competência emergente na gestão escolar: a animação cultural. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 13, n. 47, p. 169-180, 2005.

²² EMANUEL, Claudio. Os Pichadores do Bem. O Fluminense. Niterói. 27.set.1997.

concurso de grafite no colégio Moura e Silva. Duas décadas depois, Elaine descreve a iniciativa e o projeto da seguinte maneira:

No início, a escola era muito pichada e eu achava muito feio essa história da escola ser pichada, e aí os alunos me indicaram "ah, procura o Ema, procura o Ema..." Fábio Ema na época... tentei, fiquei um ano tentando falar com Fábio, mas ele não queria falar... tinha medo eu acho, questões dele lá, acho que ele já havia sido pego por causa dessa coisa da pichação... ai um dia eu fui na rua da feira, ele trabalhava na rua da feira, com uma loja de roupas, pintadas por grafite, do hip hop, né? Ele se assustou um pouco, mas aí conversou comigo, mas aí marquei com ele. Eu ia para a escola era 11 horas da noite, porque ele só aceitava.... fazer esse trabalho... à noite. A escola comprou todo o material, a diretora, na época Valéria, foi super parceira, aceitou comprar todo o material, 11 horas da noite eu ia para a escola com ele e um monte de grafiteiros. Muitos grafiteiros, o Eco, muitos deles estavam no início, muitos deles.²³

Dezessete anos depois, ao iniciar aulas de grafite ou os "espirros de cores" em 33 colégios públicos de São Gonçalo, selecionados dentre as escolas com "sérios problemas com violência e uso de drogas", Ema explicitou uma compreensão muito semelhante: "Não vou só ensinar a esses jovens a grafitar paredes, mas meus companheiros e eu queremos que *a arte seja uma roupagem para passar moral e cívica*". A mesma reportagem informa que Ema, "ao lado de artistas como Pluto, Diego e Mangue Boy, todos ligados à arte de rua, (...) vai ocupar a cobertura do Centro Cultural Joaquim Lavoura, na Estrela do Norte, e a Casa das Artes, no Centro" de São Gonçalo. ²⁴ Como desdobramento dessa experiência inicial, Fabio Ema "criou uma escola de arte urbana em uma estação de trem abandonada em São Gonçalo" além de outras em favelas do Rio de Janeiro²⁵.

Aquela primeira oficina de grafite na unidade estadual de ensino repercutiu e acabou sendo o fator que contribuiu para a solicitação do trabalho desse grupo de grafiteiros em outras escolas da região que passaram a colaborar até com empresas de limpeza pública como a Companhia de Limpeza de Niterói (CLIN)²⁶. Ou seja, podemos perceber mais um exemplo do grafite ganhando uma função estética de despoluir a paisagem urbana além de ser utilizado com forte apelo educacional capaz de "salvar" e "redimir" jovens que, de outra forma, estariam condenados ao crime.

²³ MIRA, Elaine. Entrevista [jan.2021]. Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo, 2021. 1 arquivo mp4 (73 min.).

²⁴ MENDES, Wilson. Pioneiro do grafite, Fabio Ema coordena projeto inédito em escolas públicas de São Gonçalo. *Extra*, 23 de setembro de 2014. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/rio/pioneiro-do-grafite-fabio-ema-coordena-projeto-inedito-em-escolas-publicas-de-sao-goncalo-14015972.html

²⁵ VALLE, Luciana. Conheça o trabalho do pioneiro na arte do grafite, Fabio Ema. Entrevista para a *Tarde Nacional*, 23 de abril de 2021. Disponível em: https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-rio-de-janeiro/2021/04/fabio-ema-grafiteiro-de-sao-goncalo-para-o-mundo. Durante 13 anos o grafiteiro trabalhou com o grupo O Rappa, "assinando a identidade visual e desenhando cenários de shows".

²⁶ EMANUEL, Claudio. Os Pichadores do Bem. *O Fluminense*. Niterói. 27.set.1997.

A reportagem de Betina Moura, publicada pelo mesmo O Fluminense no ano seguinte com o título "Grafitismo: Arte vence preconceito e enfeita muros" marca a segunda aparição do grupo de grafiteiros liderado por EMA na capa do caderno de cultura do periódico. Mais uma vez O Fluminense destaca o potencial caráter educacional e profissional do grafite, enfatizando o uso da estética em fachadas de lanchonetes e boates, ou seja, defendendo que ele poderia representar uma possibilidade de trabalho, atribuindo valor econômico ao grafite. Esta reportagem retrata a amizade entre Fábio Ema e Bruno Toy, com os grafiteiros pedindo doações de tintas e se comprometendo em troca deixar o ambiente mais belo. Essa matéria reverbera os feitos no ano anterior no sentido de restaurar a fachada do Colégio Liceu Nilo Peçanha em Niterói. Além de destacar a participação do grupo em shows como um dos Racionais MCs que teria acontecido no Canto do Rio em Niterói. Uma afirmação de Ema ganhou destaque na matéria "a ideia de pichar é escrever o nome todo embolado, a ideia do grafite é levar a beleza para as pessoas. Faz bem para a gente fazer isso". Ou seja, o trecho destacado da fala do jovem, expressa um contraponto entre o feio e o belo e, mais uma vez, o grafite é apresentado como expressão do belo enquanto a pichação é o feio.

Em outro periódico, o *Jornal do Brasil*, os "Neografiteiros" liderados por Ema são descritos da seguinte maneira "Latinhas de 'Spray' da 'Street Art' voltam na crista do Hip Hop a assustar mentes mais conservadoras e a fazer a alegria dos alternativos"²⁸. Essa reportagem de 1999 também reforça a diferença entre grafite e pichação, qualificando o primeiro como linguagem aceita pelas autoridades, pelo discurso oficial e pela mídia, enquanto a pichação não recebia o mesmo tratamento. Mas, aqui o grafite é apresentado como arte alternativa e não opositora²⁹, nesse caso, o grafite é uma opção de distinção, de renovação desses símbolos. A matéria ocupa uma página inteira do Caderno B de cultura do jornal e o jornalista Eduardo Graça traça um panorama histórico da "Street art afirmando no led. O *Jornal do Brasil* destaca as artes de Fábio Ema nas boates de Niterói Kaos e Bedrock, e em unidades da lanchonete Bobs e a decoração feita pelo grafiteiro na boate Garage, arte custeada pela Rede Globo para gravar um episódio do programa "Você Decide", elaborando a legitimidade do grafite associada às suas colaborações com o mercado e com a mídia tradicional, quando a arte

-

²⁷ MOURA, Betina. Grafitismo: Arte vence preconceito e enfeita muros. *O Fluminense*. Niterói. 27.ago.1998.

²⁸ GRAÇA, Eduardo. Os Neografiteiros. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro. 10.jan.1999.

²⁹ WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: *Cultura e Materialismo*. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

passa a ter uma função social e econômica. Essa reportagem marca uma das primeiras aparições midiáticas dos grafiteiros gonçalenses junto aos MCs que frequentavam a Lapa, no centro do Rio de Janeiro, dentre eles Marechal e Dom Negrone, este último morador de São Gonçalo. Apesar do *Jornal do Brasil* apresentar o grafite como elemento da cultura *Hip Hop* e da "pop arte", valorizando a sua chegada ao *mainstream*, ainda existe nela o esforço em diferenciá-la da pichação, ao destacar trecho de comentário de Helena Severo, Secretária de Cultura da cidade do Rio de Janeiro à época: "Infelizmente sofremos com os pichadores que atacam todos os prédios culturais da cidade"³⁰.

Ao mesmo tempo em que a imprensa repercute os concursos de grafite realizados na Escola Estadual Ministro José de Moura e Silva, Ema se junta a outras pessoas como Alex, Dentinho, os grafiteiros Akuma e Eco e funda, em Alcântara, a ONG Sobrados³¹ ou Associação Sobrados de Arte e Cultura, com apoio da ONG FASE³². Em pouco tempo, as oficinas de grafite no centro de Alcântara começam a ganhar novos adeptos, os ex pichadores Akuma e Eco começam também a realizar oficinas de grafite na ASAC que, segundo o grafiteiro Siri, aluno da primeira turma, tinha inicialmente duas turmas diárias. Além disso, recebia adeptos de outras linguagens ligadas ao *Hip Hop* como o *Break* através de Alex Siva (Pluto) e *Rap*, através do MC Funk³³. Quando perguntei ao grafiteiro Siri sobre o início da ASAC ele me respondeu da seguinte maneira:

"E aí qual foi o seu envolvimento com a ASAC, assim, cara, com a associação? Você chegou logo no início? Você viu o negócio acontecer? Então, como te falei, Diego era meu vizinho...a gente morava la... Fabio sempre tava la. Diego começou "você desenha mané, vamo fazer grafite" começou a me ensinar, Diego que me ensinou verdadeiramente o grafite. Quem me botou para fazer os primeiros grafites foi o Diego mesmo. E aí o tio dele veio conversar com a gente e disse "vai ter uma parada de aulas, queria que vocês começassem, vai ter a primeira turma que vai ser tipo... o nosso laboratório, vai ser só conhecido, para a gente ver como vai ser, o que tem que melhorar... Ai chamou eu, Diego, enfim, uma galera, Gene, Boris, Taz, Alma..tinha bastante gente cara, eu não tô recordando todo mundo assim... mas era."³⁴

_

³⁰ GRAÇA, Eduardo. Os Neografiteiros. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*. 10.jan.1999.

³¹ Sobrados ou Associação Sobrados de Arte e Cultura é outra forma como a ONG ASAC (Associação Solidária de Arte e Cultura) é conhecida após 2005, por acontecer em um sobrado na Rua Alfredo Backer, no bairro do Alcântara em São Gonçalo.

³² SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021.

³³ MC Funk é o nome pelo qual era conhecido no período mas, em 2008, Funk se torna MC Funkero e assim será mencionado neste trabalho em eventos que aconteceram após esse período.

³⁴ Entrevista com MEDEIROS, Vinicius realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Dezembro de 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos.

Ao ser perguntado sobre os nomes que integravam o coletivo naquele momento, ele respondeu da seguinte maneira:



Figura 1 Reportagem de Clarissa Monteagudo (O Dia)(1999 ou 2000). Eco e Ema sentados. Da esquerda para a direita Alma, Siri, Fada, Alex, Gene, Diego e Bóris.

Diego, Taz...Eu, Boris, Eu, Boris, Gene, Fada, acho que o Taca que agora é Diego Nunes Tatuador, acho que ele também tava, não lembro se Maco também tava, Arrá. Enfim, tinha bastante gente lá. E se não me engano tinha uma turma de tarde e uma turma de noite, eu acho que era isso. Ou uma turma de manhã e uma turma de tarde...Então tinha bastante gente, entendeu. Mas isso ele deixou bem claro, era tipo, era tipo uma turma de teste pra eles verem como é que ia ser, o que que tem que melhorar, onde acertar... foi tipo isso... E pra a gente aprender, é claro. A maioria ali tinha zero habilidade com spray.. Fábio já tinha experiência, Eco também, Akuma muito mais. Foi bacana.Foi maneiro, experiência bem maneira.³⁵

Sobre os critérios para a montagem dessas turmas da oficina de grafite, quando perguntei se "Já tinha uma peregrinação, assim, do Fábio, do Eco, do Diego?", o grafiteiro respondeu:

Pelo que percebi: O Fábio pegou os conhecidos dele. O Eco chamou os conhecidos dele que era Gene e Fada. E o Akuma chamou os conhecidos dele. Foi mais ou menos assim, sabe? Cada um chamou ali quem era... "Ah vou chamar esses caras aqui.." Ai juntou a galera la...Mas aí, a partir da segunda turma, ai acho que foi questão de peregrinação deles mesmo...foram as

-

³⁵ Idem, Ibidem, 2020.

sementes que eles deixaram por aí que brotaram lá na ASAC pra fazer curso, eu acho...36

Em 1999, quando foi realizada a terceira edição do concurso de grafite no Colégio Estadual Ministro José de Moura e Silva, indiscutivelmente o grafite já estava positivado no discurso das mídias tradicionais de grande circulação no Rio de Janeiro, e ganhou inclusive nota em coluna social destacando o nome do projeto "Piche não, Grafite!"37. Nesse ano, apesar de marcar os 499 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, e o tema do concurso foi o "descobrimento". A reportagem de Helvio Lessa ainda em 1999, destaca a tentativa dos grafiteiros de sensibilizar o poder público para que apoiasse a iniciativa, o argumento para o incentivo está no led da reportagem "Projeto incentiva a cultura popular com a realização de cursos de desenho"³⁸. Nesse período, a questão dos 500 anos de descobrimento do Brasil era uma temática presente na mídia, nas escolas e com o grafite não poderia ser diferente e acaba sendo o tema do terceiro concurso de grafite no Moura e Silva e também da exposição dos grafiteiros no SESC Niterói.

O texto de Veronica Macedo no Segundo Caderno d'O Fluminense, também destaca o tema 500 anos de descobrimento e os graffiteiros Ema, Akuma, Remo e Caribe que abordam através das suas pinturas, a chegada dos portugueses ao território que viria a se chamar Brasil, a vista do Rio de Janeiro e as mudanças tecnológicas.³⁹ Vitor Ramalho, o responsável pela galeria do SESC Niterói destaca que a intenção da instituição com a exposição é atrair o público jovem, considerando que o Hip Hop e a arte de rua, os permitiu alcançar esses objetivos. A matéria ocupou toda a página principal do segundo caderno, o caderno de cultura do jornal. Além disso, uma pequena nota na parte direita da página, aborda a pichação, nascida nos subúrbios dos Estados Unidos, como um instrumento para a marcação de território utilizado pelas gangues, tendo se tornado arte com "conteúdo social". Aqui, podemos observar o grafite, sendo contraposto para além da antítese à pichação ou a marginalidade juvenil, ou ao funk, mas como instrumento de difusão de uma certa perspectiva de noção de nacionalidade brasileira, de passado, legado, mas dessa vez mediando com uma estética que pudesse chamar a atenção daquela juventude naquele período sobre o tema. Aqui observamos a combinação entre mídia tradicional, o SESC como instituição ligada às entidades

³⁶ Idem, Ibidem, 2020.

³⁷ Estudantes vão 'grafitar' muro. *O Fluminense*. Niterói, 10.abr.1999.

³⁸ LESSA, Helvio. Pichadores saem da clandestinidade e são transformados em artístas em SG. O Fluminense. Niterói. 22.mar.1999.

³⁹ MACEDO, Veronica. Arte das ruas invade galeria. O Fluminense. Niterói, 16.fev.2000.

patronais e o estado numa tentativa de incorporação dessa nova linguagem ao seu esforço e tentativa de promover esse projeto de nacionalidade, a narrativa do descobrimento e da bandeira nacional, junto ao público jovem, ainda que esse projeto de nacionalidade exclua a maior parte da população brasileira e, em particular, os jovens periféricos.

O ano 2000⁴⁰ marca a consagração dos grafiteiros de São Gonçalo na mídia, com as pinturas no bairro do Alcântara sendo noticiadas até em colunas sociais, o grafite de Eco e Ema passa a ser solicitado para pintura de fachadas de obras públicas obras de reurbanização da cidade, no último ano do governo do prefeito Edson Ezequiel⁴¹. A edição do mesmo jornal *O Fluminense*, de 10 de Julho daquele ano, ressalta a atuação de Fabio Ema e outros grafiteiros na pintura da pista de *skate* da Praça Marinheiro João Cândido no Jardim Catarina, atrelando a presença do grafiteiro às obras de urbanização na Cidade de São Gonçalo. Na época o prefeito Edson Ezequiel e o Governador Garotinho, ambos do PDT e candidatos à reeleição inauguraram essas obras e o grafite aparece como uma possibilidade de enfeitar a paisagem.

Em 2001, o grafiteiro Eco aparece dando uma oficina e é identificado em *O Fluminense* como "parceiro de Fabio Ema da Ong Sobrados"⁴², esse evento também conta com oficina de DJ com Scooby e "Hip Hop" com Bolinho, nesse caso, Hip Hop significa break, rap e grafite. Essa reportagem marca uma aproximação dos atores ligados ao Hip hop às instituições SESC e Universidade Salgado de Oliveira. O tema da reportagem e do evento em si é a comemoração do "Dia de Zumbi", o *Hip Hop* enquanto linguagem diaspórica e cultura negra se insere nesse contexto como a representação da juventude naquele espaço promovido por ambas as instituições acima mencionadas.

Em 2002, o SESC São Gonçalo organiza outro evento de *Hip Hop*, com o objetivo de discutir as múltiplas linguagens e vertentes dessa cultura urbana. Segundo a matéria do *O Fluminense*⁴³, o evento contou com a participação de K2 e o CLAM, GBCR Rocinha, B Boy Bolinho, e os Gêmeos, tendo como grupo de abertura o "Ollho da Rua" integrantes do Projeto Escola de Paz da UNESCO, além da Banda Nocaute. O evento *Hip Hop* Cultura em Movimento que aconteceu no fim de semana e durou mais

⁴⁰ Construção do Hospital Geral será concluída. O Fluminense, Niterói. 10.jul.2000.

⁴¹ Edson Ezequiel também estava a frente da prefeitura no ano de 1992 quando foi inaugurada a Praça Chico Mendes, espaço que na década de 1990 e 2000 foi o ponto de encontro de diversos coletivos da juventude gonçalense.

⁴² GRILLO, Aline. Uma Homenagem a Zumbi. O Fluminense, Niterói. 22.nov.2001.

⁴³ Hip Hop no SESC São Gonçalo. O Fluminense. Niterói. 26.jul.2002.

de um dia, ofereceu *workshops* de dança e uma mesa redonda com o historiador Paulo Knaus e Fabio Ema, além de shows de Anfetaminaz e Don Negrone. Nesse momento, grafiteiros já haviam se transformado em temas de teses e eventos acadêmicos, ganhavam espaço nas ruas e em galerias e faziam acordo com construtoras. Na reportagem, quando vai se falar das *crews* ou grupos, e ala do Sobrados (ASAC), o historiador Paulo Knauss a define como "paraíso do grafite" o que mostra que além dos meios de comunicação, os meios intelectuais e a própria academia já reconheciam o potencial da cultura do grafite na cidade. O processo de reconhecimento desses artistas passa sistematicamente por rituais de consagração em diversos espaços, o que os leva a acessarem diversos meios, serem temas de reportagens e até de documentários. Apesar da mudança do tom, de espaço conquistado na imprensa e da mudança na abordagem, desde o primeiro momento é comum no discurso público o grafite ser frequentemente colocado como uma versão melhorada da pichação, como uma possibilidade de livrar os jovens periféricos do crime, das drogas, da pichação, do baile *funk* e de diversas outras questões consideradas como problemas sociais por essa mesma imprensa.

A partir de 2000, os grafiteiros e consequentemente as outras linguagens ligadas ao *Hip Hop* na cidade passam a ser enxergadas de forma positiva por instituições como SESC e universidades, conforme podemos observar no conjunto de documentos analisados nas páginas anteriores. Além das matérias de jornais e em colunas sociais, Ema, Eco e Akuma ganham mais espaço e inserção midiática e a medida em que isso vai acontecendo, esses artistas passam a ser demandados para atividades e eventos fora de São Gonçalo e passam a organizar cursos de grafite em outros territórios. Ema passa a trabalhar para a banda O Rappa⁴⁴, "assinando a identidade visual e desenhando cenários de shows", além de colaborar com um projeto do Gilberto Gil⁴⁵ ao mesmo tempo que a ASAC deixa de existir na cidade, com um breve retorno em 2005, ainda que exista uma nova safra de grafiteiros, B Boys e MCs prontos para assumirem a liderança da cena do *Hip Hop*.

O CLAM sigla para Consciência, Liberdade, Atitude e Movimento, coletivo de Hip Hop Gonçalense que tinha a prática de realizar oficinas de *Break* e *RAP* em

⁴⁴ SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021. Ver, também: VALLE, Luciana. Conheça o trabalho do pioneiro na arte do grafite, Fabio Ema. Entrevista para a *Tarde Nacional*, 23 de abril de 2021. Disponível em: https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-rio-de-janeiro/2021/04/fabio-ema-grafiteiro-de-sao-goncalo-para-o-mundo">https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-rio-de-janeiro/2021/04/fabio-ema-grafiteiro-de-sao-goncalo-para-o-mundo.

⁴⁵ Alex. Elogios. *O Fluminense*, Niterói, 19.set.2000.

comunidades, casas de detenção⁴⁶ – liderado por Dinho K2 e integrado pelos B Boys Bolinho e Pluto – começa a atuar de forma mais frequente na cidade e os anos posteriores acabam marcando a emergência de MCs e B boys que constroem junto aos Clubes Mauá e ao SESC o evento São Gonçalo In Rap que aconteceria em 2006. Além do CLAM, surge a Banda Prioridade SG, formada por jovens remanescentes da ASAC e o Projeto Geração na Trilha e o evento Na Trilha das Praças, iniciativas incentivadas em um primeiro momento pelos integrantes da Banda Prioridade SG.

Essas movimentações começam a incentivar MCs gonçalenses, como Tigrão Big Tigger, Funkero e Dom Negrone, que antes faziam muitas apresentações e participavam de Batalhas de Rimas na Lapa⁴⁷, a se apresentarem na cidade, o que cria o cenário propício para o surgimento de novos MCs no território. Luã Gordo, MC que posteriormente fundaria a Batalha do Tanque em 2011, afirma que já acompanhava o desenvolvimento dessa cena desde 2005 e esteve presente no evento Na Trilha das Praças que aconteceu no bairro do Colubandê⁴⁸. Apesar dos MCs já fazerem parte de alguns coletivos e frequentarem a ASAC o protagonismo até então era do grafite. Em nossa análise, esse fato pode ser explicado pelo fato do grafite poder ser utilizado como contraponto direto à pichação, que para o conjunto das autoridades, da sociedade civil e da imprensa gonçalense, é uma prática a ser combatida, por isso o grafite neste período tem esse espaço na imprensa e na relação com os governos e instituições e é valorizado em todos as fases do Hip Hop Gonçalense, muitas vezes sendo descolado de outras formas de expressão e linguagens atuantes nos mesmos eventos e movimentos.

Analisando esse conjunto de documentos, desde a entrevista com o grafiteiro Siri e as reportagens nos jornais O Fluminense e Jornal do Brasil, podemos perceber por um lado uma juventude periférica, liderada pelo grafiteiro Ema, a fim de se expressar e se inscrever no espaço urbano, por outro lado, observa-se a tentativa da mídia tradicional local de tentar produzir um discurso em torno da prática do Grafite e do Hip

-

⁴⁶ Entrevista com SILVA, Alex (Pluto) realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021. arquivos mp4. 76 minutos.

⁴⁷ Trama chega à terceira edição da festa Música Urbana com line up reforçado. *Agência Carta Maior*. Rio de Janeiro. 15.out.2002. Disponível em: https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Tramachega-a-terceira-edicao-da-festa-Musica-Urbana-com-line-up-reforcado/12/5522 Acesso em: 22.03.2021. 202 filmes. Funkero depoimento completo. *O Som do tempo*. 20.nov.2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h-B85zjIy00> Acesso em: 22.03.2021.

BIG TIGGER, Tigrão. Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Dezembro de 2020. 1 arquivo em mp3. 10 minutos.

⁴⁸ Entrevista com GORDO, Luã realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Março de 2021. arquivos mp4. 91 minutos.

Hop em geral no sentido de homogeneizar e retirar o seu caráter contestador, a fim de construir um produto que possa servir como solução paliativa a problemas sociais como pichação e o "funk" em determinado momento. A incorporação das linguagens do Hip Hop na programação do SESC da região e no programa "Jovens Pela Paz" vai ter esse caráter, o grafite ou o Break no sentido de tentar tirar os jovens do crime, das drogas e da pichação, servindo como ferramenta para enquadrar parte da juventude periférica em um comportamento cidadão, sem oferecer a esse jovem os serviços básicos, sem reconhecer esses sujeitos como agentes da própria história ou da história local mas como agentes voluntaristas de um ideal de civilidade vendido nos discursos institucionais da lógica liberal, tirando todo o seu caráter transgressor, constituído como um movimento ahistórico e sem perspectiva de mudança real.

Para além do discurso midiático, podemos perceber o movimento constituído por Grafiteiros, Pichadores, MCs, B boys em São Gonçalo como um novo horizonte de expectativa no período. Como uma ferramenta de expressão de novas ideias que marcam a contemporaneidade e elevação da consciência. Conforme podemos perceber, por exemplo, nas oficinas dadas por Dinho K2 e o CLAM em casas de detenção e os eventos do Geração na Trilha que começam a ocorrer dentro das comunidades. Mesmo quando a ASAC perde força e de certa forma o Hip Hop Gonçalense passa a frequentar com menos frequência as mídias tradicionais, entre 2002 e 2004, por exemplo, vão surgir novas lideranças como Diego Dipro, a banda Prioridade SG e uma cena de MCs na cidade que vão pensar em novas possibilidades de ocupação do espaço público, auto inscrição no espaço e formas de organização coletiva.

1.2 O Rap e o cenário underground em São Gonçalo.

Entre 2002 e 2004, a ASAC pausa suas atividades em São Gonçalo, seus principais articuladores Marcelo Eco, Fabio Ema e Clivison Akuma ganham notoriedade artística e passam a executar trabalhos fora da cidade. Nesse período outro movimento, que se desdobra a partir da ASAC, começa a ganhar forma com a fundação da banda Prioridade SG, formada por Diego (Diprô), Josiel Arrá (DJ e Grafiteiro), Thiago Miroslav (Guitarrista), Chicão e Neivaldo (MCs) e Henrique Cabrito que tinha uma banda de HardCore chamada Sereia do Mar, conforme podemos conhecer em detalhes na entrevista com o grafiteiro Siri que realizei virtualmente pelo aplicativo

Zoom. ⁴⁹ A banda Prioridade SG se intitulava como banda de *Hip Hop* e além da parte musical, contava com o B Boy Mickey e o grafiteiro Siri. Arrá, Diego, Siri, Mickey, Chicão e Neivaldo eram frequentadores assíduos do espaço da ASAC no Centro do Alcantara⁵⁰. O *rap* com formato de banda era uma possibilidade, visto que nesse momento poucos tinham acesso a computador e a produção de instrumentais, portanto, essa era a forma mais viável de se produzir rap, cenário que vai começar a mudar com a ascensão das *mixtapes*, a exemplo de bandas como Planet Hemp e Pavilhão 9, grupos que no período faziam rap com banda.

O grupo Consciência Liberdade Atitude e Movimento (CLAM) também começa a se movimentar com mais frequência em São Gonçalo, composto por Dinho K2 (MC) e os B Boys Bolinho, Pluto, Serpente e Kaléo passam a atuar na cidade. Esses grupos começam a promover oficinas e eventos na cidade já no início dos anos 2000 e estarão envolvidos em grande parte das movimentações ligadas ao *Hip Hop* na cidade no período. Sobre o período mencionado e a paralisação dos trabalhos da ASAC, o grafiteiro Vinicius Medeiros (Siri) falou sobre a sua impressão sobre o período:

Entre 2002 e 2004, surgiram duas coisas que você participou, se não me engano, que foi o Prioridade SG e o coletivo Geração na Trilha, como uma continuidade da ASAC. Como você enxerga a importância desses dois movimentos para o desenvolvimento da cena do Hip hop na cidade?

Então... vou ser sincero com você.. Prioridade SG era uma Banda, Diego, Thiago, Neivaldo, Chicão, Eu no Grafite, Mickey no no como B Boy, enfim.... era um grupo, a gente tava la e tal...nessa época ainda tinha a ASAC, entendeu? a gente fazia alguns shows aqui pela região e tal, Itaipu, tinha grafiti ao vivo, tinha break e tinha banda tocando... e tocamos em muitos eventos em uma festa que tinha aqui no Vila 3, sempre tocamos lá, era muito maneiro. Chegou um momento que o ASAC...vamos dizer assim... ele não acabou, eu não lembro agora se a ele acabou e a gente começou a dar aula ou se ele acabou e a gente começou a dar aula... é daí que veio a ideia da gente dar aula...E a gente começou a dar aula no na Galeria das Flores no Alcântara.. o dono lá dessa galeria, deixou a gente dar aula lá e ele era candidato, na segunda feira depois da eleição, ele perdeu a eleição, ele expulsou a gente de lá, mano, ó vocês tão fora daqui, vão embora.. A gente deu aula lá, uns 4 meses, uns 5 meses por aí, dando aula lá, entendeu? e depois disso... a gente ficou sem local para dar aula... entendeu? Foi ai que entra o Geração na Trilha, cara... que a gente encontrou com Alexandre que era um cara que tinha um espação lá no Colubandê, sacou? E ele dava aula de reforço, e a gente foi para o espaço dele, e ai... Eu não lembro o porquê, rolou essa reunião com ele e a gente que trocar o nome e não era mais Projeto Prioridade, entendeu? Mudou para Geração na Trilha por que ele entrou no meio... e ai com ele, la, eu acho que o Prioridade SG foi tipo assim, o pontapé inicial que chamou a atenção de muita gente, entendeu? Até hoje eu tenho contato com Oren que foi aluno lá.. sabe quem é Oren, Nero? O Edon que era

-

⁴⁹ Entrevista com MEDEIROS, Vinicius [Siri] realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Dezembro de 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos

⁵⁰ Roteiro. Mais uma edição do projeto 'Som na Praça'. *O Fluminense*, Niterói, 28. Ago. 2005. Conteúdo também descrito na entrevista com Vinicius Medeiros, o Siri em 20 de dezembro de 2020.

colado com Oren inclusive, Renan Sabadão, que foi meu aluno lá era criança, agora ta com uns 2 metros de altura, já é pai e os caralho...então assim, lá foi um começo, um laboratório mas a coisa começou a valer mesmo lá no Geração na Trilha, lá no Colubandê, que teve que mudar de nome, por causa do Alexandre, eu acho.. e ai lá como a parada lá era maior, vamos dizer assim, a gente fez, o não sei se você sabe.. o na Trilha das Praças, que o Pericar⁵¹ tinha um ônibus que ele liberava para a gente, e a gente fazia esse show com grafite break e hip hop a vontade, nas praças...⁵²

Os dois momentos retratados por Siri, mostram políticos tentando se utilizar do voluntarismo e da vontade dos *Hip Hoppers* gonçalenses para construção de seus projetos. Os políticos em questão são Severino Pereira dos Santos, o Severo dono da galeria das Flores onde funcionava o Projeto Prioridade, e outra pessoa conhecida como Alexandre, que era dono do espaço no Colubandê onde ocorreram as oficinas do projeto Geração na Trilha. A ausência de nomes como Eco, Ema e Akuma, criaram a necessidade do movimento se reconstruir e os Grafiteiros, B Boys e MCs ali presentes não possuíam o mesmo respaldo midiático, das instituições, mídia e poder público conquistados pelos nomes mencionados, portanto não possuíam o mesmo poder de barganha e negociação com as instituições. Esse período ficou marcado pelas tentativas de reorganização das oficinas de Grafite, juntando o Rap e o Break, a exemplo do que a ASAC havia realizado anos antes, com o *Hip Hop* muitas vezes, por conta do voluntarismo dos agentes envolvidos naquele período, sendo utilizado para a mobilização de projetos políticos individuais, sem construção coletiva ou enraizamento social, conforme mencionado.

Antes de 2004, apesar de já existirem MCs em São Gonçalo como K2, William Du Contra, Tigrão Big Tigger, Fabrício White, Funk, Diego e Dom Negrone e DJs como Mangue Boy, Scooby e Arrá, eles participavam de eventos em outras cidades e a atuação dentro da cidade era muito restrita. Embora tenham realizado alguns eventos como o *Hip Hop* em Concerto no ano de 1998 no Colégio Gonçalense, e alguns eventos no SESC⁵³, algumas participações de MCs em shows de Rock, por exemplo, a atuação dos MCs de São Gonçalo demorou a acontecer de forma efetiva. Segundo Tigrão Big Tigger:

Então, na nossa época, vamo botar assim... lá pra 2000...Eu comecei em 98, com a Ciência Rimática e vim asfaltando esse chão ai, sendo que.. em São Gonçalo nessa época não tinha rap, eram poucos MCs que tinham em São Gonçalo, se você contar a dedo eram mais ou menos uns 10 MCs, entre eu,

⁵¹ Ricardo Pericar foi vereador da cidade entre 2015 e 2016. Atualmente é deputado federal.

⁵² MEDEIROS, Vinicius. [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos.

⁵³ GRILLO, Aline. Uma homenagem a Zumbi. *O Fluminense*. Niterói, 20.nov.2001. Hip Hop no SESC São Gonçalo. *O Fluminense*. Niterói, 26.jul.2002.

Diprô, Dipro já rimava, K2 MCs, os caras do Enraizados também...que atuavam em São Gonçalo... evento eu fiz em São Gonçalo... quer dizer na verdade era muito difícil ce fazer alguma coisa em São Gonçalo porque não dava tanta gente, então quando ce fazia eventos nessa época era evento undeground e evento pra poucas pessoas, pra 80 pessoas... era no máximo o que dava... porque o rap não tava tão evoluído como tá hoje, a gente não tinha internet, a gente não tinha nada pra poder divulgar as músicas, a dificuldade que era... os djs que eram bons e faziam beat cobravam caro...estudio era caro pra você gravar uma música... a dificuldade era essa... ...Já Abri show pra uma porrada de gente, desde Luiz Melodia, até Nação Zumbi...então o que a gente fazia? A gente ia pro Rio...porque no Rio, na Lapa, no final dos anos 90, entre 98, 99 e 2000 eu peguei essa febre de evento na Lapa, tinha o Zueira Hip Hop que tava começando.. por que foi a base de tudo, a raiz de tudo, onde todo mundo se conheceu era Shawlin, Marechal, Slow da BF, Ramon Procópio que nem rimava, galera do comando selva ninguém rimava.. galera ficava ali de platéia vendo a gente rimar fazendo freestyle.. São Gonçalo não tinha isso... mostrar um bom trabalho não tinha como... as vezes tem até tinha como mas se um político tivesse envolvido... hoje em dia é proibido mas na época a gente ganhou muito dinheiro.. o que eu falo e retorno, não tinha muitos mcs... fora outros mcs daqui de São Gonçalo que eu não lembro...quando a gente tava começando a fazer o zueira hip hop, São Gonçalo não tinha nada...a galera do skate gostava bastante do nosso som, das nossas rimas... 54

Embora o grafite gonçalense tenha ganhado notoriedade entre 1997 e 2002, saindo das páginas policiais e passando a integrar os cadernos de cultura, o *Rap* de São Gonçalo pouco aparecia nos mesmos jornais no período, com uma menção aqui, outra ali, mas muito pouco se comparado ao grafite. Boa parte dos MCs de São Gonçalo eram frequentadores da Lapa, ou alguma festa na vizinha Niterói, como mencionado por Tigrão na entrevista. Existiam poucos MCs, pouca estrutura, pouca visibilidade, os MCs de São Gonçalo precisavam ir à Lapa para terem contato com alguma cena de RAP, a exemplo de Funkero, Dom Negrone, Tigrão Big Tigger e Fabricio White. Em relação ao grafite, o *rap* era pouco valorizado, conforme mencionado pelos próprios MCs, não existia uma indústria do RAP nesse período, a possibilidade de ganhar dinheiro com o *rap* era muito restrita. Além de tudo, o *rap* é uma arte que depende de muitas pessoas trabalhando para acontecer, o *MC*, o *beatmaker*, o engenheiro de som, uma pessoa para cuidar do fonograma, outro para cuidar da parte visual, das capas dos discos, técnicos de som especializados.

Portanto, apesar do *rap* neste período já estar presente no Brasil, ainda não é tão presente na cidade de São Gonçalo por falta de equipamento, de profissional especializado e de recursos financeiros, do desenvolvimento dos meios de produção e reprodução da arte musicada neste território, devido ao atraso do acesso a certas tecnologias no município, consequente da posição periférica da cidade na região

⁵⁴ BIG TIGGER, Tigrão. [Dez.2020] [2] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020. 1 arquivo em mp3.

metropolitana do Rio de Janeiro. A maioria dos *MCs* de São Gonçalo neste período eram muito jovens, oriundos de periferia e estudantes de escola pública, e tinham muito menos acesso a recursos técnicos se comparados a outras regiões do Brasil, mesmo periféricas, como as da grande São Paulo, onde o *Hip Hop* já se desenvolvia nesse período, já possuía gravadoras próprias⁵⁵, muitas entidades e associações como a Casa do Hip Hop⁵⁶, coletivos e grupos consagrados como os Racionais MCs, o RZO, SP Funk e até certo apoio sistemático do poder público.

Entre 2002 e 2004, o Coletivo/Banda Prioridade SG começa a fazer shows na cidade e aparecer em eventos que não necessariamente eram de Hip Hop, ainda que se reivindicassem uma banda de Hip Hop. Quando se tem instrumentistas disponíveis a fazer música, pouco ou nenhum acesso a computador, a solução acaba sendo produzir o rap com banda, ainda que para realizar gravações com banda seja um processo mais trabalhoso e financeiramente mais custoso, pois tem o trabalho de gravar e cuidar de cada instrumento no processo de mixagem e masterização. No entanto, a banda facilitava as apresentações, as composições e até a participação do grupo em eventos que não necessariamente eram eventos ligados ao Hip Hop, a exemplo da festa do Vila 3, mencionada por Vinicius Siri⁵⁷ e do evento na Praça Chico Mendes⁵⁸. O ano de 2004 também marca o lançamento do álbum de estreia do gonçalense Don Negrone, chamado ARMAGEDOMNEGRONE⁵⁹, álbum que teve sua música título indicada em 2003 ao Prêmio Hutuz, um festival e premiação do Hip Hop Brasileiro que acontecia nos anos 2000. O disco do gonçalense não foi produzido em São Gonçalo mas ainda assim foi um fator que estimulou novos MCs a produzirem no território, no mesmo ano, o MC Funk, hoje em dia conhecido como Funkero, foi finalista das Liga dos MCs, o maior campeonato de rimas improvisadas do Brasil na época e durante três semanas seguidas frequentou dois dos programas de mais audiência da televisão brasileira na época: Fantástico, na rede Globo por duas semanas seguidas e Domingo Legal, apresentado no

⁵⁵ FIDELIS, Nina. O mercado fonográfico do rap no Brasil. *RAP NACIONAL*. São Paulo: 10.fev.2015. Disponível em: http://www.rapnacional.com.br/especial-o-mercado-fonografico-do-rap-no-brasil/ Acesso em 23.03.2021.

⁵⁶ DORNELAS, Luana. Como foi o surgimento da cultura hip-hop no Brasil. *RED BULL*. São Paulo: 17.fev.2021. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/music/O-surgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil Acesso em 23.03.2021.

⁵⁷ MEDEIROS, Vinicius. [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos.

⁵⁸ ROTEIRO. Mais uma edição do projeto 'Som na Praça'.

⁵⁹ TR. Boa Diversão. Dom Negrone em Solo Europeu. Rio de Janeiro: 10.nov.2005 Disponível em: https://www.boadiversao.com.br/guia/rio-de janeiro/noite/noticia/id/37549/rio festa Dom Negrone em solo Europeu4805> Acesso em: 23.03.2021.

SBT por Gugu Liberato⁶⁰. O ano de 2004 foi muito importante para reacender a chama do *Hip Hop* na cidade que não tinha tantos estímulos desde a pausa da ASAC por volta de 2002, o que ocasionaria o surgimento de novas articulações e as primeiras gravadoras especializadas no segmento na cidade, após um hiato de 16 anos desde o surgimento das primeiras gravadoras especializadas em *RAP* no Brasil⁶¹.

A Banda Prioridade SG, fundada em 2002, tinha o propósito de ser uma banda de Rap, com grande referência no Hip Hop, pois contava com um B Boy, grafiteiro, além de instrumentistas e MCs buscando organizar projetos com oficinas de DJ, MC, Grafite e Break, a exemplo da ASAC, divulgando os quatro elementos do Hip Hop na cidade. Entre 2004 e 2005, o Projeto Geração na Trilha, fundado por integrantes da Banda Prioridade SG, alguns ex-alunos das oficinas da ASAC e os DJs Bruno e Fred Ricow iniciado primeiro na Galeria das Flores no Bairro do Alcântara, que após um promissor início, deixa de acontecer, visto que o apoio do candidato a vereador Severo, foi suspenso após a eleição de 2004. Essa versão para a pausa parcial do projeto após 3 meses, reforçada pelo grafiteiro Siri, pode ser encontrada também em uma matéria, provavelmente no periódico *O São Gonçalo*, disponível na rede social *Facebook* do DJ Arrá, que veio a óbito em 2020:



"Em Agosto de 2004, os músicos, em parceria com os DJs Bruno e Fred Ricow, tiveram uma excelente ideia, oferecer aulas gratuitas através do projeto "Geração na Trilha". A iniciativa busca informar sobre a "cultura Hip Hop"(...) O espaço para aulas foi cedido pelo senhor Severo, dono da Galeria das Flores em Alcântara. Em menos de dois meses 150 alunos estavam escritos além de uma grande procura. Antes do projeto se firmar, vieram as

⁶⁰ CAMARGO, Zeca. Fantástico. Youtube, 19.nov. 2009. Disponível em

< https://www.youtube.com/watch?v=vOkVyHoujGk >. Acesso em: 23.03.21; 202 FILMES. O Som do tempo. Youtube, 20.nov.2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=h-B85zjIy00> Acesso em 23.03.21.

⁶¹ Op. Cit., 2015.

eleições. Segundo integrantes da banda: "Severo que era candidato a vereador no município, não se elegeu". De parceiro, o empresário se tornou algoz do projeto. (...) No dia seguinte do resultado da eleição, o empresário mandou um segurança despejar os voluntários, do nada, sem nenhuma explicação e em plena aula. 62

Depois disso conseguiram retomar atividades em um espaço no bairro Colubandê, na Rua Expedicionário José Lima, número 12, onde acontecia semanalmente oficinas de Grafite, Violão, Break, MC e DJ e esse momento acaba produzindo uma nova safra de MCs na cidade. O ano de 2005 e o Geração na Trilha, respectivamente do ponto de vista temporal e espacial foram o ponto de convergência para a segunda geração de MCs de Rap da cidade de São Gonçalo. Além de ser outro ponto que estimulou o crescimento da prática do Break e do Grafite.

Os MCs que davam oficina nesse projeto eram Diego (Diprô) um dos vocalistas da Banda Prioridade e Chicão, fundador da banda mas que havia voltado para a Igreja e nesse momento se dedicava a compor raps com mensagem cristã. Desse período surgiram os MCs Gel, Grilo, Laurinho, Venus, Perón, Peixe, Fly, Coquinho, Leandrinho, Cara de Gato, Neném, Nelinha e Bó Preto, os B Boys que davam oficina eram Michel, Mickey e Kaléo, os grafiteiros que davam oficinas eram Siri e Moes e Thiago Prioridade e CB eram os que davam oficinas de Violão. Daquele período surgiram também grafiteiros como Edon, Oren e Renan Sonho. Outra novidade do projeto, é que no ano de 2005, o Geração na Trilha organizou com apoio de Ricardo Pericar, vereador na época, o evento na Trilha das Praças, que a cada mês, acontecia um evento de Hip Hop em uma praça da cidade. Bairros como Colubandê, Rocha, Jardim Catarina, Santa Izabel e Mutuá⁶³ receberam edições do evento e nesses eventos gonçalenses que costumavam se apresentar mais na capital fluminense passam a aparecer periodicamente nos encontros da cidade.

O evento recebe shows de MC Funk, Tigrão Big Tigger, Dom Negrone, Manuscritos e outros MCs e grupos que já tinham destaque no Hip Hop Fluminense mas não costumavam fazer apresentações na cidade passaram a aparecer com frequência atuando no território gonçalense. Grupos como Inteligencia Urbana, Função MC e Família NSP, MC Chicão também são produtos deste período, o primeiro grupo, um trio do Jardim Catarina com DJ Max, MC Gel e MC Logri, o segundo uma dupla do

⁶²GUIMARÃES, Patrick; MARTINS, Angelo Cesar. Preocupação social dá origem ao projeto "Geração na Trilha". O São Gonçalo. São Gonçalo, 20-?.

⁶³ MEDEIROS, Vinicius. [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos.

Alcântara Diego (Dipro) e Laurinho (Forasteiro) e o terceiro Bó Preto e Manuh Tupac MC do Boaçu, a maioria desses MCs e DJs tinham outra ocupação além do Rap, Diego por exemplo, além de também trabalhar fazendo letreiros em fachadas através do grafite, também trabalhava de garçom aos fins de semana, MC Gel trabalhava em uma padaria no Jardim Catarina, DJ Max como jovem aprendiz na Caixa Econômica e Laurinho prestava serviço militar, MC Chicão era carteiro. A cena nesse momento ganha o reforço do avanço do programa de rádio Conexão Black, organizado pelo DJ Bruno, um dos colaboradores do projeto Geração na Trilha. A rádio não chegava em todos os pontos da cidade, era recebida na região do distrito de Monjolos: Laranjal, Jardim Catarina e parte do Alcântara, por ser uma rádio localizada em um local hoje conhecido como Caixa D'Agua, entre o bairro do Laranjal e o bairro do Vila 3. Essa cena é constituída por jovens, trabalhadores, majoritariamente negros, todos periféricos e com o objetivo de produzirem música, eventos, com programa de rádio, coletivo e articulando os quatro elementos do Hip Hop. O programa Conexão Black, apesar do nome fazer referência a toda uma cultura negra, era um programa que tocava majoritariamente músicas de Rap Nacional, Rap Carioca e um pouco de Rap estadunidense, além de ser uma ferramenta de divulgação dos novos artistas locais como a Banda Prioridade SG, MC Funk (Funkero), Cara de Gato e de ser um dos primeiros locais, talvez o primeiro a realizar uma Batalha de MCs na cidade, em um período em que pouco se falava em batalha de MCs.

O ano de 2005 também é o ano em que a ASAC volta a funcionar no Jardim Catarina, sob liderança do grafiteiro Bruno Fada, remanescente do período anterior.



Figura 2 Batalha de MCs na Rádio Trevo FM 2005. na Foto: DJ Max, Ordinael, Taz, DJ Arrá, Chicão, Leandrinho, Perón, MC Gel, MC Peixe, Diego (Diprô), Coquinho e Victor

Além das aulas de grafite, passa a oferecer também aulas de Break ministradas pelo B Boy Pluto, integrante do CLAM. No mesmo período, o bairro Jardim Catarina também começa a contar com o espaço da Lona Cultural do bairro para treinamentos e oficinas de Break em dias alternados aos dias de aula na ASAC. Segundo o B Boy Pluto, recebeu uma ligação do grafiteiro Marcelo Eco⁶⁴ e assim passou a ministrar as oficinas de Break na ASAC e a partir da articulação do CLAM, passou a ser pago pela prefeitura para dar aula de Break na Lona, ou seja, eram quatro dias de aula no mesmo território, dois remunerados e dois em regime voluntário de trabalho.

Essa articulação entre ASAC e CLAM, resulta no evento Anonimato Hip Hop, com apoio do Geração na Trilha, MCs, Grafiteiros e B Boys. Sendo um evento que recebeu personalidades do Grafite como Binho e Does⁶⁵ e aconteceu na Lona Cultural do Jardim Catarina tendo show de Dom Negrone, Funkero, Negra Rê. Em 2005 também acontece a primeira edição do São Gonçalo In RAP, no Clube Esportivo Mauá⁶⁶ sob a liderança de Dinho K2 e do grupo CLAM tendo como objetivo ser um festival de Hip Hop com a participação de DJ Arrá, Natty Dread, Mangue Boy e Scooby (Manuscritos), os B Boys Bolinho, Pluto, Michel, Kaléo e Serpente, os MCs Funk (atualmente conhecido como Funkero), De Leve, Prioridade SG, Adorasoul, Dudu de Morro Agudo, Fiel, Willian du Contra. O jornal *O Fluminense* mostra o evento como expressão da:

A cultura Hip Hop como um forte agente de transformação social". Essa é a bandeira levantada pelo São Gonçalo In Rap, evento que começou ontem e segue até amanhã, com apresentação de rappers, DJs, B-Boys e Grafiteiros. Entre as atrações musicais de hoje, está o rapper Dom Negrone, que sobe ao palco armado no Clube Esportivo Mauá, a partir das 21 horas.

"Queremos ampliar os horizontes da cultura Hip Hop e, principalmente, inserir São Gonçalo no roteiro cultural do Estado...⁶⁷

O SG In RAP, com proposta de ser um festival de Hip Hop no território gonçalense mas com o objetivo de atingir todo o estado do Rio de Janeiro, é mais uma experiência underground na cidade que se justifica como possibilidade de transformação social, como mecanismo de promoção da cidadania. Mais uma vez podemos observar como a mesma imprensa que escreveu anos antes sobre o papel do grafite como ferramenta de promoção da "cidadania", se movimenta para mostrar o RAP da mesma forma como o grafite foi representado anteriormente.

44

⁶⁴ Um dos Grafiteiros da ASAC.

⁶⁵ Binho e Does são grandes expoentes do grafite oriundos de São Paulo. Binho nessa época era editor da Revista Graffiti.

⁶⁶ Programação Agito. 'São Gonçalo In RAP'. O Fluminense. Niterói. 25.jun.05.

⁶⁷ Idem.

No ano de 2006, o Geração na Trilha perde força de organização devido a agenda dos voluntários, a maioria tendo outro tipo de trabalho remunerado -Thiago Miroslav e Diego Diprô na época trabalhavam na função de garçom, Vinicius Siri era técnico de informática, DJ Josiel Arrá produzia faixas, Chicão era funcionário dos Correios – e com a falta de recursos financeiros todos tinham que conciliar formas de correr atrás do sustento, suas próprias expressões artísticas e o trabalho voluntário nas oficinas. Assim, a falta de tempo e apoio aos poucos fez o projeto perder força, o político que apoiava o projeto "Na Trilha das Praças" se distancia do movimento e o projeto cada vez tem menos adeptos e voluntários que possam sustentar a organização e execução. Nesse ano, acontece novamente o São Gonçalo In Rap, organizado pelo CLAM, dessa vez dentro do SESC São Gonçalo, com a mesma proposta de evento do ano anterior e as movimentações mas os encontros entre os Hip Hoppers na cidade diminuem neste período que vai de 2006 a 2008. No ano de 2008 68 surge o Turbilhão Hip Hop que aparece na imprensa as primeiras vezes como "Movimento Turbilhão" e essa movimentação marca o surgimento de novos agentes do Break, do Grafite, também do RAP. Ao mesmo tempo que realizam acontece o Turbilhão no SESC São Gonçalo, acontecem oficinas de grafiti no mesmo SESC, com a liderança do grafiteiro Bulhões⁶⁹ e da Grafiteira Aila, remanescentes da ASAC e da B Girl Marcela Klayn. O grafiti segue sendo associado ao Hip Hop e mencionado como ferramenta de combate à pichação, chega a mencionar que o objetivo do SESC com esse projeto é também atender os jovens cumprindo medidas socioeducativas.

Neste sentido, fica nítido o interesse do SESC em utilizar a arte de rua para atrair os jovens e consequentemente os jornais e assim justificar a sua existência como instituição que oferece contrapartida social à sociedade. Nesse caso o problema social a ser "solucionado", continuavam a ser a pichação e a delinquência juvenil, fatores sempre mencionados pela imprensa e reforçados pelos agentes ligados ao SESC quando investem nesse tipo de atividades. A reportagem de Thayla Frade, traz o destaque à grafiteira Aila, uma das pioneiras do grafite feminino e grande incentivadora ao surgimento de novas grafiteiras no cenário, abordando as questões de gênero na prática do grafite no estado. Nesse período surge também a grafiteira Mika que posteriormente organizaria o evento Cores e Valores, além da B Girl Marcela Klayn que seria uma das

-

⁶⁸ MARQUES, Rafael. Novos Sons. O Fluminense, Niterói, 21.set.2008

⁶⁹ FRADE, Thaila. Grafite deixa sua marca nas paredes da região. *Jornal do Brasil*. Niterói, 26.fev.2008. Essa reportagem é referente a um projeto de aulas de grafite que acontecia no SESC em 2008 e a partir desse projeto de aulas ministradas pelo grafiteiro Bulhões, surge a ideia do Turbilhão Hip Hop.

grandes articuladoras do Turbilhão Hip Hop. Podemos destacar que a participação feminina começa a se colocar com mais ênfase a partir do Turbilhão, visto que posteriormente as Rodas Culturais do Alcântara e da Trindade seriam produzidas por mulheres a exemplo de Mayra Mesquita, Thayná Almeida e Keiza Resque produtoras de importantes eventos como Roda Cultural de São Gonçalo, Festival de Arte e Cultura de São Gonçalo, Roda Cultural do Alcântara e Girassol Hip Hop, além de Thaís e Aika Cortês representantes do Rap e Gi Mamuska representante do grafite como veremos posteriormente, somando esses nomes ao nome de Elaine Mira, é indispensável pensar a participação feminina na construção da cena do Hip Hop na cidade, em todos os segmentos, desde a produção até a execução da arte .

Em 25 de Outubro de 2008, localizei nova referência ao Turbilhão, agora no Jornal O Extra que traz o grafite e o Hip Hop como uma das "Tribos de São Gonçalo", junto a motoqueiros e skatistas. Dois locais são mencionados como espaços de reunião, a Praça Chico Mendes e o evento Turbilhão Hip Hop no SESC São Gonçalo. Na matéria é destacada a presença de Siri, Deck, Mickey B boy e Aila, considerada a única grafiteira da cidade até aquele momento. O Turbilhão, enquanto evento, contribuiu para o Rap Gonçalense no sentido de apresentar para o cenário alguns MCs que ajudaram a consolidar a cena, dentre eles Dante, LT, Mamut, Big Eddy, Miko, Gordo, além de ter sido o evento que consolidou as batalhas de rima na cidade, que no período posterior ganharia uma outra dimensão, tendo como ponto de partida esses MCs que se forjam no evento. Ainda que, naquele momento, o rap para a maioria deles não representasse um horizonte de expectativa profissional visto que Mamut era assalariado, Gordo trabalhava em um escritório de psicologia, Dante no administrativo de uma empresa de ônibus em Niterói, LT e Big Eddy terminavam o ensino médio de olho no mercado de trabalho. Soma-se a esses MCs a geração que se forjou no Geração na Trilha: Logri, Gel, Laurinho e Venus, esses seriam os MCs que dariam inicio às Batalhas de Rua em São Gonçalo no período seguinte.

O projeto Geração na Trillha e o CLAM no período entre 2002 e 2006, apesar de não aparecerem com a mesma frequência que a ASAC no início na primeira fase entre 1997 e 2002 nas mídias sociais, foram coletivos importantes para a constituição de uma cena de Rap Underground na cidade. Ainda que nesse período, o acesso a internet fosse extremamente limitado, existiam algumas formas de articulação e ponto de encontro desses agentes como a sede do Geração na Trilha no Colubandê, os eventos na rua chamados Na Trilha das Praças e até uma rádio comunitária a Trevo FM (90,7) que

abria espaço para um programa diário dedicado ao Rap e ao Hip Hop na cidade. Essas movimentações não ofereciam ao estado e aos meios de comunicação, o que os grafite no final dos anos 1990 e inicio dos anos 2000 ofereciam, a ideia de serem uma ferramenta de combate ao funk e a pichação, o funk já estava consolidado de certa forma nesse período, inclusive com e a ideia de contrapor o grafite à pichação já não fazia mais tanto efeito, tendo em vista que muitos pichadores também eram grafiteiros e muitos grafiteiros não deixaram de ser pichadores. Além do fato de que um dos principais MCs de São Gonçalo na época, era o MC Funk, que havia sido finalista da Liga dos MCs, na época o principal campeonato de rimas improvisadas do Brasil, sendo destaque, ainda que esse fato seja isolado, em dois dos principais programas da televisão brasileira aos domingos na época: O Programa do Gugu e o Fantástico. Ou seja, o Hip Hop gonçalense já não tinha mais, aos olhos do Jornal do Brasil e O Fluminense, uma missão civilizatória, ou se tinha, não fazia um trabalho impactante a ponto de ganharem tanto destaque. Ainda assim, podemos considerar que no período permaneceu nas ruas, na rádio comunitária, nas praças e foi um dos períodos em que mais se renovou. O Hip Hop já ocupava o território da cidade, o grafite já aparecia nas áreas onde o ônibus passava e cada vez mais novas movimentações de b boys, grafiteiros e MCs vão acontecendo.

1.3. A dança nas ruas: o Break em São Gonçalo

Nos anos 1990 as vertentes da dança de rua ganhavam visibilidade no Rio de Janeiro e no Brasil⁷⁰, além dos filmes Beat Street e da aparição de vertentes dessa dança em programas de TV como Xuxa Parque⁷¹ e até em novelas a partir da figura de Nelson Triunfo, o que fez com o que as danças urbanas de rua fossem conhecidas pela juventude dos anos 1990, aparecendo inclusive como opção de atividade física em academias.

Na época dos eventos organizados por Elaine Mira no Colégio Moura e Silva, além da presença da pichação e do grafite, também existia naquela escola dançarinos, onde Alex Pluto, uma das referências no Break na cidade, conheceu o Grafite e o Break no ano de 1998, através do grafiteiro e b boy Marc, conhecido como Marquinho, que na época dançava *Popping* e o B Boy Combo, que além de dançar, também pichava⁷². No

MONTEIRO, Antonio Thiago. Dança de Rua vem de NY. O Fluminense, Niterói. 5 e 6.mar. 1995. p.3.
 GOMEZ, Heloiza. Dança de rua. O Fluminense, Niterói, 25 e 26.jun.1995.p.8

⁷² Entrevista com SILVA, Alex (Pluto) realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021. arquivos mp4. 76 minutos.

período, o grupo The Best, um grupo de Break de São Gonçalo composto por Bolinho, D+ e Serpente que também pertenciam ao GRUPO DE RUA DE NITERÓI (GRN) foi visitar a Academia Onda⁷³. Apesar do The Best já se apresentar como um grupo de Break vinculado à cultura Hip hop, o que acontecia com o *boom* das danças de rua em academias eram as coreografias, feitas a partir de movimentos criados e fitas k7, "vídeos de shows e programas de TV"⁷⁴ que circulavam entre os dançarinos de dança de rua, que não era Break ainda, não era Hip Hop, era "outra vibe", segundo Pluto, se referindo ao que ocorria no ano 2000.

Na época existia uma rivalidade entre os grupos de Break The Best e Art Dance, que se enfrentavam quando se encontravam nas discotecas da cidade, a exemplo dos filmes "Beat Street" e WildStyle", na época o Art Dance era composto liderado pelo dançarino Marcelinho. O Break no caso é a dança do B boy, baseada nos movimentos top rock, up rock, foot work, freeze e power move⁷⁵. Dentro das danças de rua, esses movimentos caracterizam o B Boy, o dançarino da cultura Hip Hop.

Na mesma época, os b boys Serpente, Kaléo, Bolinho e D+ usavam o nome SG Breakerz para participar de batalha e em 2001 começou a acontecer as oficinas de Break nas escolas a partir do projeto "Jovens Pela Paz", iniciado no governo Garotinho. Uma das Escolas onde eram realizadas as oficinas de Break era o Colégio Estadual Adino Xavier, no bairro do Mutondo, localizado há menos de 1 km de distancia da ASAC e da Estação Ferroviária Pedro de Alcantara. Neste sentido, Pluto que dava aula de Break na escola, também frequentava a ASAC, lá se encontrava com os MCs Funk e Diego e também passou a frequentar o espaço como aluno das turmas de grafite, a ASAC funcionava como um espaço de integração entre os artistas e os elementos e fazer grafite na Estação Ferroviária Pedro de Alcantara, o que era um objetivo comum dos aspirantes a grafiteiro, como informa Pluto, isso se da pela influencia dos filmes e das revistas, onde o grafite sempre aparece intervindo na paisagem urbana, sobretudo nos símbolos da modernidade, principalmente nos trens e estações de trem e metrô. Pluto pertenceu a terceira geração de turmas da ASAC e é um dos B Boys que acompanhavam Dinho K2 e o CLAM nas intervenções em espaços como o SESC, casas de detenção, abrigos, comunidades no sentido de apresentar a cultura Hip Hop e palestrar sobre cidadania. O Coletivo CLAM, diferentemente da ASAC, tinha o intuito de promover debates como a

⁷³ Idem.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Entrevista com SILVA, Alex (Pluto) realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021. arquivos mp4. 76 minutos.

questão do racismo no Brasil, desigualdade social e até posteriormente software livre. Segundo Pluto a ASAC tinha um sentido mais profissionalizante, embora Fábio Ema também promovesse eventos em unidades onde jovens cumpriam medida socioeducativas, o CLAM tinha o caráter humanista mais afirmado em relação ao caráter profissionalizante⁷⁶.

A partir dessa articulação, os B Boys Pluto, Kaléo e Serpente passam a participar de grande parte das iniciativas ligadas ao Hip Hop promovidas na cidade, ASAC, Geração na Trilha, CLAM, esse trio funcionou como uma espécie de multiplicador, dessa geração surgiram os B Boys Maro, Patrick, Magrinho e Ceará.

O período do Turbilhão Hip Hop entre 2008 e 2010, o Break teve grande ascensão na cidade, visto que se tornou um ponto de encontro dos B Boys não só a nível local, mas a nível estadual, de mês em mês aconteciam grandes Batalhas de Break, ali MCs e B Boys se conheceram, alianças foram feitas, o grupo Soldados da Pista se consolida ali, o MC Mamut se consolida como MC naquele espaço e nesse período surgiram muitos B Boys na cidade, a quadra do SESC era um lugar propício a acontecer esse tipo de modalidade e no evento, os B Boys eram a grande maioria do público, inclusive a Batalha de Break era muito mais efervescente na época que a Batalha de MCs, visto que ainda não existiam MCs de Batalha o suficiente na cidade dispostos a participarem de Batalha e a Batalha de MCs sempre acontecia com o limite de participantes, fato que vai começar a se transformar a partir de 2011

⁷⁶ Idem.

2. O impacto das novas tecnologias na cena do Hip Hop em São Gonçalo

Os anos 2010 marcam o rompimento entre os Hip Hoppers de São Gonçalo com o SESC, uma busca por uma maior autonomia, e a ascensão dos eventos de rua por conta das rodas culturais que se tornam comuns em todo o território nacional, não sendo diferente no Estado do Rio de Janeiro, a partir da criação do Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP)¹. Este período também é caracterizado por mudanças tecnológicas que causaram uma ruptura na forma dos agentes de se relacionarem com a produção artística a partir das novas formas de difusão de vídeos, músicas e acesso a ambientes virtuais, período que o Facebook chega a 1 bilhão de contas em 2012² e os sistemas Android e do Iphone são acessados em quase todos os lugares, quando se tratando de uma realidade urbana. Assim surgem as primeiras gravadoras especializadas em RAP na cidade como Caverna do Dragão³, 360k e Hostil *Records* e as rodas de rima e MCs, a exemplo da Batalha do Tanque, do Festival de Rap de São Gonçalo e da Roda Cultural do que começam a ter visibilidade para além do território gonçalense, com vídeos que chegaram a mais de 1 milhão de visualizações ⁴, isso tudo pode ser acrescentado ao fator de que a cidade teve entre 2013 e 2017 os campeões estaduais e representantes do Rio de Janeiro no Duelo Nacional, com exceção de 2014, sendo eles Naan (2013)⁵, Orochi (2015)⁶, Samurai (2016)⁷ e Choice (2017)⁸, no ano de 2016, dos 8 MCs que se

¹ ALVES. R. Rio de Rimas. Rio de Janeiro. 1 Ed. Aeroplano. 2013. p. 4.

² G1. Facebook alcança 1 milhão de usuários ativos mensais. *O Globo*. 04.out.2012. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html Acesso em: 19.04.2021.

³ Gravadora fundada por Luã Gordo especializada em Rap fundada em São Gonçalo - RJ. Atualmente funciona em Nova Iguaçu - RJ. Ver mais em: Caverna do Dragão Rec [página do Facebook]. Facebook. Recuperado em 19 de Abril de 2021 de: https://www.facebook.com/CavernaDoDragaoRecords

⁴ Exemplo: BATALHA DO TANQUE. Orochi vs Jhony. (REI NÃO COME A PRINCESA) – FINAL - #ReidoTanque Edição 183 da Batalha do Tanque. Youtube. 17.dez.2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=G8-cpwJrBAI > Acesso em: 19.abr.2021.

⁵ Familia de Rua. Duelo de Mcs Nacional 2013 - A Grande Final - Naan (RJ) vs Big (SSA) (1^a Fase). Youtube.25.ago.2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=B18IvxGdOjU > Acesso em: 19.abr.2021

⁶ _____. Alves (DF) vs Orochi (RJ) - (Final) Duelo de MCs Nacional 2015 - 22/11/15. Youtube. 22.nov.2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_buLq3PA80k Acesso em: 19.abr.2021.

⁷ ______. Samurai (RJ) vs Sid (DF) (Final) - Duelo de MCS Nacional 2016 - 20/11/16. Youtube. 20.nov.2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=m_VJvignBYg > acesso em: 19.abr.2021.

⁸ ______. Choice [RJ] vs Krawk [SP] (4ª de Final) - DUELO DE MCS NACIONAL 2017. Youtube. 29.nov.2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jrAPCX0xmDY > Acesso em: 19.abr.2021

classificaram para o campeonato estadual que dava vaga no nacional, 4 eram da cidade: Fael, Pelé, Samurai e Jhony⁹, todos frequentadores e MCs que batalhavam no Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo¹⁰ mas, principalmente, na Batalha do Tanque. O período marca o início de um afastamento, aos poucos, do *rap* dos demais elementos da cultura *hip hop*, fenômeno que não acontece apenas em São Gonçalo. Sobre o período mencionado, a cena do Rio de Janeiro e suas transformações, MOURA afirma que:

No período de 2009 a 2016, percebe-se um grande desenvolvimento do rap desde um maior aprimoramento das produções fonográficas que começa na produção da base ou instrumental, a gravação do MC e a finalização da track, à organização que dá continuidade ao processo de propagar determinado conteúdo até outros ramos da produção isso sem contar com uma maior massificação por conta da inserção televisiva. Atualmente ninguém precisa gravar em beat gringo, ao menos que seja essa uma opção. Os beatmakers locais já construíram seus próprios estilos e linguagens, diferenciando-se num universo igualmente grande de produtores e beatmakers.¹¹.

O maior acesso às ferramentas tecnológicas aos artistas das periferias como o computador e a internet em banda larga, que durante grande parte dos anos 2000 foi restrita à classe média, permitem uma transformação no cenário do Hip Hop, sobretudo do rap, mudando a experiência dos hip hoppers no tempo. Esse fator cria a possibilidade de novos horizontes de expectativa, como ascensão artística e social, ainda que não para todos, sobretudo por conta da inserção do rap na cultura de massas, influenciando diretamente suas estratégias de viabilização e visibilização. Rôssi Alves, que em 2013 fez um trabalho pioneiro sobre o fenômeno que acontecia naquele mesmo período aborda que:

Blogs, perfis no Facebook, Twitter, fan pages, intensificam uma cena que contraria o que se imagina: que a juventude está mais desligada da arte, plugada que vive nos computadores. A rede de amizade e trocas artísticas fervilha na web, e vai, em boa parte, para as ruas.

Marcam-se dias e hora para lançamentos virtuais de clipes, de músicas. Convites para eventos diversos, relacionados ao rap, são enviados por esse

⁹ Batalha do Tanque. Jhony vs Fael - 1 fase - Estadual - Vila Isabel – 2016. Youtube. 02.nov.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=DH7n-EcO16A > Acesso em: 19.abr.2021.Batalha do Tanque. Samurai vs Guijazz [1° Fase] - Batalha de Vila Isabel / Nacional 2016 [Etapa RJ]. Youtube. 02.nov.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wYfZqmLSk6U > Acesso em: 19. Abr.2021. Batalha do Tanque. Pelé vs Vydau [1° Fase] - Batalha de Vila Isabel / Nacional 2016 [Etapa RJ]. Youtube. 02.nov.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=pK-GG_Md-Gs > Acesso em: 19.04.2021.

¹⁰ GONÇALVES, Josué; D'LIRA, Nathália; SANTIAGO, Renan; ALMEIDA, Thayná. De uma ponta a outra: duas rodas culturais que transformam a periferia. *Agência de Notícias das Favelas*. Rio de Janeiro. 15 nov. 2017. Disponível em: < https://www.anf.org.br/de-uma-ponta-a-outra-duas-rodas-culturais-que-transformam-a-periferia/> Acesso em 11.09.2021.

¹¹ MOURA, Arthur. *O ciclo dos Rebeldes*. 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e desigualdades sociais) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017, p.46

canal. O número de curtidas, comentários, compartilhamentos, confirmações em eventos indicam a importância do artista, da roda, do evento. 12

Para compreendermos melhor os impactos da chegada dessas ferramentas à cena do Hip Hop gonçalense, proponho que façamos uma breve digressão ao ano de 2008, uma referência temporal para pensar essa ruptura causada pela *internet* nas formas de articulação dos Hip Hoppers Gonçalenses. Esse ano marca o lançamento da "Mixtape Poesia Margina"l¹³, álbum do MC Funkero lançado pelo selo independente Café Crime¹⁴, com grande repercussão no cenário do RAP Brasileiro na época, contando com participação dos consagrados Gutierrez¹⁵, Max BO¹⁶ e Iky Castilho¹७, um dos principais produtores no Rio de Janeiro e, também, do álbum. Esse álbum, junto com a Ikys Tape Volume 1 (2004)¹⁶ do rapper e produtor Iky Castilho, Corpo Fechado (2009)¹⁶ do rapper Gutierrez e no mesmo ano o aclamado "Pra quem mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe"²⁰ de Emicida, marca a consolidação do formato das *mixtapes* no Brasil.

Formato que foi popularizado pelo rapper afro-estadunidense 50 Cent com a mixtape de 2002 "50 Cent is the future" Funkero nasceu e cresceu entre os bairros Jardim Catarina e Alcantara, circulando por Santa Luzia, Vila 3, estudou no extinto Colégio São Gonçalo no centro da cidade e na Escola Municipal Ernani Faria em Neves. Também conhecido como Funk, seu primeiro nome como MC e seu antigo nome na pichação, era um dos jovens que frequentavam a antiga ASAC no início dos anos 1990, junto com Fabio Ema e Marcelo Eco desde o mundo da pichação. Segundo o próprio, apesar de estar próximo do crime, nunca se afastou dos filmes, dos livros e da arte²² e o

¹² ALVES, Alves Gonçalves. *Rio de rimas*, op. cit.,p. 114.

¹³ FUNKERO. *Poesia Marginal Mixtape*. Rio de Janeiro: Café Crime: 2008.

¹⁴ Selo de Rap Independente do Rio de Janeiro. Ver: Café Crime RJ. [Página do Facebook]. Facebook. Recuperado em 20 de Abril de 2021 de: https://www.facebook.com/cafecrimerj/

¹⁵ DUDU. Gutierrez: *Das ruas sujas do RJ para o Oganpazan* – Entrevista. Oganpazan, Agosto, 2020. Disponível em:< https://oganpazan.com.br/gutierrez-das-ruas-sujas-cariocas-para-o-oganpazan-entrevista/ > Acesso em> 20.04.2021.

¹⁶ AZEVEDO, Ana. GUIMARÃES, Juca. Max B.O. rapper fundamental para a formação do hip-hop brasileiro fala sobre novo álbum. *R7*. São Paulo, 24.abr.2017. Disponível em: < https://entretenimento.r7.com/musica/max-bo-rapper-fundamental-para-a-formacao-do-hip-hop-brasileiro-fala-sobre-novo-album-06102019 > Acesso em: 20.04.2021.

¹⁷ Ikv Castilho. [https://www.facebook.com/IkyCastilhocafecrime/]. Facebook. 20.abr.2020.

¹⁸ Iky Castilho. *Iky'x Tape* Vol.1. Rio de Janeiro: Café Crime: 2004.

¹⁹ Gutierrez. Corpo Fechado Mixtape. Rio de Janeiro: Dichinelo: 2009.

²⁰ EMICIDA. *Mixtape Pra quem já mordeu um cachorro até que eu cheguei longe*. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2009.

²¹ 50 CENT. 50 CENT is the future. New York: Deep Distribuition: 2002.

²² L.A.P.A. Direção: Cavi Borges e Emílio Domingos. Produção: Cavi Borges e Gustavo Pizzi. Roteiro: Emilio Domingos e Cavi Borges. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.73 min.

sonho de ser escritor foi o verdadeiro motivo para se inserir no rap. Em entrevista ao ODB (Old Darth Bastarde) ²³ onde relata que o que o aproximou da vida do crime foi o fato de não ter pai presente e ter que "aprender a ser homem", "eu procurei influência masculina na rua", relato também exposto na música "Santo Amaro"²⁴ da banda Cartel MCs²⁵, da qual Funkero fez parte durante a sua trajetória. Seu primeiro grupo de rap, foi junto a Diprô Mc (Diego Guimarães), sobrinho de Ema e fundador da Banda Prioridade SG, DJ Arrá²⁶ e MC JP do Cubango, se chamava Contra-Ataque²⁷, o grupo não chegou a lançar um álbum mas segundo Diprô criaram algumas letras em conjunto e realizaram algumas gravações.

O MC Diprô, integrante da Banda Prioridade SG, chegou a fazer o back vocal de Funkero durante o período de shows da mixtape Poesia Marginal. Após sua participação na liga dos MCs de 2004²⁸, onde foi finalista, sendo a final televisionada no Fantástico, que rendeu mais duas aparições na televisão em mais dois fins de semana seguidos, o MC passou a ser solicitado a participar de projetos como Digital Dubs²⁹, primeiro Sound System do Rio de Janeiro, fundado em 2001, tendo como característica, além da atuação em festas, o coletivo também realiza produções musicais em parceria com artistas no sentido da criar música *DUB*, *Reggae* e *DanceHall*, além de ser um dos protagonistas do documentário L.A.P.A³⁰, documentário sobre a cena do *Rap Underground no* Rio de Janeiro, destacando a importância do bairro da Lapa para a cena musical e do Hip Hop, o artista grava a maior parte dos seus depoimentos para o documentário no bairro Jardim Catarina, criando uma conexão do seu bairro de origem

-

ODB. Entrevista com Funkero (O.D.B). Youtube. 18.nov.2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wKz_lMG0KRc&t=105s Acesso em: 20.04.2021. Essa entrevista foi realizada em 2015 mas havia sido retirada do AR pelo canal por conta de divergência com o entrevistador. Ver mais em:https://portalrnd.com.br/funkero-entrevista-salve-gravado-odb/ Acesso em: 20.04.2021

²⁴ Cartel MCs. Santo Amaro. Rio de Janeiro: 2014. (4:53 min).

²⁵ Cartel MCs. [https://www.facebook.com/cartelmcs/]. Facebook. 20.abr.2021.

²⁶ MERLIM, Matheus. Batalha do Tanque de SG em silêncio pela morte do DJ Arrá. São Gonçalo, *Plantão Enfoco*. 23.dez.2019. Disponível em: < https://plantaoenfoco.com.br/entretenimento/batalha-dotanque-de-sg-em-silencio-pela-morte-do-dj-arra/> Acesso em: 23.03.21.

²⁷ Grupo formado por Funk, Diego, JP e DJ Arrá na virada dos anos 1990 para os anos 2000. Informação dada por Diego (Dipro MC) via Whats app dia 22 de Março de 2021.

²⁸ Entrevista: MC Aori (Sobre batalhas de MCs). Sobre música. 13.dez.2006. Disponível em: < http://www.sobremusica.com.br/2006/12/13/entrevista-mc-aori-sobre-as-batalhas-de-mcs/ > acesso em 20.04.2021.

²⁹ ALBUQUERQUE, Carlos. Digital Dubs faz 10 anos e comemora o crescimento dos 'sound systems' no Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro. 21.jan.2011. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/digitaldubs-faz-dez-anos-comemora-crescimento-dos-sound-systems-no-brasil-2834058 Acesso em: 20.04.2021.

³⁰ L.A.P.A. Direção: Cavi Borges e Emílio Domingos. Produção: Cavi Borges e Gustavo Pizzi. Roteiro: Emilio Domingos e Cavi Borges. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.73 min.

São Gonçalo, com a Lapa, que_foi o grande ponto de encontro dos artistas do Hip Hop na passagem dos anos 1990 para os anos 2000, além de ser músico contratado da banda F.U.R.T.O, projeto de Marcelo Yuka³¹, ex-compositor e criador da Banda O Rappa. Essa notoriedade também o levou a ser solicitado em festas de *Funk*, chegando a participar de shows de Menor do Chapa, Frank e Mr Catra³², nesse mesmo período o MC escrevia e gravava as músicas que seriam compiladas em seu álbum de estreia.

As mixtapes inicialmente eram compilações feitas por DJs com rappers rimando em instrumentais já lançados ou músicas já lançadas como remixes³³, muitas vezes desconhecidas do grande público com o objetivo de divulgação dessas obras em um cenário alternativo ao dos grandes meios de comunicação e gravadoras. Também eram caracterizadas pela falta de registro ou pagamento de direitos autorais aos detentores do instrumental ou do sample³⁴ e inicialmente eram consideradas pela mídia, por gravadoras e pelo próprio estado como pirataria, inclusive levando à prisão pessoas como o DJ Drama nos Estados Unidos³⁵, visto que na época existia pouca legislação referente a esse tipo de formato musical. Ainda assim, o sucesso e reconhecimento do rapper 50 Cent, um dos primeiros MCs a adaptarem o formato criado pelos DJs, existente desde as primeiras organizações de Hip Hop, visto que a gravação e difusão das fitas foram as primeiras formas de propagação das novidades do Hip Hop na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, para a obra de vocalista de rap, tornando o formato uma possibilidade de ascensão e produção de novos MCs que ainda não detinham tantos recursos ou não possuíam um contrato com grandes gravadoras. Para a realidade brasileira, o formato foi perfeito para intensificar o processo de popularização do gênero, pois ainda aqui as condições de produção de instrumentais e acesso à tecnologia eram ainda mais precárias, devido ao lugar periférico do Brasil no capitalismo mundial, as mixtapes mudaram os horizontes de expectativas dentro da indústria do rap.

FERNANDEZ, Luara. *F.U.R.T.O. Olhar Socioambiental*. 17.dez.2009. Disponível em: https://olharsocioambiental.wordpress.com/2009/12/17/f-u-r-t-o/ Acesso em: 20.04.2021.

³² Cantores (MCs) de Funk do Rio de Janeiro.

³³ Versões de músicas já lançadas recriadas por DJs. Posteriormente surgiram os remixes feitos por MCs onde um MC acrescentava um verso na música já criada ou aproveitava o instrumental e o refrão da música para criar uma versão com o mesmo tema.

³⁴ Recortes de músicas utilizados para a criação de outras músicas, prática muito comum nas vertentes de música eletrônica, principalmente no Rap.

³⁵ KAWAIDA, Michael. *Mixtapes: A Brief History Of Hip-Hop's Ever Evolving Tool. Hot New Hip Hop.* 29.fev.2020. Disponível em: < https://www.hotnewhiphop.com/mixtapes-a-brief-history-of-hip-hops-ever-evolving-tool-news.103882.html > Acesso em: 20.04.2021.

A popularização do computador e da internet em banda larga, principalmente após as medidas criadas já na primeira gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que ocasionaram no aumento do acesso ao crédito e do poder de compra da classe trabalhadora, além do programa "Computador para Todos"³⁶, que oferecia a possibilidade da compra de computadores a preços populares, possibilitou que muitos jovens tivessem acesso a instrumentais de músicas consagradas, permitindo criar versões próprias em cima dessas obras, a exemplo do que ocorreu com o *funk* na passagem dos anos 1980 para os anos 1990³⁷ e também a programas de elaboração de instrumentais e edição de áudio digital como o *Fruity Loops Studio*³⁸, que por ser leve, se tornava acessível, funcionando em computadores não tão complexos com o auxílio de uma interface de som, que também se popularizava no Brasil. No mesmo período, os debates sobre o reconhecimento do Hip Hop pelo estado ganham fôlego e o CLAM cria o Observatório do Hip Hop, no bairro Monjolos, em uma região afastada do centro de São Gonçalo.

Na época, com uma interface de som³⁹, um computador simples, um par de monitores de áudio⁴⁰ e um microfone, já era possível ter um estúdio caseiro (*home stúdio*)⁴¹ e esses recursos tornaram mais acessíveis a criação e divulgação de rappers surgissem de maneira mais frequente.



Figura 3 Estúdio da Caverna do Dragão, uma das primeiras gravadoras especializadas em Rap em São Gonçalo, 2014. Fonte: Facebook de Luã Gordo, 25.05.2021.

³⁶AGÊNCIA BRASIL. Lula deve assinar, nesta semana, decreto que cria Computador para Todos. *A Tribuna*. Curitiba: 06.set.2005. Disponível em: https://tribunapr.uol.com.br/noticias/lula-deve-assinar-nesta-semana-decreto-que-cria-computador-para-todos/ Acesso: 22.03.2021.

³⁷ Ver: VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

³⁸ DJ BAN. Conheça o Fruity Loops Studio 10. 01.abr.2011. Disponível em: https://www.djban.com.br/blog/fruity-loops-studio-10/> Acesso: 22.03.2021.

³⁹ Equipamento de áudio responsável por conectar o computado à plataforma musical.

⁴⁰ Caixas de som específicas para trabalhos de mixagem e masterização musical.

⁴¹ Estúdio caseiro com objetivo de gravação de vocal em músicas eletrônicas como Funk e Rap

Como já mencionado, esse período é marcado pela ascensão dos eventos de rua em todo o Brasil, mesmo anteriormente à criação do CCRP, a exemplo de batalhas de MCs que reuniam jovens em vários espaços públicos em grande parte do território nacional, a exemplo da Batalha do Santa Cruz⁴² em São Paulo, da Batalha da Escadaria⁴³ em Recife, do Duelo de MCs⁴⁴ em Belo Horizonte, o que facilitava a distribuição via CD desses trabalhos de mão em mão e era uma oportunidade para esses artistas apresentarem seus trabalhos ao público, se desenvolverem como artistas, apresentarem e dividirem experiencias com jovens de outras regiões da cidade e fazerem alianças com outros jovens artistas e aspirantes a produtores, além de se colocarem como agentes políticos no espaço público com a ocupação do território, dando um sentido ao espaço que transcende ao território como espaço comercial. Além de proporcionar um encontro semanal, que de certa forma ajudou a formar um novo público do Hip Hop no Rio de Janeiro.

Com um computador, o rapper produzia, gravava, criava a capa, gravava o conteúdo na mídia digital em um dia e no mesmo dia poderia vender o trabalho em um evento de rua. A partir do exemplo do 50 Cent, muitos rappers passaram a vender seus próprios álbuns nesses eventos de rua. Essa figura do rapper, correria (hustler), vendedor do próprio trabalho ganha força no Brasil e impacta a cena do Hip Hop independente de forma considerável. Em poucos anos, não seria mais necessária a consagração nos jornais de grande circulação, o jabá e o vínculo a uma grande gravadora para que o artista pudesse tentar alcançar uma qualidade técnica profissional e um público suficiente para garantir a sobrevivência a partir da música, essa nova lógica de produção marca um período de maior manifestação do projeto expansivo da modernidade marchando sobre a linguagem do rap, onde as plataformas youtube, spotify, deezer, napster funcionariam como meio de transmissão, podendo vender aos patrocinadores intervenções virtuais que muitas vezes chegam a milhões de pessoas, com um preço mais barato que uma propaganda em televisão, muitas vezes com mais alcance, essa é uma nova forma de extrair lucro da arte, através da busca por visualizações e a venda de propagandas através dessas plataformas.

⁴² ARAUJO, Peu. VICE: *O Rap comenta a importância dos 10 anos da Batalha de MCs do Santa Cruz.* 29.set.2016

⁴³GOMES, Fernando. VICE: Língua Afiada: A nova guarda do Rap do Recife se encontra na Batalha da Escadaria. 03.set.2015.

⁴⁴ LEOCÁDIO, Thaís. Duelo de MCs de BH completa 13 anos e competição nacional é realizada em novo formato. Belo Horizonte, *G1 Minas*, 30.ago.2020.

A mixtape Poesia Marginal, além de ser uma das mixtapes a consolidarem o formato no Brasil, junto à Corpo Fechado de Gutierrez, marcam, as duas, um movimento de reencontro da música do Hip Hop, o Rap carioca com o Funk, na estética e no discurso, muitas vezes exaltando o outro gênero, até utilizando formas instrumentais pouco comuns até então na música rap e muito comuns no funk como o Tamborzão⁴⁵, o funk na época já tinha as suas formas similares de distribuição, os CDs vendidos nos bailes funk e pelos ambulantes de todo o Rio de Janeiro com as novidades do momento, geralmente com funks proibidões⁴⁶. Além disso, Funkero tem músicas que falam das temáticas mais clássicas do rap brasileiro dos anos 1990 como crime, violência, morte, os amigos que se foram, desigualdade social, geopolítica (com críticas ao governo George W Bush) mas também fala de festa, romance, baile funk, homenageando o baile funk mais antigo, visando ampliar o público ouvinte de rap que ainda não era significativo no estado do Rio de Janeiro, se comparado a outros gêneros musicais ligados à juventude como o funk. Se o Rap e o funk andavam distantes desde os anos 1990, Funkero é um dos que defenderam essa reaproximação, não só no discurso, como na prática, utilizando inclusive formas instrumentais muito recorrentes na época em seu álbum nas músicas 'Piloto de Fuga" e "Pros irmãos que se foram". Esse MC já faz essa defesa antes mesmo do lançamento do álbum, no filme L.A.P.A onde é um dos protagonistas, fazendo uma sessão de rima improvisada no formato de rap em uma festa de funk no bairro Jardim Catarina ao lado do MC de Funk Menor do Chapa.

A mixtape tem boa repercussão, considerando o público de rap naquele momento e o artista é convidado a se apresentar no maior festival de Hip Hop da América Latina, o prêmio Hutuz, o que o possibilita dividir palco com artistas como MV Bill, Racionais MCs e diversos outros. No mesmo período, o Turbilhão Hip Hop, evento que começa a acontecer no SESC São Gonçalo a partir de 2007, unindo os quatro elementos do Hip Hop em um domingo do mês e que formou uma geração de artistas do Rap, do Break e do Grafite, começa a se consolidar como um evento periódico na cidade de São Gonçalo, pela proximidade, por ser nascido e criado na cidade e antigo frequentador da Ong ASAC, a participação de Funkero no evento é recorrente, visto que nesse período Funkero é o MC gonçalense de mais prestígio. A sua

⁴⁵ Batida característica do Funk carioca dos anos 2000.

⁴⁶ GARCIA, Amaya. O que é funk proibidão? *Red Bull*. Rio de Janeiro. 15.mai.2017. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/o-que-eh-funk-proibidao Acesso em: 20.04.2021

proximidade com a cena gonçalense, o aproximou de MCs como Vênus, Laurinho, Logri, Mamut, Miko, Gordo Todos formados entre o Geração na Trilha e o Turbilhão Hip Hop, e o fez estar mais próximo desses artistas e ser uma espécie de padrinho da gravadora independente Caverna do Dragão, fundada por Luã Medeiros em 2009 com o objetivo de gravar e produzir o seu grupo Soldados da Pista e depois artistas locais que se destacassem nas Batalhas de rima da região, o Gordo que em entrevista afirma que

O cara que me incentivou muito foi o Funkero, eu não conhecia ele pessoalmente... não tem aquele CD? Poesia marginal? gente foi num show do Funkero.. lembra Geração na trilha, na Praça do Rocha? Do Colubande? Acho que se pa eu fui nos dois.. eu fiquei maluco nele, esse cara é foda... eu já tinha visto ele no faustão, no gugu.. ai Rafael era um amigo meu, o grande precursor de eu sair daquele menor marginal, zé droguinha e querer tomar rumo na minha vida... comprou dois cd do funkero, ele me deu esse cd do funkero, ele comprou dois e me deu um e nacapa dele tinha assim 'era produção do Iky, da Café Crime e tinha na capa assim os próximos lançamentos e tinha o CD do Zé Bolinho.. lembra do zé bolinho? O zé bolinho já era póstumo, já tinha morrido.. e eu fiquei de cara porque eu tava ouvindo as musicas do Zé Bolinho e depois que eu fui me ligar.. póstumo é porque o cara morreu..caralho.. mano.. o maluco morreu depois eu descobri que o Zé Bolinho morreu de câncer.. e com o Funkero... foi tipo uma identificação tipo 'caralho, o cara é do Catarina e conseguiu gravar um CD, não menosprezando que acho ele um dos maiores da cena do brasil até hoje, e eu pensei acho que posso também... e eu não queria cantar sozinho e inventei o Soldados da Pista' ⁴⁷

Se no território abordado neste trabalho, podemos afirmar que foi a gravadora que além de revelar artistas como Liink⁴⁸, HZD⁴⁹, Mamut⁵⁰, Orochi, Bruno Maquiny, Azevedo⁵¹, Naan e de certa forma produziu novas perspectivas aos MCs de São Gonçalo, trazendo um novo horizonte de expectativa que ia além daquele proposto pelos ideais pregados nas primeiras experiências do Hip hop da cidade e quando o elemento Rap vai ganhando mais destaque, visto que esses eventos começam a ser filmados e difundidos nas redes sociais no decorrer dos anos 2010, essa nova configuração de periodicidade e de encontros mudam as formas de ação e de inserção dos agentes no tempo, a necessidade de produção cada vez mais rápida é um fator que passa a cada vez mais ocupar o imaginário dos Hip Hoppers brasileiros, não só os Gonçalenses, principalmente os rappers. Soma-se tudo isso, ao fato do Hip Hop cada vez ganhar mais espaço nas redes sociais, sendo também reconhecido como uma cultura

⁴⁷ MEDEIROS, Luã (Gordo). *Entrevista concedida ao autor Klauder Gonzaga*. São Gonçalo. Março de 2021.1 arquivo mp4. (91 minutos).

⁴⁸ Liink Oficial. [https://www.facebook.com/LiinkOficial]. Facebook. Acesso 20.04.2021.

⁴⁹. HZD. [https://www.facebook.com/hzdope]. Facebook. Acesso 20.04.2021.

⁵⁰ MAMUT REI [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.1 arquivo mp4. (24 minutos).

⁵¹ Tudo sobre Modé\$tia. Da Batalha ao Milhão. *Revista Rap.* 28.nov.2018. Disponível em: https://www.revistarap.com.br/tudo-sobre-modestia/ > Acesso em: 20.04.2021.

legitimamente brasileira, em 2010, temos a primeira edição do Edital Prêmio Cultura Hip Hop 2010 - Edição Preto Ghoez

2.1 A Roda Cultural de São Gonçalo e a Caverna do Dragão

Desde 2008, entre o Turbilhão Hip Hop e o *boom* das Mixtapes, Luã Medeiros, o Gordo havia lançado seu grupo Soldados da Pista, que tinha a ideia de ser a reunião de um exército do Rap com seus amigos de infância Denis e Rodriguinho⁵², o grupo passa a se integrar junto a cena do Hip Hop da cidade. Após seus primeiros companheiros de grupo seguirem caminhos diferentes e o grupo no mesmo período ganha a entrada de Mamut e Miko, dois MCs que surgem nas Batalhas de MCs que aconteciam no Turbilhão Hip Hop, Mamut chega ao evento através do grafite e Miko, além de acompanhar a cena, era vizinho do MC Laurinho no Bairro Antonina, que tinha um projeto junto a MC Dipro da Banda Prioridade Sg, projeto chamado Função MC.

O Turbilhão Hip Hop passa os anos de 2009 e 2010 em crise, já correndo o risco de não acontecer mais no SESC, como podemos ver a matéria de matéria de Isabel de Araujo do dia 23 de Março de 2010⁵³, que retrata o momento em que o SESC havia cogitado não ceder mais o espaço ao evento por "questões financeiras", o entrevistado pelo jornal "Alex Santos" (Pluto) comemora o fato do SESC ter voltado atrás na decisão. Até que em 2010, por falta de acordo dos artistas do Hip hop que levavam as atrações locais ou da região com o SESC que já queria investir em apresentações de artistas mais consagrados como MV Bill e Rappin Hood, o evento foi perdendo a força e acabou deixando de acontecer dentro da estrutura da instituição, conforme podemos observar nas entrevistas do B Boy Pluto⁵⁴ e da então funcionária do SESC na época Elaine Mira⁵⁵. Houve uma divergência por conta do formato do evento entre a direção do SESC, representado na figura da Elaine Mira e dos hip hoppers que haviam elaborado o formato do evento mas dentro da instituição, o que culminou com o fim do evento por conta das divergências relacionadas ao direcionamento. Ainda na crise do Turbilhão, Gordo, Logri, Dante e Raphael Peralta passaram a organizar em 2010, a Batalha da Zé Garoto, mesmo sem som, na praça homônima, no centro da cidade de São Gonçalo,

⁵² MEDEIROS, Luã (Gordo). [Mar.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.1 arquivo mp4. (91 minutos).

⁵³ DE ARAUJO, Isabel. Turbilhão volta com tudo. *O Extra*. Rio de Janeiro: 23.mar.2010.

⁵⁴ Entrevista com SILVA, Alex (Pluto) realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021. arquivos mp4. 76 minutos.

⁵⁵ MIRA, Elaine. Entrevista [jan.2021]. Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo, 2021. 1 arquivo mp4 (73 min.).

evento que não durou muito tempo mas já demonstra essa necessidade dos *Hip Hoppers* de construírem novos espaços de atuação.

A Caverna do Dragão e a Batalha do Tanque cumpriram para os MCs da cidade, o papel que a ASAC havia cumprido anos antes para a visibilidade do grafite, no sentido de buscar organizar uma cena, rumo à massificação, principalmente entre jovens, conectou os artistas e o cenário da cidade à outras cenas como a cena que ficou conhecida como Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP), possibilitando uma regularidade de lançamentos musicais de artistas locais em um curto espaço de tempo, às vezes entre semanas e gerou oportunidades a jovens artistas que talvez demorariam alguns anos para adquirirem aquelas habilidades de produção, organização e viabilização. Neste sentido os MCs de São Gonçalo abriram novos horizontes de expectativa, como avaliou em entrevista, o MC Mamut Rei, um dos integrantes da gravadora e do grupo Soldados da Pista ao lembrar o que precisava fazer na época para fazer rap:

O que precisava fazer? Criar uma cena...porque na época Era Turbilhão uma vez por mês, movimento periférico que era no SESC Niterói era uma vez por mês, essa era a real...e era isso o que tinha de hip hop em São Gonçalo e Niteroi, mano..., quem queria fazer rap, fazia rap uma vez por mês, essa era a real... e ai foi ai quando fizemos o Soldados da Pista né? Que ai já é 2010.. na real 2008 nós fizemos soldados da pista na real... 2008, 2009,2010, 2011,2012... 2009 soldados da pista, 2010 começamos a fazer a batalha do tanque, se não me engano...que era pra ter mais alguma coisa de rap em são Gonçalo, porque não dava pra ficar só dependendo do turbilhão para curtir um rap, né mano...a gente sentia essa necessidade já... tinha um público maior, os amigos já não queria mais se ver uma vez por semana, uma vez por mês quero dizer, a galera queria se ver uma vez por semana, teve um boom de conhecimento sobre o hip hop em são Gonçalo e a gente queria ta junto para multiplicar as ideias....2009 eu entro no soldados, 2009 e em 2012 a gente lança o cd, minha vida.⁵⁶

Essa necessidade cada vez maior de mais encontros em um curto espaço de tempo se dá pela necessidade de se "curtir um rap com mais frequência" e é estimulado pelo acesso a novas ferramentas digitais, onde os agentes do Hip hop da cidade começam a enxergar outras cenas que já organizavam eventos semanais, a exemplo da Roda de Botafogo e isso foi possível devido às já mencionadas novas possibilidades de consumo das classes trabalhadoras e as ações de Luã Medeiros (o Gordo) e Mayra Mesquita, em equipamentos como computador de boa qualidade, monitor de áudio e interface de som, o suficiente para produzir música rap com uma qualidade cada vez mais próxima à qualidade profissional, gerando a ideia de que é possível fazer uma

⁵⁶ MAMUT REI [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.1 arquivo mp4. (24 minutos).

música que poderia ser ouvida em outros lugares do Rio de Janeiro ou do Brasil. Como estamos falando de São Gonçalo, assim como em qualquer periferia, muitas vezes essa vontade de produzir a música vem associada à necessidade de dividir o tempo com outro emprego, nesse sentido, Luã Gordo relata que:

> Foi quando eu comprei minha primeira interface, que eu gastei o dinheiro da comida para comprar minha interface⁵⁷, a interface chegou, ce abria minha geladeira e só tinha água mas eu tava feliz pra caralho... ai eu descobri que não adiantava só a interface, tinha que ter um microfone, um cabo, um pop filter 58

Sobre a questão da Roda Cultural em São Gonçalo e suas primeiras articulações, Luã Gordo após frequentar a Roda de Botafogo⁵⁹ disse que pensou que

> Deveria ter algo como aquele evento em São Gonçalo (...) e A Mayra conhecia o Romário, da época de Clã da Internet⁶⁰ e o Romário já era essa pessoa voltada para a política e para projetos culturais...e tinha a ideia de formar a Associação Jovens Gonçalenses⁶¹ (...) ai eu vi a oportunidade de ter jovens com a visão politica como a minha, de esquerda e tudo mais para fazer as coisas (...) eu não queria fazer parte da política, eu ia trabalhar na parte cultural, a minha parte era fazer os eventos e ta junto da AJOG (...) eu queria uma ajuda para ajudar a fazer o que tinha que ser feito (...) "Tinha um partido envolvido?" "A galera era ligada ao PT"(...) "era minha visão política na época, votava no PT na época (...) só não queria me associar"(...) "na primeira roda quem me ajudou foi os caras, na primeira e na segunda (...) foi evento do meio ambiente que a AJOG me ajudou (...) depois a AJOG começou a desandar (...) a galera quando fala que ajudou, mas ajudou o que? Uma vez mano? Depois eu fiquei la me fodendo (...).

O casal decidiu após o fim do Turbilhão Hip Hop realizar o encontro semanal na Praça dos Ex Combatentes no final de 2011, incialmente chamado de Roda Cultural de São Gonçalo. Em articulação com a AJOG⁶³, Associação Jovem Gonçalense, no dia 23 de Setembro de 2011 havia acontecido uma edição piloto na mesma Praça dos Ex Combatentes, com a intenção de ser um evento com Batalha de Tema focado no meio

⁵⁷ Hardware que permite uma melhor leitura de arquivos de áudio pelo computador.

⁵⁸ MEDEIROS, Luã (Gordo). [Mar.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.1 arquivo mp4. (91 minutos).

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Clã eram grupos organizados através da internet em São Gonçalo com o objetivo de criar encontros entre jovens nos shoppings da região nos anos 2000. O nome é uma analogia aos Clãs de jogadores de Counter Strike, um jogo de computador popular na década de 2000.

⁶¹ Associação Jovem Gonçalense. Entidade criada, a partir de uma articulação de alguns jovens da cidade no intuito de pautar junto à prefeitura políticas para a juventude. Ver mais em: ASSOCIAÇÃO JOVEM GONCALENSE. Ouem Somos? São Goncalo. 2011. Disponível https://associacaojovemgoncalense.wordpress.com/ Acesso em 11.09.2021. 62 Idem.

⁶³ REGIS, Romário. A História da Batalha do Tanque - Capítulo 1 [2011]. Romário Régis. São Gonçalo, 11.mai.2017. Disponível em: < https://romarioregis.com/2017/05/11/historia-da-batalha-do-tanquecapitulo-i-2011/> Acesso em 20.04.2021.

ambiente, o evento teve apoio da Secretaria de Cultura, com o então secretário Carlos Ney conseguindo a liberação do espaço, após esse período, a segunda edição em 14 de outubro de 2011 é onde o evento vai ganhando mais características de evento de Hip Hop, vão se aproximando os B Boys, grafiteiros e Hip Hoppers ligados às organizações de Turbilhão, Geração na Trilha e São Gonçalo In Rap, ocupar o espaço público era uma solução que resolveria os problemas da falta de espaço para a realização do Hip Hop na cidade no período, segundo Romário Regis, político e comunicador em seu *blog* pessoal:

muitas das pessoas inicialmente na organização se afastavam e o projeto ia ganhando um corpo focado no Hip Hop e Dom Negrone, Peralta, Dipro, MC Grilo iam encaminhando a proposta com referências e influências nos movimentos do Geração na Trilha, São Gonçalo In Rap e Turbilhão Hip Hop⁶⁴.

Após essa primeira edição, houve outra edição especial, no dia 5 de novembro de 2011 a partir do apoio da prefeitura, podemos ver novamente relatado no Blog do Romário Régis:

Família, amigos, namorados, ocupavam então a Praça dos Ex-combatentes, à partir das 14h no dia 5 de Novembro de 2011. A organização da Roda naquele período já era basicamente Luã Gordo, Eu, Bruno Carvalho e Wesley Martins com apoios eventuais de Dipro, Peralta, e outros nomes que nem sempre acompanhavam.⁶⁵

A ideia de realizar um evento de jovens em São Gonçalo, era algo que estava no horizonte de expectativas de muitos jovens, nem sempre representando os mesmos interesses, muitas vezes esses interesses indo de encontro uns aos outros, no caso do Gordo e dos *Hip Hoppers*, a ideia era criar uma alternativa ao fim do Turbilhão e do Romário Regis que consegue nesse período articular o Hip Hop da cidade com setores do poder público e tinha como objetivo na época construir uma articulação e juventude, que passasse pela cultura e pudesse representar também um projeto político de alternativa desses segmentos mas no âmbito da Roda Cultural de São Gonçalo. O rap foi cada vez mais tomando seu espaço e de acordo com Gordo, ele não dava conta de conseguir uma tela para o grafiteiro pintar e um decorflex⁶⁶ para os B Boys todas as

-

⁶⁴ Idem. Ibidem, 2021.

⁶⁵ Idem. Ibidem, 2021.

⁶⁶ MEDEIROS, Luã (Gordo). [Mar.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.1 arquivo mp4. (91 minutos). Decorflex, a grosso modo, é um tapete utilizado para que os B Boys possam fazer movimentos de chão em lugares onde o piso não é liso o suficiente.

semanas, pois por mais que tentasse, não conseguia apoio do poder público e a AJOG já não funcionava mais.

Gordo trabalhava de auxiliar administrativo em um consultório de psicologia e Mayra trabalhava como recepcionista em uma empresa de curso de idiomas. Ambos juntos investiram na época dinheiro do próprio bolso para alcançarem o sonho, a ideia inicialmente era produzir as músicas do grupo Soldados da Pista, depois expandir e se tornar uma gravadora independente especializada em lapidar artistas novos. Com essa pequena infraestrutura montada, o casal recebia em sua casa, onde também funcionava o estudio artistas como Funkero, Laurinho, Liink, e diversos outros e a cada visita uma nova música acontecia. Entre 2010 e 2013, o RAP começava a ganhar novos públicos e o cenário gonçalense ganhava relevância também em outros planos com os MCs Dante e LT da Batalha do Tanque, dois destaques da Tradicional Batalha do Real, uma das primeiras batalhas de rap do Rio de Janeiro, e Filipe Ret que juntos lançam o seu álbum Vivaz na Roda Cultural do Tanque⁶⁷. Posteriormente, o consagrado Sant⁶⁸ também chega a cantar na Roda e o espaço na Praça dos Ex Combatentes, no Bairro Patronato passa a ser frequentado por pessoas de todas as partes do Rio de Janeiro e os estudantes da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ e também a ser observada por pesquisadores, a exemplo de Rôssi Alves que escrevia um livro⁶⁹ sobre o fenômeno das rodas culturais no Rio de Janeiro.

Entre 2011 e 2014, a Batalha do Tanque vai a cada dia recebendo mais artistas e sendo comentada como um dos pontos de encontro do Hip Hop e principalmente do Rap do Rio de Janeiro. Felipe Gaspary⁷⁰, que na época trabalhava na ONG Movimento de Mulheres de São Gonçalo⁷¹, ficou responsável por filmar e postar na internet as etapas finais da Batalha do Tanque, MCs como Big Eddy⁷², Dante, Naan, LT. A partir de então, os vídeos das batalhas foram disponibilizados no Gaspary canal no Y*ouTube*

⁶⁷ Batalha do Tanque. Filipe RET VIVAZ : Pocketshow na 61° Roda Cultural de São Gonçalo. Youtube. São Gonçalo, 18.jan.2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=DaGYDMJDlfU > Acesso em: 20.04.2021.

⁶⁸ Batalha do Tanque. SANT - É O RAP - 112° Roda de São Gonçalo Batalha do Tanque / RJ..Youtube. São Gonçalo, 20.mar.2014. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=dTxOHpRr9-U > Acesso em: 20.04.2021.

⁶⁹ ALVES, Rôssi. *Rio de Rimas*, Op.cit, p. 114.

⁷⁰ NAAN. Felipe Gaspary (História da Batalha do Tank) - AindaSomosRap com NAAN - Ep. 05. Ainda Somos Rap. Youtube. São Gonçalo. 26.jul.2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=2MHseXlU2pI > Acesso em: 20.04.2020.

⁷¹ Movimento de Mulheres de São Gonçalo. Disponível em: https://www.movimentomulheres.com.br/ Acesso em: 20.04.2021

⁷² Batalha do Tanque. Big Eddy vs Dante// 66° Roda Cultural de São Gonçalo // Desafio do Tanque. Youtube. São Gonçalo. 28.fev.2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uGeHmNbSOb8 Acesso em: 20.04.2021.

identificados com o número da edição do evento do lado e o fato de existir uma filmagem sistemática e sua divulgação em redes socais, que incentivam o "marcar" ou "curtir" ??? as experiências ampliou a visibilidade do evento, sobretudo entre os mais jovens. À medida que o evento vai ganhando visibilidade, também começam a acontecer diversos problemas com o poder público. Podemos perceber o quanto a questão dos números tornou-se importante neste período, na mesma medida que existe um aumento de ocorrências de evento no espaço público da capital do Rio de Janeiro e sua região metropolitana no intuito da realização das rodas de rimas, o que ocasiona diversos conflitos com o poder público, como foi observado por REGIS em 2013:

Que mundo é o das contradições, todo mundo sabe, mas o Governo do Estado exagera. Ano passado, fora na Roda Cultural de São Gonçalo, para mapear o movimento como "Patrimônio Cultural do Estado" e a Roda entrou para o "Mapa da Cultura do Rio de Janeiro", projeto liderado pela Adriana Rattes, que é a Secretária Estadual de Cultura. Você pode ler sobre o mapa no link www.mapadacultura.rj.gov.br/sao-goncalo/hiphop/

Meses depois, chegamos em 2013, e já passando dois anos de Roda Cultura, vem a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, acaba com a possibilidade de som da Roda Cultural alegando que as noites de quarta-feira tem "jogos de futebol" e a rua pode estar perigosa.

Pois bem, posso ser um imbecil completo, mas não é ainda mais imbecil saber que uma secretaria de Estado legitima um movimento como Patrimônio Cultural do Estado dentro do seu Mapa de Cultura e de outro, a Polícia comandada pelo mesmo Estado aponta que a Roda Cultural não pode funcionar?...⁷³

Na página oficial do evento, podemos observar uma postagem com uma reclamação na página da Batalha do Tanque no *Facebook* pela interrupção de outra edição da Batalha do Tanque no final de 2014:

Gostaria da atenção de todo Rap Nacional nesse post. Ontem fomos expulsos da praça onde fazemos há 3 anos a Roda de São Gonçalo- Batalha do Tanque (Rio de Janeiro), sob ameaça de PMs do 7 batalhão, onde empunhando fuzil sob ameaças de "Vou dar Tiro" e jogando spray de pimenta em cima de Jovens, adolescentes e crianças. Ontem vi uma cena de terror pude ver de perto a maldita ditadura mais viva do que nunca a véspera de 2015, hoje me encontro sem saber o motivo de tanta violência, sem saber o futuro do nosso movimento, mas uma coisa posso dizer continuarei lutando a favor do que acredito e conto com a ajuda de ve´s, pois o Hip Hop sempre representou resistência e nunca mudaremos nossa forma de pensar, nós distribuímos cultura como forma de vida e como forma de lazer, não seremos tratados ou taxados como marginais.

Viva o Hip-Hip, Viva a resistência!!!! #TanqueAResistencia.⁷⁴

REGIS, Romário. Facebook, São Gonçalo, 03.out.2013. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=540425156025692&set=a.189496477785230

Acesso em:23.04.2021.

⁷⁴ BATALHA DO TANQUE, Roda de São Gonçalo. Facebook, São Gonçalo, 11.dez.2014. Disponível em: < https://www.facebook.com/RodaDeSaoGoncalo/posts/584781994957117 > Acesso em: 23.04.2021.

A busca pela quantidade de visualizações, números e curtidas, que credenciam o evento ou o MC a terem legitimidade mercadológica a fim de atrair a atenção de patrocinadores e contratantes fora da cidade ou do estado, é o principal objetivo dos produtores de Hip Hop nesse momento. Carlos Ney, que continuava sendo o homem forte da cultura Gonçalense nesse período, tendo ajudado com a estrutura para a primeira edição, não respalda a roda nesse segundo momento e esses problemas começam a se repetir. O que podemos observar nesse período é a luta pela sobrevivência da batalha naquele espaço, sem apoio sistemático de movimento social ou poder público e ao mesmo tempo a expectativa e possibilidade do estrelato, da ascensão social e de uma mudança de vida para alguns.

Muitos artistas do Rio de Janeiro, nesse primeiro momento entre 2010 e 2015, oriundos do CCRP estão em ascensão do ponto de vista do mercado, a exemplo de Filipe Ret e as rodas de Rimas e eventos de rua ainda são os principais locais para fazer os lançamentos dos álbuns e essa lógica se retroalimenta, as edições especiais com esses artistas geram repercussão e dão mais legitimidade as rodas e os artistas ganham com isso. A roda cultural de São Gonçalo foi um desses espaços onde os artistas compareciam para lançar seus álbuns, a exemplo de Funkero, Filipe Ret, Cartel MCs, 3030⁷⁵ e Soldados da Pista, esses eventos sempre atraíram mais público e tornaram as rodas mais conhecidas mas, à medida em que vão recebendo mais pessoas, aumentam os problemas com o poder público. Ao mesmo tempo que a roda ganha fama, passa a ser mais reprimida, o primeiro semestre de 2015, a roda funcionou praticamente em todas as edições sem aparelhagem de som, por conta das restrições da polícia, do estado, por reclamação dos moradores⁷⁶, pela fiscalização de postura, diversos motivos mencionados, nesse período as edições ficaram conhecidas como #TankAResistência. O tanque havia sido pintado de rosa, em protesto contra a repressão à Batalha do Tanque na época, no mesmo período das organizadas edições chamadas de TankAResistencia. O gerente comercial Fabiano Vieira Barreto era um frequentador da Batalha do Tanque e faz a intervenção no sentido de chamar a atenção para o fato do evento na época estar sofrendo com repressão das autoridades. O gesto saiu em veículos de imprensa como UOL, SBT, Record, Extra e acabou chamando a atenção para o debate sobre a ocupação

⁷⁵ Grupo de Rap da Zona Sul do Rio de Janeiro.

⁷⁶ Tanque de guerra é pintado de rosa e causa polêmica em São Gonçalo (RJ). *Jornal da Record*. Rio de Janeiro. 02.jan.2015. Disponível em: < https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/tanque-de-guerra-e-pintado-de-rosa-e-causa-polemica-em-sao-goncalo-rj-06102018> Acesso em: 11.09.2021

do espaço. Em 2018, a intervenção foi mencionada em uma matéria no site da revista "Sociedade Militar", um órgão de extrema direita ligado a divulgação da visão dos militares sobre política, geopolítica e segurança pública, tendo como colaboradores militares, policiais e guardas municipais com o objetivo de divulgar a visão política dos militares brasileiros.

Apesar de todos esses problemas, essa visibilidade virtual trouxe a partir de 2014, novos atores à praça, e a geração que se encontrou no Turbilhão começa a não frequentar com tanta frequência⁷⁸, muitos deles tendo que dividir o tempo entre a possibilidade de ascender como artista de RAP e o trabalho formal, e a geração composta por Orochi, Nego Drama, Jhony, Knust⁷⁹, Azzy, Lya⁸⁰, Dot⁸¹, Pelé⁸², a maioria deles negros, das periferias ao redor do evento e com menos de 16 anos na época, ainda em idade escolar, começam a imprimir uma linguagem mais conectada com os novos códigos da *internet*, a filmagem das Batalhas já era uma realidade e quem se interessava em participar delas já chegava com essa possibilidade na mente.

Entre o final de 2014 e o meio de 2015, a Batalha do Tanque parou de acontecer com som na praça, devido a problemas com a polícia e o poder público, realidade que afastou mais ainda os MCs forjados na época do Turbilhão, que deram início a Batalha do Tanque semanal. Nem todos frequentavam mais na época, muitos por discordar dos novos rumos do evento que valorizava mais o elemento MC, outros pela demanda de tempo em empregos formais, a exemplo de LT que já trabalhava como estoquista e não conseguia frequentar com tanta frequência o evento em 2015, o e esse fator abriu mais espaço ainda para a geração que ficaria conhecida como Tank Family, o evento cada vez mais foi se tornando um evento de Batalha, de Rap, não contemplando todos os

⁷⁷ SOCIEDADE MILITAR. Museu / Praça dos Ex-combatentes é totalmente vandalizada. Sociedade Militar. Rio de Janeiro. 18. Jul. 2018. Disponível em: < https://www.sociedademilitar.com.br/2018/07/museu-dos-ex-combatentes-evandalizado-em-niteroi.html> Acesso em: 11.09.2021.

⁷⁸ MAMUT REI [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.1 arquivo mp4. (24 minutos).

⁷⁹ Batalha do Tanque. #01 - Ixplana - Gaspary & Nego Drama & Knust & Jhony [TRETA / Mesquita / VTC / Batalha / Família]. Youtube, São Gonçalo. 24.out.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Um5mdQvwS58 Acesso em: 23.04.2021.

⁸⁰ Batalha do Tanque. Azzy vs Lya - (TRETAA)237° Batalha do Tanque - São Gonçalo - 2017 [OHH NOVINHA]. Youtube, São Gonçalo. 09.mar.2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ih9EYkl9LRQ >Acesso em: 23.04.2021.

⁸¹ Batalha do Tanque. Gedai vs DOT - 172° - Desafio do Tanque -Batalha do Tanque – 2015. Youtube, São Gonçalo. 01.out.2015. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=wVrYgiISDQw Acesso em: 23.04.2021.

⁸² KALICHESKY, Daniela. Pelé MilFlows: O rapper com três canções no YouTube e mais 80 milhões de visualizações. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06.jan.2019. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/rio/bairros/pele-milflows-rapper-com-tres-cancoes-no-youtube-mais-80-milhoes-de-visualizacoes-23347589 . Acesso em: 23.04.2021.

elementos do Hip hop, e ganhando cada vez mais um formato que apresentava mais características mercadológicas. Até 2014, a presença dos B Boys na Batalha do Tanque era frequente, como podemos observar na matéria do jornal *O Fluminense* ⁸³, nesse sentido a ideia era dar continuidade às movimentações que já aconteciam no Turbilhão Hip Hop mas nesse momento a ideia era que esses eventos acontecessem semanalmente. Os eventos de rua também eram frequentados por B Boys e grafiteiros, o que foi mudando a partir da segunda metade da década de 2010:

Pra você ver a gente como break, a gente foi muito mais na época sem som, era só violão e à capella sem decorflex, acho que teve só na primeira, lembro que Romário pagou até um taxi para levar la no Monjolos e tal, o break passou muito mais nessa época do que quando começou a ter som... o foco ficou muito pro rap.. não é inveja.. é porque o ambiente não ficou agradável pra ta la, 'putz, vou la não mano, to cansadão', chegando la o DJ não toca um boombap maneiro, um beat maneiro, só parada para as mulherzinha... o Arrá colocava musica para a gente dancar, o Mangue Boy também colocava... Os MCs da época gostava de ver B Boy dançar, os MCs da antiga rimavam nome de movimento de Break, sempre falo isso... lembro do Negrone, do Funkero falando nome de movimento de break, os caras conheciam... e foi ficando distante.. eu me distanciei de todas as rodas culturais... não tava indo para nenhuma... até por que a do tanque foi ficando meio pesada, uso de drogas e etc.. a que eu frequentei mais tempo depois do Tanque foi a Trindade, que o ambiente era muito maneiro... antes da pandemia, as vezes quando a Thayná me dava um papo para fazer uma Batalha de Break la na Trindade... show, eu organizava os molegues e brotava la...a RCA eu ia muito na época do Dipro, da Keiza. Porque? Por que os DJs passaram a tocar só TRAP, com base de Rap, ta ligado?

E o trap não da pra dançar nenhuma vertente do break?

Mano, da, só que porra, se você ta no evento de hip hop e o mc tem a base pra ele rimar, por que o dj não pode conhecer o break beat? Eu falei isso com Thayná, falei com os organizadores de roda cultural, falei com Gaspary recentemente... ficar treinando em cima de trap, desanima... o breakbeat é a musica do break⁸⁴

Esse depoimento do B Boy Pluto, atesta uma das causas do afastamento dos B Boys do evento, a falta da identificação dos B Boys com o que estava ocorrendo na Batalha do Tanque, que cada vez mais valorizava o elemento MC e não tinha mais sentido a presença de B Boys e grafiteiros da região, outro motivo que afasta da Batalha do Tanque os antigos adeptos é a questão geracional, muitos MCs que participavam da Batalha do Tanque semanalmente estão nesse período em empregos formais e não conseguem manter uma constante presença naquele espaço, a exemplo de LT que na época trabalha como estoquista em uma loja no bairro Alcântara. O grafiteiro Siri também vai dar seu depoimento sobre esse fenômeno:

Hoje Tem as rodas culturais a Batalha do Tanque.

⁸³ CRUZ, Beatriz. B Boys. O Fluminense, Niterói, 20.jun.2014. p. 16-18.

⁸⁴ ALEX SILVA (Pluto B Boy) [Abr.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.2 arquivos mp4. (96 minutos).

Pra mim é diferente, entendeu? Eu acho que eu sou muito velho e só ouço as paradas mais antigas, mas para mim é diferente, porque o nosso era bem eclético, não tinha só grafite, mas esse evento é mais para quem é do rap, por mais que tenha um Break la... Eu cheguei a pintar a na Roda do Alcantara, pintei até a Marielle la... Mas acho que hoje em São Gonçalo, o mais completo evento de roda... a Roda do Alcantara é a mais completa de todas...no Tanque é só rima né?, sem *Break*...⁸⁵

Para os *Hip hoppers* mais antigos, as rodas de rima, principalmente a Batalha do Tanque se tornaram outro evento, além disso, tem a questão que segundo Siri, conforme já mencionado por Pluto, existe uma desvalorização dos outros elementos quando se pensava em fazer um evento privado, mobilizando os públicos das rodas culturais para um evento no fim de semana quando ele diz que a falta de união atrapalha o diálogo entre as gerações e muitas vezes essa falta de união se reflete no distanciamento, segundo alguns entrevistados, conforme podemos ver no depoimento de Siri:

O seu entendimento sobre o Hip Hop mudou? Como você enxerga hoje a cena do hip hop e como você enxergava no inicio?

Quando eu comecei, acho que a parada era mais unida, hoje acho que é muito individual. Entendeu? Inclusive da galera de todos os elementos. Na época que eu comecei.. a galera era muito unida. Grafite, com Rap, com Break, com DJ, hoje a galera ta muito individualista...Eu quero dizer que tipo assim se me convidarem para um evento, e se perguntarem o que você quer que bote no evento? Eu quero rap, eu quero Break, Grafite e DJ... mas ai, só da para rolar grana para uma parada... então vai rolar com o Grafite... Hoje vejo muito flyer que tem la MC, Break e Grafite... o MC vai ganhar uma grana, mas o grafiteiro não vai ganhar a lata e o B boy não vai ganhar nem o refrigeirante...o dj não vai ganhar nada também... eu acho isso meio assim, egoísmo... se é para fortalecer, vamos fortalecer todo mundo... uma lata ta R\$ 22,00. Eu para fazer um grafite maneiro vou gastar umas 4 ou 5 latas... mas eu entendo, é normal isso acontecer em qualquer meio... mas é assim⁸⁶

Já MC Mamut Rei, além das questões destacadas por Siri, outras que geraram esse afastamento da geração dos anos 1990 e início dos anos 2000 para a geração atual:

Antigamente tinha hip hop, era o Break, o Rap, os caras do Grafite, os caras do Xarpi que não eram do Hip Hop mas tavam ali, hoje em dia é o Rap pelo Rap... tinha antigamente a Batalha de Break, de Grafite, de DJ, tudo num evento só...hoje em dia só tem uma batalha e mesmo assim os caras atrasam...

Mas pensa que essa cena é uma continuidade do que foi construído lá atras?

De certa maneira sim, mas muitos valores se inverteram...tem a continuidade do que aconteceu lá atras... mas totalmente diferente do que aconteceu lá atras. princípios se inverteram, valores se inverteram. Até papo de batalha,, o rap tomou uma mídia muito grande por papo de batalha e em grande parte por conta da batalha do tanque 'que é onde começamos...por um bom tempo

-

⁸⁵ MEDEIROS, Vinicius. [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos.

⁸⁶ Idem, Ibidem.

ficou sendo a batalha mais vista no brasil inteiro e na nossa época nós tínhamos regra de não poder falar palavrão, não falar pederastia⁸⁷, não falar da mãe dos outros...quando nós paramos de tomar conta, e o Brasil conheceu já foi uma parada totalmente diferente daquela que a gente fazia, foi uma batalha sem regra, cheia de pederastia, uma batalha sem regras, uma batalha sem escrúpulos... é uma continuidade do que nós fizemos mas não tem nada a ver com o que fizemos...Eu to falando da cena que eu vejo, que eu participo, que eu consigo mais prestar atenção por causa da minha correria, é isso o que aconteceu... as pessoas antes endeusavam o Hip Hop, endeusavam o Rap, hoje elas endeusam MCs... Eu fico triste por causa disso, nós fizemos o bagulho bonitão...⁸⁸

Em nosso entendimento, o afastamento se da não só por um conflito geracional mas também pela ascensão midiática do Rap, o que gerou mais interesse da juventude naquele período, as rimas sem regras que ajudaram a massificar e deram visibilidade ao evento, fato que conforme analisamos os depoimentos, não agradava as gerações mais antigas e uma mentalidade mais individualista dessa nova geração, na visão dos mais antigos. As batalhas, conforme vão ganhando mais adeptos e visibilidade, vão renovando o seu público, que se torna cada vez mais jovem e isso interfere na relação dos mais antigos Hip Hoppers da cidade com os eventos.

Em 2015, com o retorno do evento mas agora realizadas com mais frequência no chamado Bar do Meio, próximo à Praça e em frente a faculdade de formação de professores — UERJ, a Batalha volta a ocorrer frequentemente e a semifinafinal da seletiva do Tanque para a etapa estadual⁸⁹ do Duelo Nacional entre Dante e Orochi, vencida por Orochi, onde Dante até então era o maior campeão das edições do Tanque⁹⁰, marca essa ruptura, evento que por ser vencido por Orochi, aumenta mais ainda a visibilidade da Batalha do Tanque na internet. Orochi não venceria só a seletiva

⁸⁷ Pederastia na Batalha de rima significa qualquer Rima de Cunho sexual.

⁸⁸ REI, Mamut. [Dez.2020] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020.1 arquivos mp4. 24 minutos.

⁸⁹ Batalha do Tanque. MC Estudante vs Orochi - FINAL - DUELO NACIONAL ETAPA RIO DE JANEIRO – 2015. Youtube. São Gonçalo. 10.nov.2015. Disponível em:

< https://www.youtube.com/watch?v=CThKs3_COUQ> Acesso em: 23.04.2021. Final da etapa estadual do Duelo Nacional de MCs do ano de 2015 feita entre Orochi e MC Estudante. O Duelo Nacional de MCs acontece todos os anos em Belo Horizonte com representante de todas as regiões do Brasil.

⁹⁰ Orochi passaria Dante na edição 189 ao vencer o MC Jhony, a seletiva foi na edição 177.

Ver: Batalha do Tanque. Orochi vs Dante - 2 fase - 177º Batalha do Tanque - Duelo Nacional de Mc's Etapa RJ – 2015. Youtube. São Gonçalo, 06.nov.2015. Disponível em:

< https://www.youtube.com/watch?v=E0B6ePXyTxo> Acesso em: 23.04.2021.

Batalha do Tanque. Jhony vs Orochi (BATALHA ÉPICA)- FINAL - 189° Batalha do Tanque - São Gonçalo – 2016. Youtube. São Gonçalo, 26.fev.2016. Disponível em:

< https://www.youtube.com/watch?v=aewbRpAhnJ4 > Acesso em: 23.04.2021.

mas também a etapa estadual e o Duelo Nacional⁹¹. O grupo musical liderado por Orochi, o ModéstiaParte, junto a Bruno Maquiny e Azevedo, havia lançado o single "Te encontrar" com produção de Luã Gordo, pelo selo Caverna do Dragão, atingindo na época a marca de 800 mil visualizações⁹², mostrando ser possível construir uma carreira artística sólida mesmo tendo nascido e vivendo nesse território. Nesse sentido, surgiram outros grupos a exemplo de Questione⁹³ e isso se soma ao fato do videomaker Felipe Gaspary⁹⁴ começar a filmar e divulgar grande parte das Batalhas, além das últimas fases, postar rapidamente na internet – geralmente no intervalo de menos de um dia –, o que produziu comentários, visibilidade, discordância e polêmica conforme descrito por Alves⁹⁵ gerando mais engajamento virtual e uma legião de fãs do Tanque em todo o Brasil.

A partir de então, além da possibilidade de fazer os eventos na Praça, como se fazia tradicionalmente, a batalha também passou a acontecer no Bar do Meio⁹⁶, ao lado do monumento que dá nome ao evento, em caso de alguma ocorrência ligada à restrição do poder público ou chuva. Da metade de 2015 em diante, a Batalha do Tanque passou a acontecer as quartas feiras, quase sem restrição, gerando conteúdo para a internet, engajamento e criando novas narrativas a partir das batalhas, o que orientou as estratégias por visibilidade dos seus agentes. Ganhar dinheiro e ficar famoso, se tornaram perspectivas e possibilidades reais para os novos MCs que surgiriam na cidade, trazendo mudanças dentre elas o fim das regras nas Batalhas de Rimas, uma espécie de vale tudo nos duelos verbais, que permitia inclusive falar da mãe, da irmã, criar rimas com conteúdo misógino, racista, desde que cada um lidasse com as suas contradições e assumisse a responsabilidade pelas suas falas. Na Roda Cultural do Alcântara e no São Gonçalo In Rap, esse tipo de conteúdo não era permitido, ambos os eventos, prezavam por um certo tradicionalismo.

-

⁹¹ LEOCÁDIO, Thais. Duelo de MCs de BH completa 13 anos e competição nacional é realizada em novo formato. *G1 Minas*. Belo Horizonte, 30.ago.2020. Disponível em: < https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/o-que-fazer-em-belo-horizonte/noticia/2020/08/30/duelo-de-mcs-de-bh-completa-13-anos-e-competicao-nacional-e-realizada-em-novo-formato.ghtml > Acesso em: 23.04.2021.

⁹² LIMA, Vanessa. Cultura Urbana ganha destaque nas praças. O Fluminense, Niterói, 21.set.2015.

⁹³ Questione Oficial. Questione | Meu Subconsciente [Prod. SamucaBeats] Clipe Oficial. Youtube. São Gonçalo, 30.abr.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=RZw99EPkndE > Acesso em: 23.04.2021.

⁹⁴ Videomaker e produtor da Batalha do Tanque. Gaspary assume a responsabilidade pelo evento a partir de 2016

⁹⁵ ALVES, Op.cit., 2013, p.

⁹⁶ Estabelecimento nas proximidades da Praça dos Ex-combatentes.

O SG In Rap, de um modo geral, contava mais com apresentações, debates, mesas redondas, a Batalha de MCs não ocorria no evento e na Roda Cultural do Alcântara, apesar de sempre contar com a Batalha de MCs, tinha restrição à algumas rimas de cunho sexual ou ataque a família do oponente. O primeiro evento é organizado por K2, Pluto e o CLAM, sujeitos históricos individuais e coletivos que atuam na cena do Hip Hop desde pelo o menos o início dos anos 2000, com a perspectiva de entender o Hip Hop como um mecanismo de integração da juventude, da arte como possibilidade de cidadania e o segundo grupo, que organizava a Roda do Alcantara, inicialmente por Diego Diprô, um dos remanescentes da ASAC e do Geração na Trilha e Keiza, depois por Ras Gabriel que até o momento fazia dobra das apresentações de Diprô, depois por Ley Nascimento, que surge como produtor cultural da Roda do Alcântara e Kassia Rapella, psicóloga que começa a promover o Isoporzinho da Prevenção⁹⁷, a fim de levar o debate da redução de danos para o espaço público e na segunda metade dos anos 2010 vai se aproximar da Roda Cultural do Alcântara, se afastando por conta de divergências com a organização que no momento era liderada por Ley. Nesses espaços de atuação existia uma certa restrição à nova cultura de Batalha que tinha sido criada a partir da Batalha do Tanque, as regras mais tradicionais existiam nesses espaços.

2.2. Entre batalhas, rodas e festivais

A Batalha do Tanque sob a organização de Felipe Gaspary desde 2016, após Luã Gordo, que até então organizava o evento, começar a não querer mais estar no espaço todas as quartas feiras, tendo em vista que o organizador administrava o seu estúdio, a Caverna do Dragão⁹⁸, além da sua carreira de rapper e por ter se mudado da cidade após alguns problemas de ordem pessoal. Felipe Gaspary já participava da organização e estava na Batalha do Tanque desde, era responsável até então por filmar, editar e postar os vídeos das batalhas no *Youtube*. A partir desse momento que assume, vai começar a construir além de conteúdos no dia do evento, outros como entrevistas com os participantes e vídeos com os MCs direcionados ao público mais jovem com curiosidades, polêmicas ditas nas rimas e até vai incentivar e propagar rivalidades entre os MCs, vai funcionar não só como organizador de evento ou videomaker, mas como

⁹⁷ RAPELLA, Kassia. [Abr.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.1 arquivos mp4.
71 minutos.

⁹⁸ GORDO, Luã. [Mar.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.1 arquivos mp4. 71 minutos.

um diretor de um show business e esse movimento vai fazer com que os MCs que participavam da batalha naquele período conseguissem um alcance estratosférico, pela qualidade das rimas, pela polêmica ou pela falta de filtro nas rimas. Guilherme Santos vai abordar a ausência das regras tradicionais das batalhas naquele evento:

Como apontei anteriormente, as batalhas de sangue têm suas regras e também que essas mesmas regras não têm efeito na Batalha do Tanque. Com essa falta de limite, ofender o adversário acaba sendo, também, ofender alguma mulher que tenha ligação a ele. Mesmo quando são dois MCs homens, o corpo feminino acaba sendo alvo de ofensas e também reprodução das mesmas. 99

Além do próprio Gaspary se tornar uma figura conhecida, os vídeos saíam no "Canal do Gaspary" todos os MCs que participavam do Tanque com certa frequência iam aos poucos ficando conhecidos por um grande público na internet, muitos vídeos da Batalha do Tanque chegaram a atingir 1 milhão de visualizações nesse período e o Tanque vai se tornar a grande vitrine para os MCs do Rio de Janeiro e até de outros estados, MCs como Xamã, PK e Budy Poke vão passar a frequentar o Tanque com frequência, a Batalha vai passar a ser visitada por MCs prestigiados de outros estados como Cesar e Noventa do ES, Chris de MG. ainda, assim acontece semanalmente, geralmente às quartas-feiras, chegou a ter no período, um show de Batalhas de Rimas, chamado *TankFamily* 101, se apresentando em algumas regiões do Brasil.

Boa parte dos *MCs* que iniciaram no evento ganharam, a partir de 2015, reconhecimento nacional por atingirem números de visualizações, curtidas e comentários que os credenciaram em diversas plataformas virtuais, muitos vídeos de batalhas chegando a marca de um milhão de visualizações. Um dos exemplos é o MC Orochi, talvez o MC daquela geração que ganhou mais visibilidade. Essa forma de articulação com as redes sociais contribuiu para que muitos artistas tivessem ascensão no mercado e outros almejassem tal feito a partir do exemplo bem sucedido, alcançando grandes cifras nas plataformas digitais. Por outro lado, a Roda Cultural do Alcantara (RCA) e o Festival de *Rap* e Cultura de São Gonçalo têm ao longo da sua trajetória, outras propostas, a primeira segue no mesmo sentido de revelar *MCs*, e recuperar o

⁹⁹ SANTOS, Guilherme. *Batalha do reconhecimento*: configuração da identidade, consumo e relações com o espaço urbano através de símbolos ideológicos na Batalha do Tanque: Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 2018, p.59.

¹⁰⁰ O canal se chamava na época Felipe Gaspary mas hoje no Youtube se chama Batalha do Tanque. Esse era o espaço responsável por propagar todo o conteúdo relacionado a Batalha do Tanque.

¹⁰¹ Nome dado ao grupo de MCs da Batalha do Tanque. A Tank Family passou a ser apresentada como um show de Batalhas de Rimas, apesar da Batalha continuar a acontecer as quartas feiras na Praça dos Ex-Combatentes de forma gratuita semanalmente.

espaço perdido da Praça Chico Mendes e a segunda além das Batalhas de MCs, busca contribuir com a cena da poesia e do Slam, campeonatos de poesia que acontecem no Brasil e no mundo, com destaque para a atuação de poetas negros e periféricos.

O Hip Hop da cidade continua aparecendo nos meios de comunicação, muitas vezes exaltado como o mesmo do início dos anos 2000, como a possibilidade de conscientização e possibilidade de educação da juventude, como podemos ver na matéria de Adriana Martins intitulada "Expressão libertadora" que mostra algumas figuras do Hip Hop Gonçalense, como Dom Negrone e Prioridade SG, os coletivos Geração Na Trilha e CLAM, e a atuação desses coletivos em oficinas e causas sociais na cidade. Todas as páginas do jornal dedicadas ao assunto são divididas com propagandas eleitorais. A matéria fala um pouco sobre a trajetória desses coletivos, artistas e do próprio Hip Hop na cidade e no mundo destacando como os artistas levam a cultura gonçalense para outros lugares do estado do Rio de Janeiro. Ou seja, se existem novos agentes como o grupo Soldados da Pista surgindo, a gravadora Caverna do Dragão e a 360k com novos perspectivas e discursos mais ligados às, ainda existe uma memória de uma coletividade do Hip hop, aquela que tinha como objetivo "tirar o jovem do crime".

Nesse sentido, o DJ Paulo Xytaque, produtor, empresário e fundador da 360k Estúdio, começa a realizar o Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo, com a proposta inicial de levar o rap e promover sarau de poesia, distribuição de livros, dança e outros tipos de atração, expandindo o modelo do evento focado no Hip Hop para outras expressões e linguagens artísticas que segundo o Jornal *O Extra* chegou a reunir cerca de 450 pessoas por show¹⁰³ na época. Além dele, o Festival de Rap e Cultura da Trindade se consolida junto a RCA e, como a Batalha do Tanque, se transforma em um dos principais pontos de encontro semanais e conhecimento dos jovens interessados em algumas das linguagens do Hip hop, poesia, sarau. Essas iniciativas nasceram de uma proposta de criação de um grupo que representasse a cidade e os arredores, capitaneado por Tigrão_Big Tigger e o DJ e produtor Guilla Beatmático que se chamaria "Doutro Lado"¹⁰⁴, a partir de um estúdio existente na casa de Tigrão Big Tigger no bairro da

¹⁰² MARTINS, Adriana. Expressão Libertadora. O Fluminense. Niterói, 28.set.2010. p.29-30.

¹⁰³ TENENTE, Flávia. Ritmo, poesia e muito mais. *O Extra*. Rio de Janeiro, 04.out.2013. Disponível em: Acesso em: 23.04.2021. Acesso em 12.09.2021

¹⁰⁴ MEDEIROS, Luã (Gordo). [Mar.2021] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2021.1 arquivo mp4. (91 minutos) e BIG TIGGER, Tigrão. [Dez.2020] [2] Entrevistador: Klauder Gonzaga. São Gonçalo. 2020. 1 arquivo em mp3.

Covança, onde aconteciam reuniões e churrascos para discutir as possibilidades do Rap em São Gonçalo.

Com o início das obras na Praça Chico Mendes em 2011¹⁰⁵, inicialmente com o argumento da revitalização do espaço e que culminou com a sua transformação em Praça da Bíblia, a RCA teve as suas atividades interrompidas e Dipro e Keiza que organizavam o evento na época passaram a organizar o evento mensal Girassol Hip Hop¹⁰⁶, no Morro do Girassol no Colubandê mas o Festival de Rap e Cultura e a Batalha do Tanque continuam a ocupar a posição de protagonismo neste período, mantendo-se como referências para os encontros dos Hip Hoppers da cidade

Podemos observar a matéria de Vanessa Lima em 21 de setembro de 2015, que da um panorama e um destaque à Batalha do Tanque e ao Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo onde destaca em uma página completa destacando as Batalhas de MCs, principalmente o Festival de Rap e Cultura da Trindade e a Batalha do Tanque, organizada respectivamente por Paulo Xytaque e Luã Gordo e Mayra. Em uma nota no canto da tela, é destacada a participação de Fábio Ema e Glauber Gal como percussores do movimento.

A primeira parte da matéria, destaca o festival de Rap e Cultura no bairro da Trindade, como evento que reúne muitas tribos. Na segunda parte, sobre a Batalha do Tanque, destaca a pretensão de Luã Gordo, idealizador da Roda e do Selo Caverna do Dragão em apostar na profissionalização de novos MCs. Aqui o grupo Modéstia Parte, integrado por Orochi, Maquiny e Azevedo, já conta com mais de 800 mil visualizações no Youtube, o subtítulo dessa parte da matéria é "embalados pelo rap, hip hop e funk".

Nesse sentido, o discurso desses agentes não passa mais só pela ideia de "tirar os jovens do crime, da pichação e dos bailes funk" mas pela "profissionalização dos artistas", destacando a fala de Luã Gordo. Ao mesmo tempo, podemos ver uma menção aos veteranos do Hip Hop Glauber Gal e Fábio Ema, como pioneiros do Hip Hop na cidade, compreendendo que existe por parte desses novos agentes a preocupação com o passado e com a trajetória do movimento na cidade para legitimar as suas atuações. Na primeira metade dos anos 2010, podemos observar por parte dos Hip Hoppers da cidade,

¹⁰⁶ XANDU, Poeta. No Colubandê com Prioridade SG, Guetos Crew e B Boy Pluto. *Zine Zero Zero*. São Gonçalo, Dezembro, 2011. Disponível em: < https://zinezerozero.blogspot.com/2010/11/guetos-crew-e-bboy-pluto.html > Acesso em: 23.04.2021.

¹⁰⁵ NUNES, Aline. *Apropriações do espaço público urbano*. O caso da Chico Mendes. Trabalho de Monografia. UFF. Niterói, 2019. p.11.

uma preocupação com o legado, sobretudo com a continuidade do legado do Turbilhão Hip Hop.

A grafiteira Mikaelli, conhecida como Mika, também decide promover o Festival Cores e Valores, evento que acontece anualmente e recoloca o grafite no centro, ainda que tenha como pretensão, segundo a idealizadora, relembrar o Turbilhão Hip Hop, evento onde conheceu o grafite, o rap, o break e aquela forma que acontecia naquele espaço, todos os elementos acontecendo e interagindo simultaneamente, como podemos observar na matéria do jornal O Fluminense em 15 de Setembro de 2015 que aconteceu após o quarto Festival Cores e Valores¹⁰⁷ que ocorreu na Estrada dos Menezes, organizado pela grafiteira, juntando além de grafiteiros Gonçalenses, grafiteiros de outros lugares do país como Minas Gerais e levando para São Gonçalo Batalha de MCs, DJs e de B Boys, outras movimentações buscando manter o formato ou parte do formato do Turbilhão Hip Hop acontecem na cidade no período como o Girassol Hip Hop e o Jet Rap¹⁰⁸ que contou com edições no Centro da Cidade e no Bairro do Porto do Rosa, além do evento JamaiCatarina¹⁰⁹ na Lona Cultural do Jardim Catarina promovido pelo grupo Lado A¹¹⁰ A reportagem diz que o evento foi promovido pela Secretaria de Turismo e Cultura de São Gonçalo. Outra reportagem que mostra a ocorrência do Hip Hop, aos moldes do que acontecia no Turbilhão Hip Hop é a matéria intitulada B Boys, destacando a relação das rodas culturais com o elemento Break, Alex Pluto, Charlie Kaléo, Luã Gordo falam sobre a trajetória dos segmentos do Hip Hop na cidade. A matéria ocupa 5 páginas do jornal e a matéria é de Beatriz Cruz. A matéria tem como subtítulo "Artistas de Break incentivam movimento de arte de rua em São Gonçalo com apresentações em Rodas Culturais"111, destacando que nas Rodas Culturais que reunia MCs, também participavam os B Boys. Esse primeiro período de ocupação das praças da cidade após o Turbilhão Hip hop, ainda tem como característica principal o encontro dos diferentes artistas e linguagens do segmento, a atuação do Hip Hop ganharia novas características na segunda metade dos anos 2010, devido o aumento da difusão da

-

¹⁰⁷ Estrada dos Menezes ganha novo visual bem mais colorido. O Fluminense. Niterói, 30.set..2015.

¹⁰⁸ JET RAP. Facebook. 23.abr.2021. Disponível em < https://www.facebook.com/Jet-rap > Acesso em: 23.04.2021

¹⁰⁹ JamaiCatarina. Facebook. 23.abr.2021. Disponível em: < https://www.facebook.com/jamaicatarina > Acesso em: 23.04.2021.

¹¹⁰ LADOA. Facebook. 23.abr.2021. Disponível em: < https://www.facebook.com/ladoarj > Acesso em: 23.04.2021

¹¹¹ CRUZ, Beatriz. B Boys. O Fluminense, Niterói, 20. jun. 2014.

internet e alcance dos artistas que surgem nesses mesmos eventos que acontecem na rua, onde o rap se fragmenta dos demais elementos.

Embora possamos contar com esses registros, 2015 é um ano onde a Batalha do Tanque começa a ganhar destaque nacional e o elemento Rap vai ganhando mais destaque que os outros elementos, cada vez mais jovens começam a aparecer para batalhar no Festival de Rap e Cultura as sextas feiras e na Batalha do Tanque às quartas feiras.

Essa explosão da Batalha do Tanque, em nossa avaliação, ocorre por alguns fatores, dentre eles a periodicidade das filmagens feitas pelo produtor de audiovisual Felipe Gaspary, a ascensão de uma geração de jovens MCs, a maioria negros, a maioria morador dos bairros ao redor da Praça dos Ex combatentes, liderados por Orochi, que no ano se consagra como campeão da etapa estadual do Duelo de MCs. Estes dois fatos aumentam consideravelmente o olhar de outras partes do país para a cena de Batalhas de Rima de São Gonçalo, principalmente para a Batalha do Tanque. Luã Gordo afirma que a Batalha do Tanque já era conhecida mesmo antes dessa geração, pois já existiam os vídeos do Gaspary mas não nega o fato de que essa geração consolidou a cena do Rap de São Gonçalo em uma perpectiva além da perspectiva local, assim como Ema liderou uma geração que colocou a cena do grafite da cidade no cenário nacional e nos grandes meios de comunicação na passagem dos anos 1990 para os anos 2000.

No ano de 2016, quatro, dos oito finalistas da etapa estadual do duelo de MCs, eram considerados "MCs do Tanque", Fael, Samurai, Pelé e Jhony, sendo o MC Samurai o vencedor. Samurai se classificou pela etapa de Niterói, Fael pela etapa de São Gonçalo que aconteceu em uma edição do Festival Cores e Valores¹¹², Pelé pela outra etapa que ocorreu em São Gonçalo na edição 221 da Batalha do Tanque, como uma edição especial que contou com mais de 6 mil pessoas confirmadas no evento do Facebook, e teve lotação máxima na quadra do CEJOP que estima-se que cabem mais de 3 mil pessoas, a grande final Pelé x Orochi conta com mais de 800 mil visualizações no *youtube* em abril de 2021¹¹³. No mesmo período, Felipe Gaspary começa a produzir conteúdos para além da produção das batalhas, como a produção de entrevistas com os participantes, formato muito direcionado à adolescentes, a Batalha do Tanque se torna

_

¹¹² DK'SG. Knust vs Fael [Final] - Cores & Valores / Seletiva do Nacional - Etapa RJ. Youtube. São Gonçalo, 25.set.2016. Acesso em: 26.04.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kadzYdaCoIw

¹¹³ Batalha do Tanque. Pelé vs Orochi - FINAL - 221° Batalha do Tanque - Seletiva Nacional — 2016. Youtube. São Gonçalo, 16.abr.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=5PnE5WOkhmQ > Acesso em:26.06.2021.

além de um ponto de encontro mas uma plataforma de entretenimento, sem a pretensão característica do Hip Hop na cidade em outros períodos e em outros projetos que continuam a acontecer no mesmo período como Cores e Valores, Observatório do Hip Hop e Roda Cultural do Alcântara. Outro fator que ajuda a massificar a Batalha do Tanque é o fim das regras: Após assumir a direção do evento com a saída do Luã Gordo e da Caverna do Dragão da Cidade, a nova geração começa a batalhar sem se preocupar muito com as antigas regras que regiam as batalhas de MCs, sobre as regras e a Batalha do Tanque podemos ver em SANTOS:

A Batalha do Tanque é uma batalha atípica não apenas pela qualidade dos seus MCs, mas também pelo fato das regras tradicionais de uma batalha 59 de sangue não serem aplicadas, lá os limites impostos pelas regras das tradicionais batalhas de sangue são ultrapassados. Por exemplo, por muitas vezes escutei a frase "Mãe é sagrado!" e acredito que muitas pessoas já ouviram isso em alguma fase ou momento da vida. Na Batalha do Tanque falar algo que deprecie a mãe do adversário é dito sem nenhuma cerimônia ou pudor e após o termino da batalha, os MCs que participaram e o público se comportam como não houvesse sido dito nada de mais agressivo quanto suas respectivas mães¹¹⁴.

Nesse período começam a surgir rimas com os seguintes temas "sua mãe cheira", "sua namorada é uma vaca", "peguei sua mulher", "Azzy fortalece", "Você não tem pai", "seu pai é cego" e todo o tipo de opressão de gênero, raça, territorial, de classe, são colocados ali naquela arena, isso vai de encontro ao interesse do jovem pelo entretenimento a qualquer custo, a estratégia de reconhecimento nesse momento está ligada a dizer coisas que pareceriam habitualmente absurdas em qualquer evento considerado evento de Hip Hop no Brasil mas a visibilidade gerada mostrou que esse tipo de comportamento fazia parte do imaginário de grande parte da geração que nasceu após 2000. Santos (2018) também chama a atenção para a entrevista de Felipe Gaspary, então organizador da Batalha do Tanque ao canal do Naan, onde discorre sobre essa questão nas batalhas:

A pederastia é liberada, porque ali é como uma escola onde eles têm o direito de errar, pois o local onde eles não podem errar é na sua música, como disse Felipe Gaspary disse em entrevista ao canal do Naan¹¹⁵

Ou seja, na batalha o MC poderia falar o que quisesse, desde que o arcasse com as cobranças e aprendizados. Além do fim do filtro comum à gerações anteriores de

115 Idem.

1

¹¹⁴SANTOS, G. *Roda Cultural, Batalha do Tanque, o que vocês querem ver?* "Sangue", orgulho e identidade. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, Universidade Federal Fluminense, 2018 p.59.

MCs de Batalha, a periodicidade e instantaneidade das ações e o sucesso mercadológico dos MCs da cidade em outros locais colocaram São Gonçalo no mapa, para muitos de forma negativa, acusando a Batalha do Tanque de ser a "Batalha onde a Pederastia é liberada"¹¹⁶.

Essa nova forma de atuação dos MCs da cidade, afastou de vez os antigos grafiteiros e B Boys da Batalha do Tanque e ali se consolidou como um espaço destinado ao rap como entretenimento, a consolidação do discurso mirando a massificação, aumentando o individualismo e a busca incessante por um lugar na indústria cultural, lugar alcançado por boa parte dos MCs dessa geração como Knust, Jhony, Pelé, Orochi, Azevedo, Bruno Maquiny. Após a ascensão desses MCs como artistas de visibilidade nacional, começou a faltar tempo e agenda para que os mesmos estivessem presentes todas as semanas no evento e o próprio formato "sem regras" se massificou demais e foi perdendo o efeito de novidade, desgastada como efeito do processo de massificação, as mesmas piadas foram perdendo a graça e outros eventos em outras partes do Brasil¹¹⁷ foram ganhando mais relevância no território virtual, assim a Batalha do Tanque volta a ser mais uma Batalha de MCs de São Gonçalo, ainda que tenham havido algumas tentativas de retorno com edições especiais com os MCs da geração que projetou nacionalmente o evento. Os velhos problemas ainda existem no evento, estrutura precária, falta de apoio do poder público, muitas vezes problemas com a polícia e a morte do DJ Arrá, que comandava o som do evento desde a época que Luã Gordo e Mayra comandavam o evento.

DJ Arrá é um remanescente da primeira turma da ASAC, é oriundo da pichação e do baile funk e funcionou durante muito tempo como um elo de ligação entre todas as gerações do Hip Hop de São Gonçalo, desde Dinho K2 e Fabio Ema à Orochi e Jhony.

2.3 Roda Cultural do Alcântara, SG In RAP

Em 2016, outras movimentações ocorrem na cidade, a Praça da Bíblia está em ruínas e existe a possibilidade da Praça Chico Mendes ser reconstruída, ainda que sem o

¹¹⁶ 1 Kilo. De Freestyle [Knust e Pelé]. Youtube. Emanuel Magalhães. 21.mar.2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=6Ho9znahuzI&list=RD6Ho9znahuzI&start_radio=1 > Acesso em: 26.04.2021.

¹¹⁷ Ver: VIEIRA DA SILVA, Rômulo. *Flows e views: Batalhas de rimas, batalhas de YouTube, cyphers e o RAP brasileiro na cultura digital*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 138 f.

mesmo tamanho e espaço de outrora. Gabriel Ras¹¹⁸, um dos remanescentes das primeiras edições da Roda Cultural do Alcantara, back vocal do MC Diprô, fundador da roda em 2011, começa a se organizar para o retorno do evento. Com a ocupação da Praça pela RCA, entre 2016 e 2018, a Praça volta a funcionar, mesmo sem ter o mesmo tamanho, com um evento aos sábados. Entre 2011 e 2016, a Roda perde o lugar para a obra de revitalização, que culminou na construção da Praça da Bíblia, e Dipro, veterano da ASAC, Geração na Trilha e Turbilhão passa a fazer na sua própria casa o Girassol Hip Hop, no Morro do Girassol, no Colubandê, evento que tinha como pretensão suprir a falta de evento de Hip Hop na região do Alcântara e arredores.

Na RCA, as regras voltam a existir e a medida que o evento vai ganhando novos adeptos como os MCs Gin, LK e Bisteca¹¹⁹, vai aumentando a visibilidade do espaço. Por ser no Centro do Alcântara, um dos lugares que marcam a memória afetiva de muitos hip hoppers da cidade, por ser o bairro da ASAC e por ser uma região comercial que tem ônibus para outros lugares, a roda passa a ser frequentada por B Boys e grafiteiros e desde que Ley Nascimento¹²⁰ passa a produzir a roda, começa a haver um retorno pela busca do Hip Hop na roda, com Break, Grafite, DJs tocando, um retorno a lógica do projeto democratizador, mas munido dos debates atuais como racismo, machismo, direito a cidade e ocupação do espaço público. Desde o seu retorno em 2015, a roda também passou por muitas dificuldades, sobretudo em relação a imprensa e ao poder público, a reconstrução da praça, se deu de forma parcial, a medida em que o espaço que se tornou Praça da Bíblia seguiu em ruínas, mesmo havendo um amplo movimento pelo retorno da Praça, gerando inquietação, inclusive em jovens pesquisadores, como assim podemos observar o trabalho de Aline Nunes em "Apropriações do Espaço público. O caso da Chico Mendes" e Pedro Borges "Fé na política da 'Boa Praça': Uma análise da relação política e religião (evangélica) em São

¹¹⁸ ALCANTARA RECORDS. RCA Sessions #01 (Kidult Alcântara, Batalhas de Mc's e TAG, Pocket Show da Samantha Zen). Youtube. São Gonçalo, 7. jul. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qf6qH-qKk8 Acesso em 26.04.2021

¹¹⁹ ALCANTARA RECORDS. 10ª Roda Cultural do Alcântara - JS & LK vs GINN & BISTECA. Youtube. São Gonçalo. 16. Jul. 2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=g6t28s4qNYg > Acesso em: 26.04.2021.

¹²⁰ CANAL DO ROMARIN. OG. PODCAST – Ley Nascimento. Youtube. São Gonçalo, 04. Out. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aRfZD5Z_PbA Acesso em: 26.04.2021.

¹²¹ NUNES, Aline. *Apropriações do Espaço público*. O caso da Chico Mendes. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Sociologia) — Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2019. 49 f.

Gonçalo-RJ"¹²², tendo a segunda como um dos eixos centrais a Praça da Bíblia e o debate feito pela juventude local sobre a utilização do espaço.

Assim a RCA ganha novos formatos, resgata algumas práticas da época da ASAC e do Turbilhão que haviam sido deixados de lado por conta da nova configuração dos eventos da cidade e vai buscando se tornar o evento de Hip Hop na cidade. Em consonância, o Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo, produzido agora por Thayná de Almeida, que intensifica o envolvimento do evento com o circuito dos SLAMs de poesia, aposta também nas Batalhas de Tema e nas parcerias com a Gangzilla, um coletivo que tem como proposta principal a realização de festas com música negra contemporânea misturando RAP, funk R&B, consolidando uma diversificação na cena, ampliando os objetivos dos Hip Hoppers. Dessa maneira podemos observar nos últimos anos da década de 2000 uma cena ampliada, com diferentes propostas, objetivos e o encontro dos projetos renovador, modernizador, expansivo e emancipador na cidade.

A Roda Cultural do Alcantara, a partir de 2018, ganha novos organizadores dentre eles Ley Nascimento e Kassia Rapella, Ley é um jovem que trabalha como vendedor lojista e isso o fez aproximar as lojas de roupas da região da RCA e Kassia é Psicóloga / Sanitarista¹²³ que vê no Hip Hop uma possibilidade de redução para o uso de drogas. Juntos trouxeram novamente às Rodas de Rap da cidade, apresentações de Break, rodas de conversa e principalmente a questão da utilização do espaço. Ley, fica responsável pela articulação e comunicação da Roda Cultura, começa a buscar participar dos conselhos da cidade, principalmente do conselho de cultura e justificar a existência da roda na narrativa pública como ferramenta de transformação social através da cultura, Kassia é responsável pelas rodas de conversa, debates e vai levando esse sentido do chamado quinto elemento do Hip hop para a dinâmica da Roda do Alcântara¹²⁴.

A Roda Cultural do Alcântara, não atinge o mesmo patamar de visibilidade da Batalha do Tanque, mesmo acontecendo no mesmo período e tendo como participantes

¹²² BORGES, Pedro. Fé na política da 'Boa Praça': Uma análise da relação política e religião (evangélica) em São Gonçalo – RJ. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais – Licenciatura e Bacharelado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2018. 68 f.

¹²³ Ver: TRINO, A. T., SANTOS, A. L. A. D., RAPELLA, K. F., & SILVA, P. R. *Projeto Redes*: articulação de redes intersetoriais para promoção do cuidado com estratégias de redução de danos na cena de uso do Bairro de Neves em São Gonçalo (RJ). Comunicação apresentada no *12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, jul. 2018.

¹²⁴ Bairro Alcântara, em São Gonçalo, sedia roda cultural neste sábado. *O São Gonçalo*. São Gonçalo, 24. Mai, 2019. Disponível em: https://www.osaogoncalo.com.br/geral/59374/bairro-alcantara-em-saogoncalo-sedia-roda-cultural-neste-sabado Acesso em: 26.04.2021.

muitos dos MCs que participam do Tanque mas tem como característica a busca pela inserção no espaço e a ressignificação do sentido deste lugar na narrativa pública. De maneiras diferentes, ambas sofreram durante o seu período de existência com a não confluência com projetos políticos colocados na cidade.

Concomitantemente, o São Gonçalo In Rap, no período ganha outra proposta, deixa de acontecer nos espaços centrais da cidade e ganha vida no bairro de Monjolos, em um local intitulado como Observatório do Hip Hop. Além do evento anual que conta com a participação de MCs, B Boys de outros locais, também tem como proposta contar com workshops de Break com Kaléo e Pluto e palestras com temas como racismo e software livre para a comunidade. Essa movimentação ocorre com um certo distanciamento das outras movimentações mencionadas, ainda que os B Boys Pluto e Kaléo estivessem presentes na Roda Cultural do Alcântara e da Trindade em alguns momentos.

No blog do evento, podemos encontrar o registro da edição de 2011 do evento, que em outro momento aconteceu no SESC e no Mauá, espaços centrais da cidade, nesse registro podemos encontrar as seguintes palavras:

Quatro coisas foram marcantes nessa edição do evento:

o fato de grande parte do público provável de hip-hop não saber como se chega em Monjolos e esperar que fizéssemos o evento em algum espaço cultural central no município. Escolher realizar o evento na Conga foi uma escolha política.

termos escolhido os temas das Trocas de Idéias de acordo com a demanda por informação da própria comunidade;

a participação em massa da comunidade, com várias gerações integradas e contribuindo na realização do evento.

a atitude (e é sempre bom falar de atitude; coisa difícil de definir em palavras, mas fácil de identificar na prática) dos artistas da cultura hip-hop em relação à sua contribuição no evento.¹²⁵

O evento contou com mesas de debates, discussão sobre uso de drogas, participação de nomes ligados à história do Hip Hop na cidade como o grafiteiro Akuma e Dom Negrone, palestras e a integração dos quatro elementos do Hip Hop, somado ao quinto elemento que é considerado o conhecimento, refletido nas palestras. O evento acontece em uma região mais distante da cidade, próximo ao limite entre São Gonçalo e Itaboraí e resgata a questão social, a transformação através do Hip Hop e a visibilização da juventude através das práticas ligadas aos Hip Hoppers. O CLAM promove o evento, mantendo o que se propôs a fazer desde a primeira década dos anos 2000, debatendo

_

¹²⁵ SÃO GONÇALO IN RAP. Relato de Esperança. São Gonçalo, 01. abr. 2011. Disponível em:

< https://sginrap.wordpress.com/ > Acesso em: 26.04.2021.

questões sociais onde o Hip Hop é a ferramenta de promoção da cidadania, educação e direitos humanos aos moldes da UNESCO e da ONU.

Assim, podemos observar as formas discursivas que orientaram a prática do Hip Hop Gonçalense no período, ainda podemos perceber a presença da perspectiva da prática do Hip Hop como ferramenta educacional de elevação moral dos indivíduos participantes. Apesar da constante busca pela ascensão social através da notoriedade midiática através da arte, ainda existe por parte de agentes como Mika Mikaeli, Ley Nascimento e do CLAM, uma perspectiva mais ligada às propostas incorporadas pelos agentes do Hip Hop gonçalense no início dos anos 2000. Os MCs que fizeram parte dos momentos que transformaram a Batalha do Tanque em um fenômeno de massas da Internet, hoje tem carreiras musicais e já não participam mais constantemente daquele evento e em meio a pandemia, a Batalha do Tanque, através da arrecadação de uma verba via Lei Aldir Blanc, promove em seu canal oficial no youtube, um curso de formação para quem se interessa em construir uma carreira no rap. O curso trata de temas que vão desde à história do Hip Hop a como monetizar a música nas novas plataformas digitais. O argumento do projeto democratizador, do Hip Hop como ferramenta educacional, de elevação moral, de transformação social pela arte novamente é colocada em evidência.

Neste sentido, podemos pensar que apesar de existir renovação na cena do Hip Hop em São Gonçalo, muitas das vezes essa renovação depende do voluntarismo dos seus agentes. Quando as vanguardas artísticas conseguem atingir legitimidade frente à setores midiáticos, como no caso dos grafiteiros Eco e Ema, consequentemente a um público especializado ou quando os artistas atingem a massificação, como é o caso de Jhony, Pelé, Orochi, Azzy, Knust, a continuidade dos projetos não tem a mesma intensidade dos períodos anteriores. Entre uma movimentação e outra, na mudança de geração, muitas das vezes as mesmas dificuldades encontradas no início das primeiras movimentações do Hip Hop voltam a acontecer, sem que uma cena realmente sólida, estruturada e seja viável financeiramente se forje nesse território. Apesar de artistas atingirem a legitimidade e muitas obras ganharem projeção massiva, não existiu até hoje a criação de uma cena independente, autossuficiente e que consiga se estabelecer por muito tempo na cidade. O Hip Hop de São Gonçalo, apesar das suas eras de ouro, sendo elas a época da ASAC, a época do Turbilhão Hip Hop e a época do auge da Batalha do Tanque, não se constrói definitivamente como uma cena independente e sempre que os artistas que são vanguarda em algum período ganham notoriedade, a cena volta a

depender do voluntarismo dos que ali permanecem e não conseguem alcançar a massificação ou atingir um nicho específico de um mercado mais amplo das artes

3. O Hip Hop, Território e Monumentos em São Gonçalo

Este capítulo tem como finalidade, abordar a expressão do *Hip Hop* em alguns espaços da cidade de São Gonçalo, sua forma de auto inscrição enquanto movimento no espaço urbano e como esse movimento constrói e reconstrói a memória sobre si e participa da disputa pelo direito de ocupar o espaço na cidade, no recorte temporal entre 1995 e 2021. Aqui o objetivo é observar o quanto o movimento *Hip Hop* se diferencia enquanto prática social dos projetos políticos e discursivos anteriormente inscritos no cotidiano do município no decorrer do século XX e quais estratégias são utilizadas para realizar essas disputas.

Assim, escolhemos dois lugares que se constituem como lugares de memória da cidade – o bairro do Alcântara e a Praça dos Ex-combatentes no bairro do Patronato –, considerados monumentos capazes de rememorar períodos históricos que representam projetos políticos e econômicos distintos. Escolhemos o bairro Alcântara, pois diversas partes do bairro foram, ao decorrer do tempo, apropriados pelos sujeitos que constituem o movimento *Hip Hop* na cidade e essas apropriações tiveram diversos sentidos no decorrer desse período, como podemos observar nos capítulos anteriores. Mas, de qualquer forma, a ocupação desse bairro foi central para o desenvolvimento do *Hip Hop* na cidade como cena artística e movimento cultural.

A partir da análise das experiências vividas e marcas deixadas por esses sujeitos nesses espaços, podemos começar a pensar sobre a história recente da cidade e sobre quais territórios os *Hip Hoppers* atuaram e seguem atuando no presente, quais as estratégias desses sujeitos para atribuir novos sentidos ao território e como se deu a busca no sentido de produzirem um espaço para todos e não só para alguns. Assim, faremos uma breve abordagem sobre a história desses dois lugares de memória da cidade de São Gonçalo, no século XX, para assim compreender a relação do movimento *Hip Hop* com os questionamentos eles e com o seu passado, procurando a compreensão dos *Hip Hoppers* sobre a história e os possíveis novos significados elaborados a partir da atuação deles nesses espaços. Propomos caminhos para refletirmos sobre o passado em média duração e curta duração e a conexão da cidade com as diferentes conjunturas políticas e econômicas que atravessaram o século XX, seus desdobramentos no início do século XXI e no tempo presente.

3.1. Juventude, território, monumento e documento

Ao abordar o resultado da investigação sobre como os jovens *Hip Hoppers* gonçalenses atuaram sobre certos lugares e de que forma essa atuação propõe uma forma diferente de se relacionar com o espaço, constituiu territórios do *Hip Hop* na cidade e, ao mesmo tempo, uma memória própria dos jovens, periféricos, negros e como essa atuação pode produzir diferentes subjetividades. Utilizo a categoria território proposta por Milton Santos, onde:

É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. (...)O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.¹

Pensar como espaços que funcionam em redes como viadutos, estação de trem, monumentos ligados à uma memória de um passado heroico para alguns e não para todos, se tornam plataformas de atuação dos sujeitos comuns e consequentemente ganham novos sentidos de existência e resistência, abrindo a possibilidade de tornarem os espaços de alguns, espaços de todos e para todos. Ou seja, a ideia é pensar em como a própria história contemporânea da cidade de São Gonçalo é atravessada pela atuação *Hip Hop* e seus agentes, que inclusive buscam dar diferentes sentidos de forma consciente ou não a projetos de média e curta duração. Neste sentido, Diógenes nos lembra que:

A história da formação das cidades é quase sempre recortada pela ação dos grupos que se colocam como outsiders, como signatários de outra ordem ou mesmo como agentes desestabilizadores do ideal de ordenação que também se confunde com o processo de formação das cidades.²

O primeiro "monumento" apropriado pelos *Hip Hoppers* gonçalenses é a Estação Ferroviária Pedro de Alcantara, construída no ano de 1927, dando nome ao bairro homônimo, integrando a linha litoral da Estrada de Ferro Leopoldina que tinha o objetivo de ligar o município de Niterói aos municípios de São Gonçalo e Itaboraí. Esse espaço que outrora significava a perspectiva de progresso, na passagem dos anos 1990 para os anos 2000 já estava em desuso e, segundo Ema, estava "virando ponto de venda de drogas" tornou-se um ponto de encontro dos grafiteiros ligados à ONG Associação

¹ SANTOS, M. O retorno do território. *In: Territorio y movimientos sociales* p. 256, jan./abr., 2005.

² DIÓGENES, Glória. Rebeldia Urbana: Tramas da exclusão e violência juvenil. In: HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 1990*.: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1997, p.126.

³ SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021.

Sobrados de Arte e Cultura (ASAC), sob liderança de Fábio Ema, e painel a céu aberto para a prática do grafite.,

O segundo é a Praça Chico Mendes, no mesmo bairro, inaugurada em 1992 pelo prefeito Edson Ezequiel de Matos do PDT (1989-1992), (1997-2000), homenageando o seringueiro e ambientalista assassinado em 1988 pelo grileiro Darci Alves, após sofrer uma série de ameaças. A praça contava com pistas de skate e quadras de futebol e basquete, e logo se tornou um ponto de encontro de diversas tribos da juventude como roqueiros, skatistas, rappers, grafiteiros, visto que a cidade era cercada por comércios e serviços e a praça ocupava um espaço central na cidade, com fácil acesso e, no período entre 1992 e 2010, estava se tornando um ponto de referência para a juventude e para as culturas urbanas existentes na cidade. O terceiro, ainda no bairro Alcântara, é o Viaduto do Alcântara, local onde foram realizadas muitas intervenções do grafite gonçalense, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 mas que no início dos anos 2010, onde outdoors e propagandas deram lugar aos grafites mas no governo do prefeito Capitão Nelson (PODEMOS), tem sido alvo de novas intervenções a partir do projeto Cidade Ilustrada⁴. Neste sentido, é possível observar o quanto o Hip Hop, principalmente a partir do grafite, se auto inscreveu no bairro, tendo em vista as tensões e mediações com o estado e os projetos de poder mais tradicionais existentes na cidade.

Por último, identifico a Praça dos Ex-Combatentes, no bairro Patronato, criada em 1970 sob a justificativa de homenagear os praças gonçalenses que combateram na Segunda Guerra Mundial, na gestão do prefeito Osmar Leitão, do ARENA (1967-1970), foi inaugurada por José Alves Barboza também da ARENA (1970-1971), dando origem ao bairro Patronato. Esse espaço, a partir do final de 2010 se torna o ponto de encontro de MCs, B Boys e Grafiteiros da cidade, sendo palco da Roda Cultural de São Gonçalo, que posteriormente se tornaria a Batalha do Tanque, fazendo menção ao monumento instalado no centro da praça.

Pensaremos esses espaços a partir da noção de documento/monumento, proposta por Jacques Le Goff que entende que os materiais que se constituem como suportes para a produção de memória operam como monumentos, ou seja, como herança do passado enquanto os documentos resultam de uma escolha do historiador.

Cd_d_ m

⁴ Cidade Ilustrada inicia grafite do quarto painel em Alcântara. Niterói, *O Fluminense*. 04.fev.2022. Disponível em: https://www.ofluminense.com.br/cidades/2022/02/1236820-cidade-ilustrada-inicia-grafite-do-quarto-painel-em-alcantara.html Acesso em: 13.02.2022.

Neste sentido, "o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação" assim, para o autor:

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.⁵

Em nosso caso, pensaremos como o Hip Hop atribuiu na cidade sentidos diferentes a esses monumentos, construindo novas narrativas e memórias atribuídas a esses espaços.

3.2 São Gonçalo entre a urbanização espoliadora e a urbanização especulativa

Para pensar esses espaços no tempo e fazer um breve panorama das suas transformações durante o século XX e início do XXI, adotaremos a proposição de periodização de Viana⁶ sobre as fases críticas de reestruturação da cidade. A partir da perspectiva da autora, e para poder contextualizar o nosso objetivo e identificar os projetos políticos que articulam e dão sentido aos monumentos analisados procuro reconstituir discorrer os contextos nos quais eles foram construídos, quais eram os possíveis sentidos visados por quem construiu esses espaços e como foram e estão sendo reapropriados e reinterpretados pelos agentes do *Hip Hop* no sentido de disputar o espaço e propor novos sentidos para o espaço transformando as redes em espaços banais, como propõe Milton Santos⁷.

Segundo a autora, São Gonçalo passou por três fases de reestruturação, sendo a primeira fase entre 1920 e 1960 que marca a urbanização que "precede a industrialização e é capturada por ela", a segunda fase entre 1970 e 1990 que "aprofunda e matura a urbanização espoliadora" e anos 2000 até os dias atuais que "marca a transição à urbanização especulativa (ou financeira) que impõe à problemática urbana análises e interpretações para além do dualismo centro-periferia no contexto da atual metrópole e da sua região". A autora, tem como ponto de partida a ideia de que:

(...) a evolução urbana de São Gonçalo introduz-se no processo de consolidação da expansão urbana da metrópole fluminense e relaciona-se

⁵ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. IN: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 535.

⁶ VIANA, Juliana Nazaré Luquez. Rupturas e continuidades - a produção do espaço e o processo de reestruturação: um olhar a partir de São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

⁷ SANTOS, M. Territorio y movimientos sociales op.cit, 2005, p, 256.

⁸ VIANA, Juliana Nazaré Luquez. Rupturas e continuidades, op. cit., 2019, p. 174.

com os processos e contradições socioespaciais engendrados na produção-reprodução da metrópole⁹

Para Viana, além da citricultura ter facilitado o processo de urbanização da cidade, devido a sua capacidade de:

(...)utilizar os meios urbanos para a sua manutenção, como os portos e as ferrovias para o transporte de cargas, como também os bondes e o trem para deslocamento de trabalhadores empregados diretamente na citricultura ou nas áreas derivadas desta.(...) sua rede conectava campo e cidade favorecendo o rápido processo de transição do rural para o urbano (...).¹⁰

A partir das contribuições da autora, podemos observar que a própria consolidação da cidade de São Gonçalo enquanto espaço urbano, tendo a estação ferroviária do Alcântara como ponto de referência, está ligada a uma lógica transnacional e para servir aos interesses do capital, transportando mercadorias e pessoas dispostas a venderem a sua força de trabalho em uma lógica que Santos vai chamar de "globalização perversa" não como uma possibilidade mas como perversidade, que imprime uma lógica verticalizada nas relações socioespaciais. O bairro do Alcântara, nesse sentido, se torna um entreposto entre a Baía de Guanabara e Itambi que é uma região rural e todo o desenvolvimento do local enquanto território vai acontecer no sentido de atender essa lógica: escoar mercadorias e transportar trabalhadores.

A atividade da citricultura teve grande importância no processo de urbanização até a década de 1940, quando os terrenos utilizados para tal foram utilizados para a expansão da área urbana, a exemplo dos bairros Laranjal e Jardim Catarina, onde posteriormente nos anos 1980, 1990, 2000 e 2012 habitavam os grafiteiros Eco e Alio, o DJ Arrá, os MCs Funkero, Logri, Gel, Fael e Aika¹². Esses bairros foram formados ao redor do bairro Alcântara e é neles que acontece grande parte das manifestações ligadas ao *Hip Hop*. Por isso, este capítulo tem foco no bairro que é historicamente central dentro de uma lógica da construção de um projeto de cidade historicamente moldado para atender as demandas do capitalismo que se transforma no tempo e a intervenção de grupos que historicamente não estavam inseridos nesse projeto, os jovens negros, periféricos que através das linguagens do *Hip Hop* buscaram e buscam ferramentas para se inserirem e ressignificarem o espaço onde vivem.

¹⁰ Ibidem, 2019, p. 178.

⁹ Ibidem, 2019, p.175.

¹¹ SANTOS, M. Territorio y movimientos sociales. op.cit, 2005, p. 259.

¹² Referências da prática do Hip Hop em São Gonçalo.

A partir dos anos 1930, a industrialização da cidade também influencia no processo de urbanização, a partir da área que vai desde o bairro de Neves fronteiriço com Niterói, até a área central da cidade, posteriormente até o Alcântara que se configura como elo de ligação do trecho urbano da cidade, que se conectava com a metrópole Rio de Janeiro, com a área rural, onde se localiza a estação de trem local que futuramente, em decadência, apareceria na imprensa como ponto de encontro de grafiteiros e que hoje surge na memória das primeiras gerações do *Hip Hop* gonçalense o local de fundação¹³ e de encontro entre esses agentes. A Praça dos Ex-Combatentes, que se tornou a praça onde ocorre a Batalha do Tanque também é atravessada pela antiga linha férrea e está localizada entre o Alcântara e Neves.

3.3 O Grafite e a estação ferroviária e o bairro do Alcântara

A partir de 1870, se inicia a expansão da linha ferroviária The Leopoldina Railway por Dom Pedro II, sendo a Estação Pedro de Alcântara, construída em 1927 com o objetivo estabelecer a ligação entre Itaboraí, São Gonçalo, Niterói, Rio de Janeiro e, a cidade vai ganhando uma grande importância comercial para o estado do Rio de Janeiro. O objetivo principal da estação era atender a necessidade do escoamento de mercadorias produzidas na região para a capital do Brasil e para a Europa, sobretudo a produção de laranjas, conforme podemos observar em Viana¹⁴, ou seja, o bairro e a sua estruturação nascem a partir de uma lógica verticalizada, para atender os interesses do mercado em dimensão nacional e internacional, não como um espaço construído por todos mas para atender os interesses de alguns, não sendo esses alguns os que lá habitavam.

No final do século XIX, São Gonçalo, recém-emancipada de Niterói, se consolida como um dos municípios de maior desenvolvimento industrial do Brasil, impulsionando assim, seu crescimento urbano já na década de 1930, o que posteriormente acarretaria o crescimento populacional desenfreado na metade do século seguinte, trazendo diversos problemas de ordem urbana, demográfica e social, devido a sua vocação à produção de produtos primários, principalmente a citricultura¹⁵.

¹³ SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ Acesso em: 01.05.2021.

¹⁴ VIANA, Juliana Nazaré Luquez. Rupturas e continuidades. op.cit, 2019.

¹⁵ Ibidem, 2019.

Conforme observado por Jeferson Araújo podemos compreender o panorama da cidade no que se refere a urbanização no último século:

Ainda no auge da produção agrícola das terras gonçalenses a necessidade de conexão e intercâmbio comercial entre as localidades da província era uma demanda crescente. Em paralelo a construção das ferrovias, a construção de ramais de bondes se apresentou como uma alternativa ao melhoramento da logística regional. Em proximidade ao início do século XX, a construção do ramal de bondes conectando Alcântara a Neves foi fator determinante ao desenvolvimento da incipiente estética urbana de São Gonçalo. 16

A Estação foi projetada para ser o entreposto entre os produtores do Leste Fluminense com a capital, que estava se reestruturando a fim de se adequar a um projeto de cidade moderna, com linhas férreas e reorganização urbana, no sentido de consolidar seu papel de periferia na nova configuração do sistema mundial.

A região tinha como característica a produção de laranja, no início do século XX, e o bairro do Alcântara tinha como objetivo ser o entreposto entre a capital e o sertão de Itambi se consolidando no decorrer do século XX como centro comercial da cidade de São Gonçalo. Podemos observar a posição da estação em relação a outros terminais ferroviários no mapa abaixo:

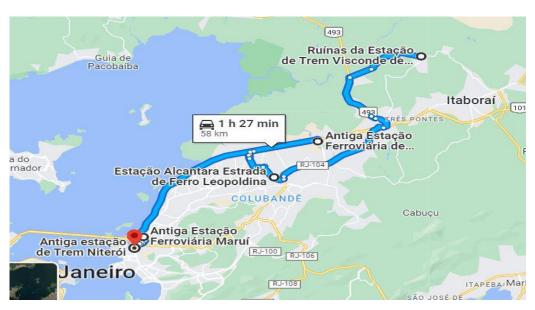


Figura 1 Estação do Alcântara posicionada entre as estações Visconde de Itaboraí e Guaxindiba ao Norte e Maruí e Niterói ao sul.

90

¹⁶ ARAUJO, Jeferson Thomaz. *A Centralidade de Alcântara e a História Urbana de São Gonçalo-RJ*: A atuação dos agentes sociais na consolidação de um núcleo urbano e na transformação de um espaço público. Texto apresentado no Seminário Temático Rede Urbana e História a ANPUR/RN, Maio. 2019. p.14

O nome do bairro, da linha férrea e da estação fazem menção a Família Real Brasileira, o que se mantém mesmo após o fim da monarquia no Brasil, sendo continuidade da cadeia de ramais ligados a linha Leopoldina Railway. São Gonçalo se torna um município em 1890, um ano depois do fim do Império do Brasil.

A estação ferroviária se configura como herança do passado, mostra como os agentes políticos do passado tentaram de certa forma perpetuar uma memória, consciente ou inconscientemente, produzindo uma documentação que serviria como um dispositivo de perpetuação da recordação sobre aquele período. No caso da monarquia naquela região e a sua relação com o progresso material, temos a linha férrea, um dos símbolos da modernidade e do progresso no século XIX batizada com nomes ligados à família real brasileira, apesar da extinção da monarquia desde 1889, que para o pensamento moderno de um modo geral desde os iluministas representa uma instituição obsoleta, contrária a modernização. No decorrer do tempo a estação foi perdendo a funcionalidade dada pelo projeto econômico inicial, visto que as áreas produtoras de laranja se tornaram bairros residenciais e a indústria da cidade entra em decadência nos anos 1960¹⁷, perdendo paulatinamente sua função econômica, tendo em vista que a desindustrialização se consolida nos anos 1970, deixando para trás as ruínas de uma expectativa de progresso que não se consolida, além de uma explosão demográfica desenfreada com o surgimento de diversos loteamentos e uma ocupação do território sem planejamento, o que gera uma série de problemas de ordem social, econômica e ambiental, muitas pessoas morando em beiras de rios que açoraram alagamentos, violência, criminalidade.

Pensando na Estação do Alcantara como documento e monumento, podemos extrair referência à diversos passados, diversas temporalidades e nenhuma dessas visões do passado contemplam os trabalhadores, periféricos, jovens, negros, principalmente após os anos 1970, visto que o progresso social e material prometido com a construção da linha férrea não se consolidou nos anos posteriores, restando apenas a ideia de um passado que imaginava um futuro que não aconteceu. Pensando desde o nome, aos objetivos da estação de trem e ao próprio processo de desativação da linha e da estação, não ocorrem com a participação da classe trabalhadora da cidade, dos descendentes de escravizados, da juventude das periferias e dos grupos subalternizados. Esse documento/monumento simboliza a decadência de um passado que se desenhava como

¹⁷ VIANA, Juliana Nazaré Luquez. Rupturas e continuidades, op. cit., p. 174

glorioso para um pequena parcela dos moradores da cidade mas que hoje é habitada por um número significativo de moradores que vivem a experiência da precariedade e desigualdade econômica, demográfica e ambiental da cidade, com poucas oportunidades, sem perspectiva e que levou São Gonçalo a ser vulgarmente conhecida como uma "cidade dormitório".¹⁸

Enquanto documento pode ser interpretado como símbolo de uma expectativa que não veio a se consolidar no território e em tempos contemporâneos caracteriza a decadência econômica do município e o seu caráter urbano pós-industrialização. O progresso econômico no município não cumpriria as expectativas no segundo quarto do século XX, a partir de 1960, se iniciaria na cidade um processo de desindustrialização e esse processo posteriormente ganhou a companhia de um forte período de inflação ainda no período da ditadura militar brasileira.

A cidade chegaria aos anos 1990 como uma cidade superpopulosa, porém uma cidade sem oferta de postos de trabalho que pudessem atender a a demanda dos trabalhadores no território, fator esse que acarreta a busca de empregos fora dos limites do município. Os trabalhadores gonçalenses, passam a atender a demanda por mão de obra na vizinha Niterói e na capital.

Na virada dos anos 1990 para os anos 2000, logo após a estação Pedro de Alcantara ser desativada de vez, os grafiteiros liderados por Fábio Ema, a exemplo das revistas de grafite, de filmes como Wildstyle¹⁹ e Styles Wars²⁰ começam a ocupar o território que estava sendo desativado para utilizar como tela para a produção do grafite. Os grafites das revistas e dos filmes mostram que em Nova York, o trem é uma das principais plataformas de pintura do grafite e, se São Gonçalo não tinha mais trem, tinha a estação em processo de desativação e o cenário perfeito para os agentes locais reproduzirem a prática na realidade local. Podemos fazer um paralelo do grafite em São Gonçalo com o grafite e o *Hip Hop* em Nova York, onde ambos se desenvolvem em um contexto de aplicação de políticas neoliberais, no caso da cidade estadunidense no final dos anos 1970 era um contexto de reestruturação da cidade, gentrificação, incêndios criminosos, tensão social e racial, chegada do craque e conflitos de gangues, o grafite, o *rap* e o *break* chegam como força de expressão da juventude negra e periférica para

¹⁸ ROSA, Daniel P. Consensos e dissensos sobre a cidade-dormitório: São Gonçalo (RJ), permanências e avanços na condição periférica. *Revista Política e Planejamento Regional* 4.2 (2017): 273-288.

¹⁹ STYLES Wars. Direção de Tony Silver, Henry Chalfant. New York: Public Art Filmes. 1983.

²⁰ WILD Style. Direção de Charles Ahearn. Los Angeles: Rhino Enternainment. 1983.

contrapor, mesmo que inconscientemente em certos momentos essa lógica, em São Gonçalo nos anos 1990.



Grafiteiros Siri Ema e Diego (Estação do Alcântara 1999). Fonte: Acervo pessoal Vinícius Medeiros (Siri)

Como o trem quase não circulava mais, a estação era perfeita para a prática do grafite – ampla, combinava vazios e paredes – e para a intervenção desses jovens no urbano. Assim, um espaço construído em uma lógica vertical, ou seja para atender apenas os objetivos de alguns, a partir das intervenções do grafiteiro Ema e outros que fizeram parte da ASAC no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, se tornou um espaço que pode vir a ser de todos, ou seja, dos jovens, periféricos, negros, em vulnerabilidade social, a maioria moradores dos bairros que se constituíram ao redor do Alcântara. Em pouco tempo não só a estação se tornou espaço de intervenção desse grupo de grafiteiros como os viadutos, ruas e praças do bairro também começaram a ganhar o colorido do grafite. Se para Benjamin "nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie"21, a prática do grafite naquele período poderia significar novos sentidos produzidos na paisagem, diferentemente dos sentidos visados pelos construtores e elaboradores dos projetos da ferrovia no início do século XX, para consolidar o papel da cidade como produtora de laranja ou local de moradia da mão de obra barata, ora ligando a região rural da cidade a região industrial e ao município de Niterói e a capital Rio de Janeiro.

Uma estação de trens abandonada e em ruinas ligado a um horizonte de expectativas do passado que não se manteve, se transformou em espaço de encontro, de trocas e de propagação dessa nova modalidade de expressão artística a partir da prática do grafite. A estação em Alcântara transformou-se em uma plataforma que representa

_

²¹ BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história, 1940. Obras escolhidas, v. 1 São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

novos horizontes de expectativa aos jovens gonçalenses, ainda que esses horizontes não estejam ligados a uma ruptura econômica e social propriamente dita, mas a autoinscrição desses grupos no espaço urbano e na narrativa pública.. Pelas características da cidade marcada pela pobreza, exclusão e falta de oportunidades e dos grupos de jovens envolvidos com o grafite, a prática do grafite tinha que ser autossustentada o que não proporcionou sua longevidade em São Gonçalo porque não manteve seus principais artistas atuando na cidade durante muito tempo.

O grafiteiro Ema que anteriormente já havia idealizado a ASAC, passou a atuar em diversas comunidades do Rio de Janeiro através de outro projeto, a Fábrica de Arte e Cidadania (FAC), com oficinas de grafite em comunidades como Mangueira e Jacarézinho que, segundo o idealizador do projeto, São Gonçalo foi o seu laboratório.²² Marcelo Eco, outro talentoso grafiteiro da cidade de São Gonçalo, apesar de ter retornado para coordenar o projeto Cidade Ilustrada²³, também atuou pouco tempo na cidade após o fim da ASAC, assim como os MCs Orochi, Pelé, Funkero, Don Negrone, Gordo, pois nenhum deles continuou na cidade. Ou seja, vários artistas do *Hip Hop* se forjam e desenvolvem na cidade, ali constroem suas subjetividades e estilos mas, para se manterem fazendo arte, acabam optando por mudar para o Rio de Janeiro para sobrevivem apenas de suas formas de expressão artísticas sem terem que conciliar com outros trabalhos. São Gonçalo é o laboratório que "produz" artistas mas, assim como a lógica da produção de laranjas, os principais expoentes da cultura *Hip Hop* não conseguem se afirmar nesse espaço durante muito tempo tendo que buscar outras alternativas para sua sobrevivência artística.

Para os *Hip Hoppers* gonçalenses, que tiveram seu primeiro encontro com algumas linguagens da cultura urbana na passagem dos anos 1990 para os anos 2000, aquele território criado na estação de Alcântara tem importância afetiva e, para a maioria deles, marca o início das suas trajetórias no movimento Hip Hop. Segundo Ema:

Por incrível que pareça, tudo começa em uma linha de trem, onde acontecia um ponto de venda de cocaína da região, que era uma estação de trem que ligava Alcântara e era exatamente o ponto crucial de três lugares, Jardim

-

²² SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021.

²³ REDAÇÃO. São Gonçalo inicia novo painel do Cidade Ilustrada em Alcântara. O São Gonçalo. São Gonçalo, 06.out. 2021. Disponível em: < https://www.osaogoncalo.com.br/geral/113099/sao-goncalo-inicia-novo-painel-do-cidade-ilustrada-em-alcantara > Acesso 16.02.2022

Catarina, Alcântara e Trindade, no início ela era ativa, de dia se pagava para circular, tinha o vigia mas era abandonada a tarde para a noite e vinha uns jovens sem oportunidade de trabalho e vendiam droga ali, da janela da minha casa via essa estação de trem e via tudo, e ai eu comecei a desenhar nas paredes, só que se eu fosse desenhar na rua, a polícia ia me pegar, era novidade, então resolvi a começar a desenhar nessa estação de trem.²⁴

Ou seja, a estação do trem, semiabandonada, que outrora foi o símbolo da modernização econômica e de um horizonte de expectativa de progresso, tornou-se o ponto de partida para a criação daqueles bairros ao redor e oferecia um refúgio para o exercício da prática dessa nova linguagem. Conforme já mencionado nos capítulos anteriores, o grafite ainda era, até então, confundido com a pichação, considerada um problema para determinados setores da sociedade gonçalense, e não podia ser praticada publicamente neste primeiro momento.

Segundo o grafiteiro Gal, que faz parte dessa primeira leva de jovens que conheceu e se expressava através do grafite:

Esse ponto, era um ponto de encontro, onde todo grafiteiro de São Gonçalo né, ou seja, da região metropolitana, tinha que ir ou pra ver ou pra pintar, porque chegou um período que já não dava mais para pintar quem era de fora, por que já se tinha essa regra de não se atropelar, aquilo que um grafiteiro já tinha feito. (...) isso nos ajudou a expandir muito, né, então, a galera não tinha o trem, mas *a galera tinha as paredes*, então esse período ali de 1996, que foi o que considero o início de uma geração com a consciência que tava fazendo grafite em um cenário.²⁵

O morador do bairro do Alcântara, o MC e grafiteiro Dipro, que participou das turmas do grafite da ASAC e das primeiras pinturas na estação de trem, afirma através da música "Sexta Feira":

Policial anda armado, também to no pecado e os grafite ali da linha ta irado (...)Saindo da estação ligado, vou lá pro viaduto pego o parador lotado, passo por baixo da roleta, o trocador manda uma letra, eu não preciso de boleta, vale transporte, meu passaporte é a sorte agora, então olho pro lado e pergunto qual é da hora?²⁶

Alex Silva, o B Boy Pluto relata o que para ele significava aquele espaço e o que significa hoje, para ele pintar naquele espaço, significava entrar para a história:

_

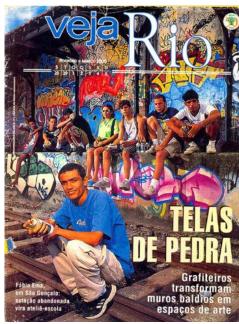
²⁴ SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ Acesso em: 01.05.2021. Grifos meus.

²⁵ Idem, 2020, Grifos meus.

²⁶ DIPRO MC. Sexta Feira. Música Hip Hop. Youtube. São Gonçalo, 360k, 2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=FypkDCgH0KM > Acesso em 17.02.2022.

Meu sonho era pintar na linha do trem, mano, porque quando eu ia ao sobrado, via as revistas, ai vi o Mangue Boy sair na revista de rap com os Três Pretos, os caras tudo famoso mané. Uma das oficinas foi pintar na linha, um sol do capeta, calorzaço, fui pintar...eu tinha uma vontade de pintar ali por que queria deixar o nome na história, eu já sentia isso, não sei o porquê pressentia isso, mas eu via a revista e estar com Fabio Ema, que trabalhava com o Rappa, muito artista próximo, as paradas conectadas, eu lembro que aprendi muito ali tipo tentar ser profissional com o que você faz e o mais correto possível e esse olhar pelo outro que Fábio fazia muito²⁷.

Uma vez consolidada como território de grafiteiros, e não mais como "ponto de venda de cocaína", a estação passou a atrair a atenção da imprensa que noticiou a ligação dos grafiteiros de São Gonçalo com o bairro e a transformação da estação em "telas de pedra".



ALMEIDA, Lívia de. "Telas de Pedra - a arte de colorir as ruas". *Veja Rio*, ano 10, nº 9, RJ, 28 fev./5 mar. 2000 (Capa)

Registros fotográficos dos próprios sujeitos envolvidos no movimento *Hip Hop* em São Gonçalo mostram o que em pouco o tempo a prática do grafite já transcendia à estação. Na segunda metade dos anos 1990, o grafite vai estampar as paredes de todo o bairro que é o principal centro comercial da cidade. Ou seja, todos que iam ao Alcântara comprar algo, ao banco, ou até mesmo trabalhar, poderiam se deparar com as artes dos grafiteiros que iniciaram na estação. O território do bairro, organizado outrora para servir de entreposto comercial entre Itaboraí, Niterói e a Capital, depois como símbolo

-

²⁷ SESC RJ. Diálogos - #episódio 10, Op. Cit, 2020.

de uma lógica de cidade mercado, se transforma em tela a céu aberto da expressão do grafite, liderada por jovens negros e periféricos dos bairros da região.



Local: Viaduto do Alcântara. Acervo pessoal de Vinícius Medeiros (Siri). Ano 199?

Hoje em dia podemos encontrar mais registros na imprensa sobre a atuação dos grafiteiros naquele espaço do que em relação aos projetos iniciais ligados a essas construções, seja o projeto da construção da linha férrea ou da própria referência da estação ao nome da família real. A imprensa destaca a atuação "revitalizadora" dos espaços pelos grafiteiros, no sentido de transformar lugares abandonados e baldios em "espaço de arte" mas conforme podemos observar, os grafiteiros não estavam só interessados em intervir nos espaços baldios como a antiga estação de trem mas também na paisagem urbana, no caso o viaduto. Suas linguagens e formas de expressão e intervenção não se dão apenas através de um desenho mas também de uma letra ou uma inscrição.

Na imagem, acima, podemos identificar nomes de alguns sujeitos envolvidos com o grafite e o *Hip Hop*, como Eco, Digo (Mc Dipro) e Arrá, que seria um dos principais DJs e incentivadores da propagação dos elementos do *Hip Hop* na cidade até o período da Batalha do Tanque, cerca de 20 anos depois dos encontros na estação de trem. Ou seja, também existia por parte dos grafiteiros, MCs e B boys, a necessidade de se auto inscreverem no espaço, em deixar suas marcas não só na antiga estação ligada a produção e reprodução do capital mas, também, no viaduto e no próprio bairro, podem ser um espaço de todos, em propor a ideia de um espaço banal, conectado com a produção de sentido local em contraponto a lógica do espaço em rede, com o único objetivo de ser um espaço que serve a produção e reprodução do capital. Para esses jovens, o espaço ganha o sentido de tela a céu aberto, possibilidade de visibilidade e interação com jovens de outros bairros.

A escolha do tipo de grafite utilizado na estação o *Bomber*²⁸, a forma dos grafiteiros demarcarem o território escrevendo seus nomes pela cidade, é a mais próxima da pichação, e essa imagem mostra a necessidade daqueles jovens, que haviam acabado de conhecer o grafite através da pichação, em inscrever suas assinaturas na cidade conforme podemos observar no primeiro capítulo deste trabalho. Nesse sentido, igualam-se o monumento estação – cujo nome está ligado a Familia Real como possibilidade de perpetuação de uma memória da monarquia –, e o viaduto que não tem outro objetivo a não ser facilitar o trânsito de pessoas rumo ao trabalho. Ambos ganham novos sentidos memoriais, afetivos e funcionais, principalmente para as gerações que vem a surgir a partir dos anos 1990.

Obviamente que os grafites sobrevivem pouco tempo pois, eram apagados logo após serem feitos e, no decorrer dos anos, muitos outros grafites no viaduto tiveram o mesmo destino, dando lugar a propagandas. Mas o fato de haver sempre o retorno àquele espaço e dele se constituir como uma constante intervenção dos grafiteiros mostra que o movimento *Hip Hop* na cidade não estava apenas interessado em ser considerado uma forma de expressão de jovens que transformam vandalismo em arte, mas em mostrar que o viaduto estava ali para as pessoas que transitam e que aquele espaço pode e deve ser de todos, tendo em vista que esse tipo de intervenção, o bomber, geralmente acontece sem autorização de uma autoridade.

Após quase trinta anos, a gestão municipal do Capitão Nelson propôs aos grafiteiros da cidade o projeto "cidade ilustrada", com curadoria de Marcelo Eco, um dos grafiteiros que estavam presentes no início do grafite através da ASAC. Um dos objetivos do projeto é contar uma determinada história da cidade através do grafite, desde o seu passado antes de chegada dos portugueses, passando pelo seu passado industrial até os dias atuais. Ou seja, existe atualmente uma proposta de utilizar o grafite como forma de resgatar uma história oficial da cidade que, evidentemente, não contempla os historicamente marginalizados, que reforça uma perspectiva de progresso capitalista que existia no passado mas que, a partir da década de 1970 entrou em colapso e transformou a cidade em um grande bolsão de pobreza, extremamente populoso, com problemas sociais e ambientais. Ou seja, o projeto propõe a utilização do grafite a fim de construir uma narrativa sobre a cidade, talvez um passado glorioso, passando até pela história natural e dos povos originários da região mas sem nenhum tom de crítica sobre

_

²⁸ Grafite feito como forma de marcar território. Geralmente é uma letra estilizada do nome do grafiteiro.

esse passado, sem falar nas violências históricas do território, selecionando alguns episódios que pudessem fazer algum sentido para a propaganda do atual governo.

Apesar do grafite ser uma ferramenta para esse resgate do passado, observamos que ele não faz parte dessa história contada pelo projeto. Ou seja, podemos perceber que tanto a prefeitura quanto a imprensa que tem noticiado o projeto em 2022, ainda enxergam o grafite da mesma forma que enxergavam na década de 1990: uma ferramenta para "revitalizar" os espaços onde existe poluição visual, tirar o jovem da "marginalidade" e enquadrar os grafiteiros em determinadas normas para que possam funcionar como porta vozes de projetos políticos.

Os grafiteiros envolvidos no projeto, de um modo geral também buscam pensar de outra maneira essa intervenção na cidade. A primeira fase de "cidade ilustrada" com o painel nomeado "Gênesis", na rua Doutor Alfredo Backer, vai remontar a história da cidade mostrando a vegetação, os povos originários chamados Tamoios e os animais que habitavam a região mostrando a beleza natural que já existiu na cidade, sem tocar no tema da colonização, do desmatamento, nas violências praticadas no ato da ocupação do território. A segunda fase chamada "Centralidades", na Rua João Manoel Gonçalves vai contar a "origem" do Bairro Alcântara e sua relação com o Porto na Guanabara, a fim de rememorar aquele horizonte de expectativas que existia no passado mas que não veio a se consolidar, deixando problemas ambientais, sociais, demográficos e de violência. Da mesma forma que a o projeto colonizador, a produção de cana de açúcar será mostrada sem associá-la ao seu caráter escravista. A escravidão será lembrada apenas na terceira fase através da Fazenda Colubandê e a fundação da cidade, de forma a não chocar com a violência do cativeiro mas, apenas, abordar esse passado "glorioso" e bem sucedido de escravidão.

O projeto tem a participação de Amanda Cabocla, Dyego Xamp, Eduardo Tex, Gustavo Gut, Italo Ogai, Marcelo Alio, Rafael Raf, Siri do Muro e Thiago Tr3p, grafiteiros de distintas gerações do grafite na cidade, sendo Siri, Alio e Tex das primeiras gerações, tendo vivenciado a época do grafite na estação, sendo Xamp e Thiago Trep de gerações posteriores, tendo iniciado o grafite já na segunda metade dos anos 2000. Apesar de falar dos indígenas, da escravidão e do trem, a história da cidade vai aparecer de forma acrítica, sem mencionar o histórico de resistência, muito no sentido de romantizar um passado que tinha uma expectativa de futuro rumo ao progresso que não viria a acontecer. A intensa presença e atuação de grafiteiros na estação de trem sequer são mencionados. Eles não são parte da história da cidade e

sequer do bairro do Alcântara. Apesar da curadoria ter sido feita por Marcelo Eco, um dos grafiteiros envolvidos com o movimento hip hop desde os tempos da ASAC, essa história recente dessa juventude não é mencionada, talvez não pela falta de querer vontade do próprio Eco mas porque ele não tem autonomia para definir o que desenhar e pintar. Provavelmente mas pelo fator a história dessa juventude que se expressou como sujeito histórico e sujeito político através do grafite não é ser interessante ou conveniente para ser contada ao público geral, na visão de quem está no poder. e o grafiteiro saber disso, não existe a vontade por parte de quem governa historicamente a cidade destacar essa juventude como sujeito histórico e sujeito político e o grafite em si só serve para tirar o jovem da marginalidade, da pichação e para revitalizar os espaços abandonados ou poluídos visualmente. A imprensa noticia como a história é contada sem mencionar a desumanização das pessoas que chegaram ao território gonçalense para serem escravizadas e nem o genocídio indígena, mas como um passado em que não houve conflitos e dominação, seja na colonização seja no passado recente, contado por grafiteiros mas sem a participação do grafite e do Hip Hop e o novo sentido atribuído pelos grafiteiros à velha estação de trem que vai receber o grafite em um período em que está prestes a ser desativada.

A estação não vai aparecer como um lugar importante para a memória da juventude do Alcântara e arredores, do *Hip Hop* e das culturas urbanas, mesmo em um projeto onde o grafite é a ferramenta para a contação da história da cidade em imagens, por não haver o interesse do poder público para que essa memória seja afirmada no espaço público. As pessoas comuns e até os novos grafiteiros, MCs ou B boys chegam ao movimento sem reconhecer o passado das gerações que atuaram antes deles. Por isso, até mesmo em um projeto onde o *Hip Hop* é um dos elementos centrais, ele é utilizado apenas como "ferramenta" para contar a história da cidade na qual os próprios grafiteiros não estão inseridos. O grafite e os grafiteiros, para quem governa hoje a cidade, vão servir como instrumentos e linguagem para falar de um passado mas não para falar sobre si e, talvez por isso, o local de memória afetiva para essa primeira geração de grafiteiros e *hip hoppers* da cidade – a Estação Pedro de Alcântara – não vai ser contemplada pelo projeto. O grafite vai contar a história da cidade, uma história que o próprio não vai estar inserido, embora possamos observar muitas notícias e entrevistas com os grafiteiros na imprensa comercial.

Desde Luã Gordo, fundador da Batalha do Tanque até Diego Diprô, o grafite na estação Pedro de Alcântara é o grande elemento que vem a difundir as linguagens do

Hip Hop na cidade. Essa articulação entre a estação Pedro de Alcântara como um espaço de difusão do Hip Hop na cidade está presente em trabalhos acadêmicos, como ou matérias na imprensa o de Renata Bazilio da Silva em sua "Cartografia Cultural de São Gonçalo a partir do Grafite²⁹ que conta com os depoimentos de Gal, Siri e Aila, assim como é reconhecido por reportagens mais recentes nos jornais O Extra, São Gonçalo, O Fluminense e Jornal do Brasil, em diversos momentos, além de ser o marco referencial das memórias de diversos sujeitos – inclusive aqueles entrevistados para o presente trabalho. Apesar de nos anos 2010, a prática do grafite não acontecer mais no local, podemos compreender que a estação se torna um lugar de memória dos Hip Hoppers da cidade, embora pouco explorado, transpondo assim os projetos de perpetuação da memória da monarquia e a sua tentativa de perpetuação através do nome ou a memória de um futuro que não veio a ocorrer no sentido do progresso material.

Grande parte das fotografías para matérias sobre o grafite na cidade foram tiradas naquele território, e elas ainda se encontram em muitos arquivos pessoais, a exemplo do arquivo do grafiteiro Siri, ao qual tivemos acesso, assim como de outros *Hip Hoppers* que viveram aquele período, muitas vezes postados nas redes sociais deles, o que de certa forma ativa a memória daquele território e período. [mostre isso]

O que se observa é que o trabalho dos grafiteiros naquele momento e espaço, construiu uma tradição do grafite na cidade, possibilitou a conquista de reconhecimento, até pelas forças conservadoras da cidade como ferramenta de restauração do espaço urbano, a exemplo de Thiago Trep da OH Crew e Marcelo Eco, grafiteiros convidados pelas últimas gestões municipais para realizar pinturas em murais. Marcelo Eco, por exemplo, pinta outro monumento da cidade na parte central e é responsável por colorir o teatro municipal³⁰, Fábio Ema já teve sua obra exposta na galeria de arte da cidade e já foi convidado a realizar oficinas em escolas, na gestão de Neilton Mulim³¹, projeto que não chegou a ter continuidade, em 2021, já na gestão do prefeito Capitão Nelson é anunciado o projeto Cidade Ilustrada conforme podemos observar no jornal o Globo

-

²⁹ SILVA. R. B. *Cartografia Cultural do Graffiti a partir de São Gonçalo:* Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, Niterói, UFF, 2019.

³⁰ SODRÉ, Leonardo. Depois de rodar o mundo, Marcelo Eco, grafiteiro de São Gonçalo, volta à cidade para pintar monumentos. O Globo. Rio de Janeiro, 02.nov.2020. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/rio/bairros/depois-de-rodar-mundo-marcelo-eco-grafiteiro-de-sao-goncalo-volta-cidade-para-pintar-monumentos-1-24721845> Acesso em: 22.02.2022

³¹ MENDES, Wilson. Pioneiro do grafite, Fabio Ema coordena projeto inédito em escolas públicas de São Gonçalo. O Extra. Rio de Janeiro, 23.set.2014. Disponível em: < https://extra.globo.com/noticias/rio/pioneiro-do-grafite-fabio-ema-coordena-projeto-inedito-em-escolas-publicas-de-sao-goncalo-14015972.html > Acesso em 22.02.2022

que os grafiteiros ficarão responsáveis por contar a história dos bairros da cidade através do grafite³².

Enquanto historiadores, temos que observar essa movimentação e como isso vai ocorrer nos próximos períodos, visto que a memória está sempre em disputa mas é um dado concreto que o grafite, a partir da sua atuação principal nesse espaço da cidade conquistou posição como produção artística, ganhando legitimidade dentre diversos setores, inclusive os mais conservadores, ainda que com objetivos de reforçar a narrativa dos projetos hegemônicos em alguns momentos ou, em outros, com a sua função meramente de revitalização do espaço urbano e combate a pichação ou a marginalização dos jovens. A não inserção dos grafiteiros e do grafite como sujeitos dessa história mas só como ferramenta para contar outra história da cidade é um dado que nos chama a atenção, embora para os grafiteiros e hip hoppers o local tenha grande importância para a difusão do movimento hip hop com características locais, essa importância não é reconhecida pelo poder público, mesmo no contexto em que um projeto se utiliza da linguagem do grafite com o objetivo de restaurar fachadas da cidade. Vinicius Medeiros, o Siri, fala sobre a necessidade de resgatar e revitalizar a estação e o quanto o poder público não dá importância ao local:

Eu acredito que aqui pelo menos aqui na cidade São Gonçalo falta um pouco de carinho e atenção do governo a um espaço como esse, por exemplo, que é a linha do trem que estava abandonado, quando você vai na prefeitura ela joga para o governo do estado, quando você vai no governo do estado eles jogam para a prefeitura (...) a gente quer que aquele lugar volte mas a gente precisa se reunir e causar uma espécie de mutirão com a galera³³.

Em 2021 se iniciou o Projeto Cidade Ilustrada e a estação de trem que deu início ao movimento grafite e para muitos foi o ponto de partida do *Hip Hop* na cidade pouco foi lembrado naquele período, conforme mencionado. Apesar de um dos murais relembrar a estação e o trem como parte da história da cidade, o grafite não aparece como parte dessa história no mural que representa a história do trem e o local não foi inserido no projeto, como um dos locais a serem revitalizados pelo grafite. Talvez em função de não ter visibilidade, porque tanto a estação quanto o grafite estarem localizados em bairros periféricos, ou de ser apenas local de passagem, a prefeitura,

contam-parte-da-historia-em-sao-goncalo-1-25294523> Acesso em 17.06.2022.
 33 SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020.
 Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021.

102

_

³² SODRÉ, Leonardo. Novos painéis de grafite contam parte da história de São Gonçalo. O Globo. Rio de Janeiro, 02.dez.2021. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/bairros/novos-paines-de-grafites-

apesar de reconhecer o grafite como prática e linguagem expressiva e inserir os grafiteiros na agenda pública, não reconhece a memória do próprio grafite e do movimento *Hip Hop* em suas pretensões. Podemos perceber que existe por parte dos governantes, uma preocupação em incorporar o movimento *Hip Hop* a uma lógica institucional mas sem de fato reconhecê-lo como prática cultural legítima para a cidade. Assim, ele pode cumprir uma missão de revitalizar o espaço mas sem de fato reconhecer a sua essência e as próprias formas de atuação desses agentes e, nesse sentido, o *Hip Hop* continua produzindo grandes artistas na cidade e os que ganham mais destaque continuam a não atuar por muito tempo naquele território.

O bairro do Alcântara, alvo de muitas obras das prefeituras que governaram a cidade dentro do recorte temporal desse trabalho, sempre foi ao mesmo tempo um território de grafiteiros e de intervenções do grafite, do *rap* e do *break*. O bairro, por ocupar uma posição central e ser um entreposto desde a época da citricultura na cidade, acaba cumprindo esse papel de integração. Portanto, a atuação dos grafiteiros, mos e b boys nesse território acaba se dando de forma incisiva, seja nas intervenções no viaduto mesmo antes do projeto Cidade Ilustrada, seja na Praça Chico Mendes ou mesmo na Estação Pedro do Alcântara. Atualmente a Roda Cultural do Alcântara (RCA), que acontece no espaço que sobreviveu da antiga Praça Chico Mendes, acaba cumprindo o papel de reunir MCs, B Boys e grafiteiros.

3.4 Praça Chico Mendes: de território underground a suporte de memórias

No decorrer dos anos 2000, com o *boom* do grafite na cidade, sobretudo no bairro do Alcântara, a praça foi ponto de encontro de muitos jovens da cidade e das vizinhas Niterói e Itaboraí, sendo palco de campeonatos de *skate*, shows de rock e assim como a Estação Pedro de Alcântara, um painel para os grafiteiros da região. O espaço foi palco de shows de *rap*, *hardcore*, eventos de grafite, campeonatos de *skate* e foi desde a sua construção um espaço apropriado e ocupado pela juventude da cidade. Alex Silva (B Boy Pluto) relata que:

A conexão do Hip Hop era muito com os punk, ta ligado? Por que os primeiros eventos de break, não era evento, era batalha, primeira batalha de break, era em evento de rock, movimento punk, movimento grunge... A Chico Mendes trouxe essa noção do underground, era uma galera maluca (...) a Chico Mendes é um marco tanto quanto a ASAC e o sobrado são para mim³⁴

³⁴ Entrevista com SILVA, Alex (Pluto) realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021. arquivos mp4. 76 minutos.

O espaço foi construído entre 1989 e 1992, na primeira gestão do prefeito Edson Ezequiel, que até o período era uma figura pública ligada às forças progressistas, naquele caso à figura de Leonel Brizola. O Brasil passava por um processo de redemocratização e essa obra, em certo sentido, denotou um certo reconhecimento por parte desse governo a esses setores emergentes na cidade, tendo em vista que o seu nome e os aparelhos ali construídos como pistas de *skate* e quadras de futebol e basquete, tornava nítida a intencionalidade de criar um espaço que pudesse contemplar esses setores mais jovens.



Pista de Skate da Praça Chico Mendes 199? DOS SANTOS, Aline Nunes. *Apropriações do espaço público urbano:* O Caso da Praça Chico Mendes. Monografia Graduação em Sociologia. Niterói, UFF, 2019. p.16

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, com o aumento da prática do grafite, do skate, do break, do rap e do basquete de rua, a Praça Chico Mendes se torna o grande ponto de encontro da juventude da cidade de São Gonçalo, principalmente as sextas feiras, onde além do Hip Hop, algumas bandas de Rock também se encontravam. Por outro lado, o local é cercado de igrejas do segmento protestante, nesse sentido podemos observar que a medida que representantes do segmento protestante vão ganhando mais força na política da cidade, o espaço passa a não receber mais com tanta frequência eventos que aconteciam anteriormente com apoio do poder público assim podemos observar no trabalho de Aline Nunes dos Santos que:

Nos anos 2000 a praça Chico Mendes foi a primeira e única praça da cidade a receber uma pista de skate, ademais era considerada o reduto das tribos rockeiras1 e se tornou o berço do Parkour. Nesse mesmo ano, foi palco de eventos patrocinados pela prefeitura; aconteciam também, shows de Rock. Com a falta de investimentos do setor público, a praça começou a ser o palco

da violência e de rixas entre os próprios grupos que se articulavam neste espaço.³⁵

Conforme podemos observar no trabalho da autora, as igrejas vizinhas a praça passam a atacar primeiro os jovens que frequentavam o local com argumento de que aquelas pessoas que frequentavam o espaço eram violentos, numa tentativa mais uma vez de associar a juventude e as culturas urbanas a violencia e depois o próprio nome da Praça, alegando que Chico Mendes não é de São Gonçalo³⁶, portanto não mereceria tal homenagem. A autora destaca a importância do local para a juventude da cidade e para diversas manifestações culturais mas a partir do contato com este trabalho, podemos perceber que a ideia da Praça Bíblia se deu a partir de um processo e foi resultado de dois fatores, primeiro, do conflito e preconceito das igrejas da região com os jovens que ocupavam aquele espaço e em seguida pelo fortalecimento político desses setores ligados a essas igreja com a ideia de fortalecer um projeto político que tem a religião como grande sustentáculo que também passava por uma adequação do espaço urbano a determinadas normas de comportamento, algumas praças da cidade que recebiam jovens ganharam cercas e portões, a exemplo da Praça do Zé Garoto na região central da cidade. Além disso, no período da construção da Praça da Bíblia, setores não alinhados com o "Projeto Evangélico" foram atacados, inclusive foi derrubado, o local reconhecido por muitos como local de fundação da umbanda em meio a protestos de umbandistas da cidade³⁷. No período em que a Praça da Bíblia era construída, a Roda Cultural do Alcântara ganhava as suas primeiras edições, mesmo com a praça em reforma. Quando se consolidou a reforma e foi inaugurada a Praça da Biblia, seguindo o modelo adotado pela gestão municipal onde a praça era fechada, as tentativas de continuidade da Roda Cultural do Alcântara passaram a acontecer nos fundos da Praça, no local onde foi parcialmente reconstruída a Praça Chico Mendes com obra concluída em 2018, os jovens que ali permaneceram, continuaram o evento, o espaço que hoje são as ruínas da Praça da Bíblia segue abandonado.

Em 2012, a prefeita Maria Aparecida Panisset (PDT), após muitas críticas, transforma o espaço em Praça da Bíblia³⁸, mesmo dizendo no início da obra que não

³⁵ DOS SANTOS, Aline Nunes. *Apropriações do espaço público urbano:* O Caso da Praça Chico Mendes. Monografia Graduação em Sociologia. Niterói, UFF, 2019. p.17

³⁶ Idem, 2019. p.17

³⁷ Idem, 2019, p.25.

³⁸ BORGES, Pedro. *Fé na "Política da Boa Praça"*: Uma análise da relação política e religião (evangélica) em São Gonçalo-RJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais

mudaria o nome da praça³⁹, em consonância com o avanço evangélico na cidade, retirando todos os equipamentos ocupados pela juventude— pistas de skate, quadras de futsal e basquete –,o que fez com que muitos comércios da região parassem de funcionar e, em menos de dez anos, a praça se tornou uma ruína e onde era a antiga Chico Mendes, hoje não é mais nem Chico Mendes e nem Praça da Bíblia.



Inauguração da Praça da Bíblia em 2012. DOS SANTOS, Aline Nunes. *Apropriações do espaço* público urbano: O Caso da Praça Chico Mendes. Monografía Graduação em Sociologia. Niterói, UFF, 2019. p. 25

Apesar de atualmente a praça ocupar uma área muito menor continuar abandonada, possuir menos aparelhos para atender a população e estar destruída pelo tempo e em ruinas, nela acontece a Roda Cultural do Alcântara, evento que se iniciou ainda na antiga Praça Chico Mendes que na época, supostamente passava por "obras de revitalização". Na época do projeto, a prefeitura dizia que a praça não deixaria de se chamar Chico Mendes, depois que ela seria destinada a todas as religiões, desde que fossem cristãs, depois houve um *show* de lançamento do início das obras apenas com artistas do segmento musical evangélico, tendo a deputada federal Flordelis como artista principal do evento, como mostra o cartaz virtual de divulgação da própria prefeitura:

⁽Bacharelado/Licenciatura). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofía, Niterói, 2018.

³⁹ Idem, 2018, p.28.



Cartaz de propaganda do lançamento das obras "de construção da nova Praça da Bíblia". Prefeitura Municipal de São Gonçalo, Ano: 2011. Retirado de BORGES, Pedro. *Fé na "Política da Boa Praça":* Uma análise da relação política e religião (evangélica) em São Gonçalo-RJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado/Licenciatura). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2018.

Essa disputa entre diferentes usos sociais da praça e de sentidos sobre esse espaço mostra diferentes formas de se enxergar o bairro, a cidade e projetos distintos em conflito. Por um lado, temos a juventude da cidade, principalmente grafiteiros, b boys, MCs e Skatistas, atualmente com o movimento Hip Hop mais ativo falando em recuperar o espaço perdido para as igrejas da região, que com o apoio do estado transformaram aquele espaço outrora ligado às diversas identidades juvenis da cidade, agora em um espaço estritamente ligado à ideia da cidade como uma cidade de evangélicos. Já na época da construção da Praça da Bíblia, cujas obras foram realizadas a toque de caixa, houve uma grande manifestação por parte dos setores jovens da cidade, como podemos ver noticiado por parte da imprensa a época⁴⁰. Hoje em dia o espaço da Praça Chico Mendes que se tornou Praça da Bíblia segue desabitado e o espaço que funciona como praça segue em ruínas e é o espaço mais distante das igrejas e do centro de Alcântara, o que torna qualquer manifestação cultural ligada ao Hip Hop – com exceção do grafite que agora está estampado nas fachadas do bairro – invisíveis. Quem passa de ônibus no sábado à noite não consegue enxergar que ali existe uma movimentação de jovens, o que é diferente dos tempos anteriores a reforma e criação da Praça da Bíblia, quando praça Chico Mendes era o ponto de encontro de diversas tribos: às sextas-feiras, o *Hip Hop*, o *skate* e as manifestações dos jovens podem acontecer, desde que em um espaço mais periférico do bairro.

⁴⁰ Território Gonçalense. Protesto na inauguração da esquisita Praça da Bíblia marca o fim do deprimente governo Panisset. Território Gonçalense. São Gonçalo, 28.dez.2012. Disponível em: < Território Gonçalense: PROTESTO NA INAUGURAÇÃO DA ESQUISITA PRAÇA DA BÍBLIA MARCA O FIM DO DEPRIMENTE GOVERNO PANISSET (territoriogoncalense.blogspot.com) > Acesso em: 18.06.2022.



Praça da Bíblia em ruínas (201?) DOS SANTOS, Aline Nunes. *Apropriações do espaço público urbano*: O Caso da Praça Chico Mendes. Monografia Graduação em Sociologia. Niterói, UFF, 2019. p.30

O monumento em homenagem ao livro sagrado já não existe e no período entre 2015 e 2016 após uma série de reinvindicações o espaço atrás da Praça da Bíblia volta a ser Praça Chico Mendes, a Roda Cultural do Alcântara segue acontecendo no que restou da Praça Chico Mendes, tendo em vista o tímido fortalecimento do movimento *Hip Hop* na cidade e algum reconhecimento da prefeitura, tendo em vista o Projeto Cidade Ilustrada com os grafiteiros, além da própria Batalha do Tanque ganhar algum reconhecimento da secretaria de cultura, além de um ligeiro enfraquecimento do *lobby* evangélico naquele espaço, após a deputada Flordelis, um dos principais nomes do segmento na cidade, ser acusada de ter arquitetado a morte do marido Anderson.

O que podemos afirmar refletir é que nos tempos atuais o Hip Hop segue disputando espaço na praça a partir da ocupação sistemática, nesse caso aos sábados com a Roda Cultural do Alcântara (RCA) que vem desde 2012 ocupando a praça e promovendo a cultura Hip Hop. Nesse período, o evento passou por algumas lideranças como Diego Diprô no início, sendo Diego um dos primeiros grafiteiros da ASAC e vocalista da banda Prioridade SG que esteve envolvida tanto no projeto Geração na Trilha, quanto no Turbilhão Hip Hop, integrada por diversos sujeitos que estiveram presentes no início da ASAC como o próprio Dipro, assim como o B Boy Mickey e o grafiteiro Siri, um dos entrevistados para esse trabalho, assim como Ras Gabriel, um MC morador do bairro do Coelho, vizinho a Chico Mendes e que ficou responsável pelo evento na ausência de Diprô e Ley Nascimento, um jovem vendedor apaixonado pelo Hip Hop e que se propôs a ser o produtor da roda no período pré-pandemia, com a colaboração de mulheres como Keiza Correa Resque Kassia Rapela que também conversamos no processo dessa pesquisa. Hoje quando buscamos alguma referência sobre aquele local, o que segue em atividades são os eventos ligados ao Hip Hop, o grafite, a arte e nesse sentido podemos compreender que essas experiências e usos

sociais são uma continuidade dos grafiteiros que na virada dos anos 1990 para os anos 2000 fizeram com a estação no mesmo bairro.

Hoje, uma memória sobre a antiga Praça Chico Mendes e a sua funcionalidade como um espaço de todos que durou quase todo o período entre os anos 1990 e 2000, é resgatada pela própria existência da Roda Cultural do Alcântara, assim como a luta pelo retorno integral da Praça Chico Mendes, que começou no decorrer das obras que transformaram aquele espaço e apesar de um período de pausa, entre 2014 e 2015, podemos dizer que entre muitas dificuldades é um dos eventos de *Hip Hop* que acontecem há mais tempo na cidade e que tem na questão de se afirmar no espaço uma pauta importante. É importante acompanhar os possíveis desfechos, tendo em vista que em 2017, também se especulou que aquele espaço poderia se tornar um terminal rodoviário⁴¹ na gestão de José Luiz Nanci.

Podemos compreender que para as últimas gestões municipais da cidade, aquele espaço pode ser destinado à religião, que cumpre um papel importante na manutenção do poder na cidade, à ponto de partida e chegada de ônibus mas não pode ser dedicado (e ocupado) a cultura, as artes e a juventude da cidade que, de um modo geral carece de áreas de lazer e até de investimento em cultura. A praça que durante os anos 1990 e 2000 era ocupada por muitas tribos, grupos, segmentos, *crews* e era construído a partir dessa lógica, tendo em vista os muitos encontros, bandas, grupos de break que foram consolidados nesse espaço, agora só pode voltar a funcionar se for o espaço de alguns. O poder público não propôs em momento algum uma revitalização integral da praça a fim de que ela volte a cumprir a sua função principal, que é promover o encontro das pessoas mas, apenas, em moldar aquele espaço no sentido que ele pudesse cumprir apenas uma função simbólica, nesse caso a religiosa, para a manutenção e disputa do poder na cidade ou uma função de ser entreposto do transporte de pessoas.

⁴¹ MARQUES, Raquel. Praça da Bíblia deve virar terminal rodoviário. A Tribuna. Niterói. 06. Out.2017. Disponível em: < https://www.atribunarj.com.br/praca-da-biblia-deve-virar-terminal-rodoviario/ > Acesso: 19.06.2021



Roda Cultural do Alcântara (2019) QUEIROZ, Gabriel. São Gonçalo é meu país. Médium. São Gonçalo, 28.jun. 2019. Disponível em: < <u>São Gonçalo é meu país. Fundada em 22 de setembro de 1890, o... | by Gabriel Queiroz | Rio Paisagem Sonora | Medium</u>> Acesso: 20.06.2021

É importante observarmos nos próximos anos, qual será o desfecho dessa disputa e o destino a ser dado àquele espaço frontal da praça, reconhecendo a importância da continuidade da RCA para que esse movimento possa se manter ativo no debate público sobre os rumos da Praça Chico Mendes, pois a ocupação em massa todos os sábados permite que as lideranças possam almejar participar das discussões sobre o rumo daquele território.

3.5 Praça dos Ex-Combatentes e a Batalha do Tanque

Entre 2011 e 2014, a Batalha do Tanque começou a receber mais artistas e a ser comentada como um dos pontos de encontro do *Hip Hop* e, principalmente, do *rap* do Rio de Janeiro, Felipe Gaspary, um dos seus articuladores naquele período, ficou responsável por filmar as batalhas e a postar na *internet* as etapas finais; Desde então, a divulgação sistemática dos vídeos no canal do Gaspary no You Tube e a identificação com o número da edição do evento ampliou a visibilidade do evento e promoveu seu crescimento cada vez mais na região, sobretudo dentre os mais jovens. Desde o início da Batalha, Felipe Gaspary já realizava os vídeos, mas entre 2013 e 2014, a propagação se tornou mais sistemática e entre 2015 e 2017 passou a ser praticamente instantânea, tendo em vista que s vídeos das batalhas que aconteciam na quarta feira a noite já estavam disponíveis na plataforma You Tube na madrugada da quinta feira. Nesse período a Batalha era uma das mais conhecidas do Brasil, além de ter revelado diversos MCs que despontaram no cenário nacional como Pelé, Orochi, Knust e Azzy, também gerava muitas discussões na internet, se o campeão era merecedor, quem era o melhor, mais engraçado e isso gerou engajamento. Além da ausência de regras, o que tornou a

batalha do tanque um show a parte, diferente das demais batalhas e que também fez o evento ser acusado de acolher os MCs que não tem "ideologia".

Durante esses mais de 10 anos de existência no mesmo local - com exceção dos dias de chuva e dos dias em que havia uma repressão mais severa por parte da prefeitura ou da polícia quando acontecia no Bar da Frente que se localiza ao lado da praça - podemos observar diversos problemas com o poder público e com uma certa memória em torno do monumento em homenagem ao ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial existente na praça construída em 1970. Podemos perceber que a medida em que a batalha ganhava importância cenário das batalhas, assim como outras batalhas que ocorriam no espaço público da capital do Rio de Janeiro e sua região metropolitana, começam a aparecer também diversos conflitos com o poder público, dado observado por Romário Regis em 2013:

Que mundo é o das contradições, todo mundo sabe, mas o Governo do Estado exagera. Ano passado, fora na Roda Cultural de São Gonçalo, para mapear o movimento como "Patrimônio Cultural do Estado" e a Roda entrou para o "Mapa da Cultura do Rio de Janeiro", projeto liderado pela Adriana Rattes, que é a Secretária Estadual de Cultura. Você pode ler sobre o mapa no link www.mapadacultura.rj.gov.br/sao-goncalo/hiphop/

Meses depois, chegamos em 2013, e já passando dois anos de Roda Cultura, vem a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, acaba com a possibilidade de som da Roda Cultural alegando que as noites de quarta feira tem "jogos de futebol" e a rua pode estar perigosa.

Pois bem, posso ser um imbecil completo, mas não é ainda mais imbecil saber que uma secretaria de Estado legitima um movimento como Patrimônio Cultural do Estado dentro do seu Mapa de Cultura e de outro, a Polícia comandada pelo mesmo Estado aponta que a Roda Cultural não pode funcionar?...⁴².

Nesse caso, a nossa hipótese quanto a esse tipo de perseguição, que vai ocorrer mesmo quando artistas ligados a esse movimento começam a ganhar visibilidade midiática e frequentar inclusive canais de televisão, é que a Praça dos Ex-Combatentes segue tendo importância simbólica para os setores mais conservadores da cidade e a prática do *Hip Hop* no local acaba por desafiar essa memória, tendo em vista que hoje o monumento representado pelo Tanque de guerra em praça pública é mais lembrado nas redes sociais, jornais e plataformas como *YouTube* como o local onde é realizada a disputa entre MCs do que por ser monumento em homenagem aos "Heróis Gonçalenses da Segunda Guerra Mundial". O que demonstra que as edições semanais? das batalhas conseguiram realizar um considerável deslocamento na produção de sentido sobre aquele local e esse é o incômodo maior para aqueles que ainda buscam manter e alimentar a memória militar, segundo Barcelos:

⁴² REGIS, Romário. Facebook. 3.out.2013.

No caso da praça em análise, a narrativa da guerra é marcante. Mas, além de preservar no espaço público a lembrança daquele episódio, a exibição das peças e dos textos escritos, numa relação recíproca de complementaridade, homenageia os combatentes e presta reconhecimento à ação das Forças Armadas do Brasil, o que naquele momento legitimava o governo da época – 1970, ano de inauguração da Praça, é caracterizado como os "anos de chumbo" do regime de exceção. 43

A autora considera que a praça além de um monumento caracteriza a revitalização do espaço público e a inscrição de um memória de um fato histórico neste mesmo espaço, também mostra que esse tipo de monumento passou a ser construído após o retorno dos brasileiros da segunda guerra mundial em todo o Brasil mas diferentemente de outros monumentos com o mesmo objetivo, como o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra no aterro do Flamengo construído em junho de 1960 e o Monumento do Expedicionário Petropolitano na cidade de Petrópolis que se apresentam em forma de escultura, o monumento gonçalense exibe objetos que foram de fato utilizados na guerra, fora dos templos patrimoniais, transformando a própria cidade em museu⁴⁴.



Praça dos Ex-Combatentes 201?. CORREIA, André. Praça dos Ex-Combatentes: marcas de um passado heróico. Sim São Gonçalo. São Gonçalo, 5.jan. 2015. Disponível em: < <u>Praça dos Ex-combatentes:</u> marcas de um passado heróico (simsaogoncalo.com.br)> Acesso: 20.06.2022

Se em 1970, no auge do período do ufanismo da ditadura militar a praça é construída, com o objetivo de homenagem ao exército brasileiro, de busca por afirmação da importância daquele setor para a sociedade, na década de 2010, ela vai aos poucos se tornando um ponto de encontro de jovens, uma opção de lazer e um espaço de experiência e forma de expressão cultural, gerador de horizontes de expectativa da juventude da cidade.

⁴³ AGOSTINHO, Michele de Barcelos. *Um museu a ceú aberto*. Revista da Escola Superior de Guerra – v.30, n. 60 (jan/jun) 2015 – Rio de Janeiro. ESG. 2015. p.159.

⁴⁴ Idem, 2015, p.158.



2ª Edição da batalha do Tanque. Fonte: REGIS, Romário. História da Batalha do Tanque – Capítulo I. [2011]. Romário Regis. São Gonçalo, 11.mai.2011. Disponível em: https://romarioregis.com/2017/05/11/historia-da-batalha-do-tanque-capitulo-i-2011/ Acesso: 20.06.2022.

Desde o início da Batalha do Tanque em 2011, podemos observar diversas vezes a atuação do poder público procurando conter ou impedir a realização da batalha de MCs naquele espaço, ainda assim podemos observar a atuação e a persistência de jovens como Luã Gordo, Felipe Gaspary, Romário Regis, Logri, LT, Jhony e Orochi em manter a ocupação naquele espaço. Em um comunicado em dezembro de 2014, na rede social *Facebook*, podemos observar que houve intervenção da PM, do sétimo Batalhão na região e a realização da roda foi impedida:

Gostaria da atenção de todo o Rap Nacional nesse post. Ontem fomos expulsos da praça onde fazemos há 3 anos a Roda Cultural de São Gonçalo – Batalha do Tanque (Rio de Janeiro), sob ameaça de PMs do 7 Batalhão, onde *empunhando fuzil* sob ameaças de "Vou dar Tiro" *jogando spray de pimenta em cima de jovens, adolescentes e crianças*. Ontem vi a cena de terror o terror, pude ver de perto a maldita ditadura. 45

Nesse período, as edições da Batalha do Tanque foram feitas sem microfone e essas edições ficaram conhecidas como TankAResistência, porque os MCs continuaram a ocupar a Praça para fazer as rimas mesmo sem som. No mesmo período o Tanque foi pintado de rosa para "chamar a atenção" ou "dar mais vida" ao monumento, segundo o autor da ação que não era nenhum dos MCs ali envolvidos, mas uma pessoa que frequentava o espaço e que foi autuado por crime de depredação do Patrimônio público. A Record noticiou o fato e colheu alguns depoimentos de pessoas da região, um deles de uma viúva de combatente da segunda guerra mundial que alegou que "ver o tanque pintado de rosa foi de cortar o coração" A notícia abordou sobre a proibição da roda, a violência policial e o impasse que se estabelecia ali naquele período. A *Uol* noticiou

⁴⁵ Roda de São Gonçalo – Batalha do Tanque. Facebook. 11.dez.2014.

⁴⁶ JORNAL DA RECORD. *Tanque de guerra é pintado de rosa e causa polêmica em São Gonçalo*. Rede Record, 06.out.2018. Disponível em: < https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/tanque-de-guerra-e-pintado-de-rosa-e-causa-polemica-em-sao-goncalo-rj-06102018 > Acesso: 19.06.2022

da seguinte maneira "Olha... esse bandido foi audacioso.. Um homem de 38 anos foi preso em São Gonçalo por pintar um tanque militar de rosa...Ele foi indiciado por dano ao patrimônio público"⁴⁷.

Ou seja, todas as reportagens abordaram o ato como uma agressão sem sentido ou como um atentado ao patrimônio e aponta para a ideia de monumento, entendido como propõe Le Goff, com o fim de perpetuar uma memória ligada a um determinado projeto político, ainda permeia alguns setores da sociedade gonçalense e, nesse sentido, é inevitável o incômodo com a ocupação daquele espaço pela juventude que se forja no movimento *Hip Hop* que estimula um uso da praça pautado por outros valores e projetos. A transformação do espaço em rede de alguns em espaço de todos está em curso e hoje em dia a Batalha do Tanque obteve algum reconhecimento por parte da prefeitura, apesar do atual prefeito ser um ex-capitão da PMERJ e que ser reconhecido, nos anos 1990, como um matador da cidade.

Nenhuma das notícias aqui analisadas informou sobre a violência policial e o fato de um movimento cultural ocupara a praça periodicamente, reunindo multidões de jovens em uma Batalha de Rap, que nesse caso pode ser uma das explicações para a pintura do Tanque de Rosa. As edições da Batalha do Tanque nesse período ficaram conhecidas como "Tanque a Resistência", o mesmo aconteceu em 2017⁴⁹ e 2019⁵⁰. Após 2015, todas as vezes que a ocupação da Praça sofreu alguma ameaça do poder público, as edições aconteceram com o nome de Resistência, conforme podemos observar nos títulos das filmagens no canal da Batalha do Tanque no *YouTube*.

Em 2021, a Batalha completou 10 anos e ao longo desse tempo gerou muitos MCs que hoje atuam em um cenário mais amplo, têm suas músicas tocadas em rádios e são muito visualizadas, a exemplo de MC Orochi. A batalha, apesar de não contar com o mesmo prestígio que já teve em outros tempos, ainda segue como uma possibilidade de mudança de horizonte de expectativas para vários MCs da cidade e até de fora da

https://jogos.uol.com.br/videos/videos.htm?id=tanque-militar-e-pintado-de-rosa-no-rj-04024C983570C8995326

⁴⁷ REDETV. Tanque militar é pintado de rosa em São Gonçalo.

⁴⁸ BATALHA DO TANQUE. *Logri & Samurai vs Orochi & Laurinho - 4x4 -Batalha do Tanque da Resistência* | *RJ.* Youtube. 8.jan.2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7AsxbaN20zo Acesso: 19.06.2022.

⁴⁹ BATALHA DO TANQUE. Jhony vs Madruguinha (MD Chef) - 1 fase - RJ vs SG Resistência - Batalha do Tanque – 2017. Youtube. 28.jan.2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zp4NkFgLohE Acesso: 19.06.2022.

⁵⁰ BATALHA DO TANQUE. W(AM) vs Xarpi - Batalha do Tanque - São Gonçalo - RESISTENCIA - 2K19. Youtube. 01.mar.2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=231hhuRdEEY&t=192s Acesso: 19.06.2022.

cidade. Após todos esses anos de resistência, hoje a prefeitura teve que reconhecer a importância do movimento e a Batalha do Tanque acontece com algum respaldo e até apoio logístico da secretaria de cultura, chegou a ser contemplada com recursos da lei Aldir Blanc⁵¹ para promover vídeo-aulas sobre Hip Hop e como se profissionalizar no mercado e hoje já vai se tornando um movimento mais sólido. Em outros momentos, conforme analisado, esse reconhecimento por parte de setores ligados ao poder público também aconteceu, houve uma trégua que interrompeu momentos e episódios de truculência e impedimento do evento⁵². Esse reconhecimento, porém, não quer dizer que não possa novamente haver conflitos e proibições e isso ocorre porque esses jovens, assim como os grafiteiros que tem pintado as fachadas da cidade ainda não tem o reconhecimento necessário e as suas histórias não são reconhecidas como tal. Essas aproximações e mediações entre o poder público e os responsáveis pela organização da Batalha do Tanque acontecem sem que se enraízem e a sua realização acaba ocorrendo apenas pela própria juventude que busca através das Batalhas de MCs criar uma lógica mais horizontal na relação com o poder e o espaço público.

Considerações Finais

Esse trabalho teve como objetivo conectar a trajetória econômica e social da cidade à própria história do movimento *hip hop*. Procurei estabelecer a conexão passado e presente analisando como o passado está em constante construção e disputa, além de como se dão as estratégias por visibilização pelos agentes que historicamente estão invisibilizados.

O Hip Hop é uma cultura juvenil da passagem do século XX para o século XXI e em São Gonçalo tem esse caráter de ocupação sistemática de espaços públicos como forma de atuação desde o final dos anos 1990, tendo hoje suas próprias memórias, histórias, sendo um instrumento de criação e propagação de novas subjetividades. Na cidade de São Gonçalo, desde os anos 1990, podemos perceber a luta dos jovens, atuantes na cidade e partir das práticas do *Hip Hop* para a ocupação do espaço público, no sentido de dar um novo sentido ao espaço público, para construir lógicas mais horizontais de apropriação. Observando como esses locais foram apropriados por esses

_

⁵¹ BATALHA DO TANQUE. André Moreira - Evento Privado sendo CONTRATANTE ou CONTRATADO (AULA:04). Youtube. 01.abr.2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=RhJ2GOka6XY> Acesso: 19.06.2022.

indivíduos, produzindo sentidos diversos para um mesmo monumento. Transcendendo a ideia de que o espaço deve ser apenas organizado em torno das relações mercadológicas de produção.

No primeiro capítulo, busquei apreender como a imprensa entendeu a chegada do grafite na cidade e como o Hip Hop foi entendido por parte da imprensa oficial, além de observar, não no sentido de comparação, como essas memórias hoje em dia são interpretadas por alguns dos Hip Hoppers gonçalenses na passagem dos anos 1990 pra o ano 2000. Nesse sentido, observei que em alguns momentos o grafite teve uma grande legitimidade frente ao poder público e imprensa privada em uma lógica utilitarista de ser um movimento distinto – para esses setores – da pichação, que na época era um problema para as autoridades, mas que para os próprios grafiteiros não chegava a ser um grande problema em si.

No segundo capítulo, buscamos observar o momento que se inicia na segunda metade do ano 2000 até a ultima parte do ano 2010, no sentido de apreender a relação entre a ocupação dos espaços da cidade pelos agentes e linguagens do Hip Hop e a tecnologia, os novos estúdios, as redes sociais e de que maneira a apropriação dessas novas linguagens foi um elemento que propiciou o desenvolvimento da cena, principalmente do Rap, o que de certa forma, também observado, distanciou os b boys e os grafiteiros do rap, tendo em vista que devido a ascensão das Batalhas de MCs, da câmera e do Youtube, esse foi um período onde os MCs tiveram muito mais destaque e visibilidade em relação aos outros elementos do Hip Hop.

No último capítulo da dissertação procurei analisar a trajetória das linguagens do *Hip Hop* e a sua relação com o espaço, monumentos e o patrimônio público, tendo em vista novos sentidos produzidos a partir da atuação de alguns grupos nesses lugares e como esses espaços dão sentido as características locais do *Hip Hop* na cidade. Observei como o movimento é produto da realidade local e da interferência de diversos projetos políticos e da lógica de produção sob a qual a cidade foi desenhada desde a sua fundação, projetada sob a lógica do capital para atender interesses de poucos e não para atender as necessidades das pessoas que ali viviam.

Também pretendi observar e identificar sobre objetos e espaços que se referenciam a passados distintos e como essas novas memórias podem impulsionar a juventude a inscrever suas experiências sociais e culturais no espaço urbano, sobretudo a partir da intervenção das linguagens do *Hip Hop* naqueles espaços, além de serem importantes para os desafios dos próximos anos. Hoje, apesar de pouco mais de 10 anos

de existência, os eventos que se iniciaram a partir do movimento das Rodas Culturais em todo o Rio de Janeiro, já possuem uma história, uma memória e seguem ocupando sobretudo os espaços das praças Chico Mendes e Ex-Combatentes, ambos espaços que estão em constante disputa. As rodas e batalhas do Hip Hop se constroem e se alimentam de sentidos a partir de vozes e interesses locais, que acabam por inscrever novos sentidos e constituir novos territórios.

Se a Praça dos Ex-Combatentes foi construída para fazer propaganda do governo militar na época do que para homenagear os praças da Segunda Guerra Mundial, também podemos concluir que hoje, após mais de 10 anos do início da Batalha do Tanque, aquele espaço também tem outros sentidos, porque foi ali que surgiram artistas como Orochi, Pelé e Azzy. Por outro lado, agora falando da Praça Chico Mendes, apesar da tentativa de governos anteriores de afastar gerações de jovens que ocupavam aquele espaço, de tentar construir um monumento em homenagem aos cristãos evangélicos e a esvaziar e aplainar um território criado por eles outrora, hoje podemos ver que o que restou da praça é ocupado por outros jovens, grafiteiros, skatistas, b boys, mas sobretudo por uma manifestação ligada a cultura Hip Hop que apesar do que ocorreu não deixou de estar naquele espaço enquanto sujeito histórico coletivo.

Da mesma forma que o grafite fez de uma estação ferroviária abandonada a sua primeira galeria e como aquele espaço, apesar do abandono atual, segue sendo de grande importância para a memória do movimento *Hip hop*, o rap desafía uma memória ligada a um monumento fundamental para as forças armadas, a Praça dos Ex-Combatentes, que homenageia um passado militar, a roda cultural se constitui como movimento de resistência e de recusa a imposição de um projeto político-religioso em seu local de atuação.

Fontes

Entrevistas

Entrevista com MAMUT REI realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Dezembro de 2020.1 arquivo mp4. (24 minutos).

Entrevista com MEDEIROS, Luã (Gordo). [Mar.2021] realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Março de 2021.1 arquivo mp4. (91 minutos).

Entrevista com MEDEIROS, Vinicius [Siri] realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Dezembro de 2020.3 arquivos mp4. 50 minutos

Entrevista com MIRA, Elaine. realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo, Janeiro de 2021. 1 arquivo mp4 (73 min.).

Entrevista com RAPELLA, Kassia. Realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021.1 arquivos mp4. 71 minutos.

Entrevista com SILVA, Alex (Pluto) realizada por Klauder Gonzaga. São Gonçalo. Abril de 2021. arquivos mp4. 76 minutos.

Funkero depoimento completo. *O Som do tempo*. 20.nov.2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h-B85zjIy00> Acesso em: 22.03.2021.

NAAN. Felipe Gaspary (História da Batalha do Tank) - AindaSomosRap com NAAN - Ep. 05. Ainda Somos Rap. Youtube. São Gonçalo. 26.jul.2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=2MHseXlU2pI > Acesso em: 20.04.2020.

Imprensa

O Fluminense

Construção do Hospital Geral será concluída. O Fluminense, Niterói. 10.jul.2000.

CRUZ, Beatriz. B Boys. O Fluminense, Niterói, 20.jun.2014.

EMANUEL, Claudio. Ex-pichador faz arte em muros. *O Fluminense*. Niterói. 28.jul.1997 b

EMANUEL, Claudio. Pichadores do Bem. O Fluminense. Niterói. 27.set.1997c

Estrada dos Menezes ganha novo visual bem mais colorido. *O Fluminense*. Niterói, 30.set..2015.

Estudantes vão 'grafitar' muro. O Fluminense. Niterói, 10.abr.1999.

GOMEZ, Heloiza. Dança de rua. O Fluminense, Niterói, 25 e 26.jun.1995.

GRILLO, Aline. Uma Homenagem a Zumbi. O Fluminense, Niterói. 22.nov.2001.

HIP hop no SESC São Gonçalo. O Fluminense, Niterói, 27.jul.2002.

LESSA, Helvio. Pichadores saem da clandestinidade e são transformados em artístas em SG. *O Fluminense*. Niterói. 22.mar.1999.

LIMA, Vanessa. Cultura Urbana ganha destaque nas praças. O Fluminense, Niterói, 21.set.2015

MACEDO, Veronica. Arte das ruas invade galeria. O Fluminense. Niterói, 16. fev. 2000.

MARTINS, Adriana. Expressão Libertadora. O Fluminense. Niterói, 28.set.2010.

MONTEIRO, Antonio Thiago. Dança de Rua vem de NY. *O Fluminense*, Niterói. 5 e 6.mar. 1995.

MOURA, Betina. Grafitismo: Arte vence preconceito e enfeita muros. *O Fluminense*. Niterói. 27.ago.1998.

Programação Agito. 'São Gonçalo In RAP'. O Fluminense. Niterói. 25.jun.05.

Roteiro. Mais uma edição do projeto 'Som na Praça'. O Fluminense, Niterói, 28. Ago. 2005.

O Globo

G1. Facebook alcança 1 milhão de usuários ativos mensais. *O Globo*. 04.out.2012. Disponível em: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html Acesso em: 19.04.2021.

ALBUQUERQUE, Carlos. Digital Dubs faz 10 anos e comemora o crescimento dos 'sound systems' no Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro. 21.jan.2011. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/digitaldubs-faz-dez-anos-comemora-crescimento-dos-sound-systems-no-brasil-2834058 Acesso em: 20.04.2021.

KALICHESKY, Daniela. Pelé MilFlows: O rapper com três canções no YouTube e mais 80 milhões de visualizações. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06.jan.2019. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/rio/bairros/pele-milflows-rapper-com-tres-cancoes-no-voutube-mais-80-milhoes-de-visualizações-23347589 > . Acesso em: 23.04.2021.

Extra

MENDES, Wilson. Pioneiro do grafite, Fabio Ema coordena projeto inédito em escolas públicas de São Gonçalo. *Extra*, 23 de setembro de 2014. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/rio/pioneiro-do-grafite-fabio-ema-coordena-projeto-inedito-emescolas-publicas-de-sao-goncalo-14015972.html

DE ARAUJO, Isabel. Turbilhão volta com tudo. O Extra. Rio de Janeiro: 23.mar.2010.

TENENTE, Flávia. Ritmo, poesia e muito mais. *O Extra*. Rio de Janeiro, 04.out.2013. Disponível em: https://acervo.extra.globo.com/resultados/?r=PAGES&exp=%22Festival+de+Rap+de+s%C3%A3o+Gon%C3%A7alo%22&o=relevance Acesso em: 23.04.2021>. Acesso em 12.09.2021

O São Gonçalo

GUIMARÃES, Patrick; MARTINS, Angelo Cesar. Preocupação social dá origem ao projeto "Geração na Trilha". O São Gonçalo. São Gonçalo, 20-?. Bairro Alcântara, em São Gonçalo, sedia roda cultural neste sábado. *O São Gonçalo*. São Gonçalo, 24. Mai, 2019. Disponível em: https://www.osaogoncalo.com.br/geral/59374/bairro-alcantara-em-sao-goncalo-sedia-

O Dia

MONTEAGUDO, Clarissa. Pichação para o bem. *O Dia*. Rio de Janeiro. [20-?]

roda-cultural-neste-sabado > Acesso em: 26.04.2021.

Sítios na internet

AGÊNCIA BRASIL. Lula deve assinar, nesta semana, decreto que cria Computador para Todos. *A Tribuna*. Curitiba: 06.set.2005. Disponível em: https://tribunapr.uol.com.br/noticias/lula-deve-assinar-nesta-semana-decreto-que-cria-computador-para-todos/ Acesso: 22.03.2021.

ARAUJO, Peu. VICE: O Rap comenta a importância dos 10 anos da Batalha de MCs do Santa Cruz. 29.set.2016

ASSOCIAÇÃO JOVEM GONÇALENSE. Quem Somos? São Gonçalo. 2011. Disponível em: https://associacaojovemgoncalense.wordpress.com/ Acesso em 11.09.2021.

AZEVEDO, Ana. GUIMARÃES, Juca. Max B.O. rapper fundamental para a formação do hip-hop brasileiro fala sobre novo álbum. *R7*. São Paulo, 24.abr.2017. Disponível em: < https://entretenimento.r7.com/musica/max-bo-rapper-fundamental-para-a-formacao-do-hip-hop-brasileiro-fala-sobre-novo-album-06102019 > Acesso em: 20.04.2021.

DORNELAS, Luana. Como foi o surgimento da cultura hip-hop no Brasil. *RED BULL*. São Paulo: 17.fev.2021. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/music/Osurgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil Acesso em 23.03.2021.Entrevista: MC Aori (Sobre batalhas de MCs). Sobre música. 13.dez.2006. Disponível em: http://www.sobremusica.com.br/2006/12/13/entrevista-mc-aori-sobre-as-batalhas-de-mcs/ acesso em 20.04.2021.

FERNANDEZ, Luara. *F.U.R.T.O. Olhar Socioambiental*. 17.dez.2009. Disponível em: https://olharsocioambiental.wordpress.com/2009/12/17/f-u-r-t-o/ Acesso em: 20.04.2021.

FIDELIS, Nina. O mercado fonográfico do rap no Brasil. *RAP NACIONAL*. São Paulo: 10.fev.2015. Disponível em: http://www.rapnacional.com.br/especial-o-mercado-fonografico-do-rap-no-brasil/

GARCIA, Amaya. O que é funk proibidão? *Red Bull*. Rio de Janeiro. 15.mai.2017. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/o-que-eh-funk-proibidao Acesso em: 20.04.2021

GOMES, Fernando. VICE: Língua Afiada: A nova guarda do Rap do Recife se encontra na Batalha da Escadaria. 03.set.2015.

GONÇALVES, Josué; D'LIRA, Nathália; SANTIAGO, Renan; ALMEIDA, Thayná. De uma ponta a outra: duas rodas culturais que transformam a periferia. *Agência de Notícias das Favelas*. Rio de Janeiro. 15 nov. 2017. Disponível em: < https://www.anf.org.br/de-uma-ponta-a-outra-duas-rodas-culturais-que-transformam-a-periferia/> Acesso em 11.09.2021.

KAWAIDA, Michael. *Mixtapes: A Brief History Of Hip-Hop's Ever Evolving Tool. Hot New Hip Hop.* 29.fev.2020. Disponível em: <

https://www.hotnewhiphop.com/mixtapes-a-brief-history-of-hip-hops-ever-evolving-tool-news.103882.html > Acesso em: 20.04.2021MERLIM, Matheus. Batalha do

Tanque de SG em silêncio pela morte do DJ Arrá. São Gonçalo, *Plantão Enfoco*. 23.dez.2019. Disponível em: < https://plantaoenfoco.com.br/entretenimento/batalha-dotanque-de-sg-em-silencio-pela-morte-do-dj-arra/> Acesso em: 23.03.21.

REGIS, Romário. *A História da Batalha do Tanque* – Capítulo 1 [2011]. Romário Régis. São Gonçalo, 11.mai.2017. Disponível em: https://romarioregis.com/2017/05/11/historia-da-batalha-do-tanque-capitulo-i-2011/

https://romarioregis.com/2017/05/11/historia-da-batalha-do-tanque-capitulo-i-2011/ > Acesso em 20.04.2021.

SOCIEDADE MILITAR. Museu / Praça dos Ex-combatentes é totalmente vandalizada. Sociedade Militar. Rio de Janeiro. 18. Jul. 2018. Disponível em: <

https://www.sociedademilitar.com.br/2018/07/museu-dos-ex-combatentes-e-vandalizado-em-niteroi.html> Acesso em: 11.09.2021.

Tanque de guerra é pintado de rosa e causa polêmica em São Gonçalo (RJ). *Jornal da Record*. Rio de Janeiro. 02.jan.2015. Disponível em: < https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/tanque-de-guerra-e-pintado-de-rosa-e-causa-polemica-em-sao-goncalo-rj-06102018> Acesso em: 11.09.2021

Tudo sobre Modé\$tia. Da Batalha ao Milhão. *Revista Rap.* 28.nov.2018. Disponível em: https://www.revistarap.com.br/tudo-sobre-modestia/ > Acesso em: 20.04.2021.

VALLE, Luciana. Conheça o trabalho do pioneiro na arte do grafite, Fabio Ema. Entrevista para a *Tarde Nacional*, 23 de abril de 2021. Disponível em: https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-rio-de-janeiro/2021/04/fabio-ema-grafiteiro-de-sao-goncalo-para-o-mundo>.

XANDU, Poeta. No Colubandê com Prioridade SG, Guetos Crew e B Boy Pluto. *Zine Zero Zero*. São Gonçalo, Dezembro, 2011. Disponível em: < https://zinezerozero.blogspot.com/2010/11/guetos-crew-e-bboy-pluto.html > Acesso em: 23.04.2021.

Mídias sociais

BATALHA DO TANQUE. Orochi vs Jhony. (REI NÃO COME A PRINCESA) -
FINAL - #ReidoTanque Edição 183 da Batalha do Tanque. Youtube. 17.dez.2015.
Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=G8-cpwJrBAI > Acesso em:
19.abr.2021.
. Alves (DF) vs Orochi (RJ) - (Final) Duelo de MCs Nacional 2015 -
<u>22/11/15.</u> Youtube. 22.nov.2015. Disponível em:
<a bulq3pa80k"="" href="https://www.youtube.com/watch?v=">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA80k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="buLq3PA880k">https://www.youtube.com/watch?v="bully">https://www.youtube.com/watch?v="bully">https://www.youtube.com/watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https://watch?v="bully">https
. Choice [RJ] vs Krawk [SP] (4 ^a de Final) - DUELO DE MCS NACIONAL
2017. Youtube. 29.nov.2017. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=jrAPCX0xmDY > Acesso em: 19.abr.2021
. Samurai (RJ) vs Sid (DF) (Final) - Duelo de MCS Nacional 2016 -
20/11/16. Youtube. 20.nov.2015. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=m VJvignBYg > acesso em: 19.abr.2021.
. Facebook, São Gonçalo, 11.dez.2014. Disponível em: <
https://www.facebook.com/RodaDeSaoGoncalo/posts/584781994957117 > Acesso em:
23.04.2021.
Batalha do Tanque. #01 - Ixplana - Gaspary & Nego Drama & Knust & Jhony [TRETA
/ Mesquita / VTC / Batalha / Família]. Youtube, São Gonçalo. 24.out.2016. Disponível
em: < https://www.youtube.com/watch?v=Um5mdQvwS58 \(\geq \) Acesso em: 23.04.2021.
. Azzy vs Lya - (TRETAA)237° Batalha do Tanque - São Gonçalo - 2017
[OHH NOVINHA]. Youtube, São Gonçalo. 09.mar.2017. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=Ih9EYkl9LRQ >Acesso em: 23.04.2021.
. Big Eddy vs Dante// 66° Roda Cultural de São Gonçalo // Desafio do
Tanque. Youtube. São Gonçalo. 28.fev.2013. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=uGeHmNbSOb8 Acesso em: 20.04.2021.
. Filipe RET VIVAZ : Pocketshow na 61° Roda Cultural de São
Gonçalo. Youtube. São Gonçalo, 18. jan. 2013. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=DaGVDMIDIfU > Acesso.em: 20.04.2021

. Gedai vs DOT - 172° - Desafio do Tanque -Batalha do Tanque - 2015. Youtube, 01.out.2015. São Gonçalo. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=wVrYgiISDQw> Acesso em: 23.04.2021. . Jhony vs Fael - 1 fase - Estadual - Vila Isabel - 2016. Youtube. 02.nov.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=DH7n-EcO16A > Acesso em: 19.abr.2021. . [1º Fase] - Batalha de Vila Isabel / Nacional 2016 [Etapa RJ]. Youtube. 02.nov.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wYfZqmLSk6U > Acesso em: 19. Abr.2021. . Pelé vs Vydau [1º Fase] - Batalha de Vila Isabel / Nacional 2016 [Etapa RJ]. Youtube. 02.nov.2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=pK-GG Md-Gs > Acesso em: 19.04.2021. . SANT - É O RAP - 112º Roda de São Gonçalo Batalha do Tanque / RJ..Youtube. Gonçalo, 20.mar.2014. Disponível em: São https://www.youtube.com/watch?v=dTxOHpRr9-U > Acesso em: 20.04.2021. 50 CENT. 50 CENT is the future. New York: Deep Distribuition: 2002

ALCANTARA RECORDS. 10^a Roda Cultural do Alcântara - JS & LK vs GINN & BISTECA. Youtube. São Gonçalo. 16. Jul. 2016. Disponível https://www.youtube.com/watch?v=g6t28s4qNYg > Acesso em: 26.04.2021. . RCA Sessions #01 (Kidult Alcântara, Batalhas de Mc's e TAG, Pocket Show da Samantha Zen). Youtube. São Gonçalo, 7. jul. 2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=qf6qH- qKk8> Acesso em 26.04.2021

Café Crime RJ. [Página do Facebook]. Facebook. Recuperado em 20 de Abril de 2021 de: https://www.facebook.com/cafecrimerj/

CAMARGO, Zeca. Fantástico. Youtube, 19.nov. 2009.

CANAL DO ROMARIN. OG. PODCAST – Ley Nascimento. Youtube. São Gonçalo, 04. Out. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aRfZD5Z PbA> Acesso em: 26.04.2021.

Cartel MCs. [https://www.facebook.com/cartelmcs/]. Facebook. 20.abr.2021.

DUDU. Gutierrez: Das ruas sujas do RJ para o Oganpazan – Entrevista. Oganpazan, Agosto, 2020. Disponível em:< https://oganpazan.com.br/gutierrez-das-ruas-sujascariocas-para-o-oganpazan-entrevista/ > Acesso em> 20.04.2021.

Familia de Rua. Duelo de Mcs Nacional 2013 - A Grande Final - Naan (RJ) vs Big Youtube.25.ago.2013. (SSA) Fase). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B18IvxGdOjU > Acesso em: 19.abr.2021

Liink Oficial. [https://www.facebook.com/LiinkOficial]. Facebook. Acesso 20.04.2021.

MESSIAS, Lucas. Salve Gravado com Funkero. ODB. Youtube. 2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wKz lMG0KRc&ab channel=HippieMello> Acesso em: 01.05.2021.

Movimento de Mulheres de São Gonçalo. Disponível em: https://www.movimentomulheres.com.br/ Acesso em: 20.04.2021

Nectar Gang. Avanço. *You Tube*. Rio de Janeiro. 22.fev.2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MoKTcehBlqA&ab_channel=NectarGang > Acesso em: 01.05.2021.

REGIS, Romário. Facebook, São Gonçalo, 03.out.2013. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=540425156025692&set=a.189496477785230

SESC RJ. Diálogos - #episódio 10 - Manifesto Graffiti SG. Youtube. São Gonçalo, 12. Jul. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jcaOI2qAiOM&ab_channel=SescRJ > Acesso em: 01.05.2021.

TR. Boa Diversão. Dom Negrone em Solo Europeu. Rio de Janeiro: 10.nov.2005

Filmes:

COLORS As cores da Violência. Direção de Dennis Hopper, Roteiro de Michael Schifler. Los Angeles: MGM. 1988.

DO the right Thing. Direção e Roteiro de Spike Lee. Los Angeles: Universal Pictures. 1989.

L.A.P.A. Direção: Cavi Borges e Emílio Domingos. Produção: Cavi Borges e Gustavo Pizzi. Roteiro: Emilio Domingos e Cavi Borges. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.73 min.

PREBBLE, John. ENDFIELD, Cy. Zulu, Grã-Bretanha, Continental Home Vídeo, 1964.

RED BULL BC ONE. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/events/red-bullbc-one-2018-final-nacional Acesso: 11.set.2018

STYLES Wars. Direção de Tony Silver, Henry Chalfant. New York: Public Art Filmes. 1983.

TV CULTURA. Manos e Minas. A História do Hip Hop em São Paulo. 22.fev.2010. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/28100_manos-e-minas-historia-do-hip-hop-em-sao-paulo.html. Acesso 26.set.2018.

WILD Style. Direção de Charles Ahearn. Los Angeles: Rhino Enternainment. 1983.

THAÍDE, DJ HUM. Thaíde & Dj Hum-Sr. Tempo Bom (Vídeo-Clipe OFICIAL)[HD]. Disponível em:https://www.youtube.com/watch. Acesso 27.09.2018

Albuns e músicas:

Cartel MCs. Santo Amaro. Rio de Janeiro: 2014. (4:53 min).

EMICIDA. *Mixtape Pra quem já mordeu um cachorro até que eu cheguei longe*. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2009.

FUNKERO. Poesia Marginal Mixtape. Rio de Janeiro: Café Crime: 2008.

Gutierrez. Corpo Fechado Mixtape. Rio de Janeiro: Dichinelo: 2009.

Iky Castilho. *Iky'x Tape* Vol.1. Rio de Janeiro: Café Crime: 2004.

Tudubom Records. Filipe Ret, MC TH, BK. Filipe Ret "VIVENDO AVANÇADO" pt. BK' e Mc TH (pd. Rick Beatz). *You Tube*. Rio de Janeiro, Tudubom Records. 26.ago. 2017. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=ES7hPqTSY0s&ab_channel=TudubomRecords > Acesso em: 01.05.2021

Bibliografia

ALVES. Rôssi. Rio de Rimas. Rio de Janeiro. 1 Ed. Aeroplano. 2013.

ANDRADE, E. N. A. Hip-Hop: movimento negro juvenil. In: _____. (Org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

ARAUJO, M. da S. *Vitrines de concreto na cidade: juventude e grafite em São Gonçalo.* Dissertação de mestrado. EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

AZEVEDO, Amailton Magno. *No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra. São Paulo - 1980-1997*. Dissertação de Mestrado em História, PUC/SP, São Paulo, 2000.

BARRETO, Sílvia Gonçalves Paes. Hip hop na região metropolitana de Recife: identificação, expressão cultural e visibilidade. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

BORGES, Pedro. Fé na política da 'Boa Praça': Uma análise da relação política e religião (evangélica) em São Gonçalo – RJ. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais – Licenciatura e Bacharelado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2018. 68 f.

BRAGANÇA, Juliana da Silva. "*Porque o funk está preso na gaiola*" (?): A criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil (1990-1999). 165 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

CAMARGOS, Roberto. Rap e política: percepções da vida social brasileira. São Paulo Boitempo Editorial, 2015.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHO, Alvino Rodrigues de. *Movimentos culturais e justiça social: um estudo da cultura hip hop mineira*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CHANG, Jeff. *Can't Stop Wont Stop, Hip Hop Generation*, EUA, Picador, 2015. Ver também: *The Get Down*, Baz Luhrmann, Netflix, 2016; *Hip Hop Evolution*, <u>Darby Wheeeler</u>, Netflix, 2016.

DE MACHADO LEAL, Sergio Jose. Acorda Hip Hop!: despertando um movimento em transformação. Aeroplano, 2007.

DIÓGENES, Glória. Rebeldia Urbana: Tramas da exclusão e violência juvenil. In: HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 1990: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural.* Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

ESTEVES, Vera Vergara; PEREIRA, Wally Chan; SIANO, Lucia Maria França. Uma competência emergente na gestão escolar: a animação cultural. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 13, n. 47, p. 169-180, 2005.

GILROY, Paul. *O Atlantico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34/Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

HERSCHMANN, Micael. Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural. Rocco, 1997. Q

HOBSBAWM, Eric. A era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. História Social do Jazz. SP: Paz e Terra, 1990.

MACA, Nelson. Algumas reflexões sobre hip hop e baianidades. *Revista Palmares*: cultura afro-brasileira, n. 2, Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, dez. 2005.

MACHADO LEAL, Sergio Jose de. Acorda Hip Hop! Despertando um movimento em transformação. São Paulo, Aeroplano, 2007.

MESQUITA, André Luiz. *Insurgências poéticas - Arte ativista e ação coletiva* (1990-2000). Dissertação (Mestrado). USP, São Paulo, 2008.

MORENO, Rosangela Carrilo. *As mutações da experiência militante: um estudo a partir do hip hop de Campinas*. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MOURA, Arthur. *O ciclo dos Rebeldes*. 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e desigualdades sociais) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Goncalo, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: A história depois do papel in: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas, 2005.

ROSA, Daniel Pereira. *De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica: trabalho, consumo e vida de relações de São Gonçalo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ)*. São Paulo, Tese de Doutorado em Geografia Humana, PPGH/USP, 2017.

ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. *Abalando os anos 90*. Rio de Janeiro: v. 90, p. 190-213, 1997.

SANTOS, Guilherme. Roda Cultural Batalha do Tanque, o que vocês querem ver? "Sangue", orgulho e identidade. Dissertação de mestrado em Cultura e Territorialidades. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2018.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2000.

SILVA MOREIRA, Luiza. *Dos barracões aos CIEPS: A Elaboração da Política Educacional Brizolista* (1983 a 1987). 2020. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e educação: a experiência do movimento hip hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine N. de (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo*: música, etnicidade e experiência urbana. Tese (Doutorado em Antropologia) — Unicamp, Campinas, 1998. http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279971

SILVA, Paulo Muniz da. *Muro de todos e de cada um: uma murologia*. Tese de Doutorado em Estudos Literários, Universidade Federal do espírito Santo, 2014.

SILVA, R. B. *Cartografia Cultural do Gratuito a partir de São Gonçalo*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.* São Paulo: Claro Enigma, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. "A história vista de baixo." *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.* Campinas, SP: Editora da Unicamp (2001): 185-201.

TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

VENTURA, Tereza. Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. *Análise Social*, n. 192, p. 605-634, 2009.

VIANA, Juliana Nazaré Luquez. *Rupturas e continuidades na produção do espaço e o processo de reestruturação*: um olhar a partir de São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. São Paulo, Tese de Doutorado em Geografía Humana, Universidade de São Paulo, 2019.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

VIEIRA DA SILVA, Rômulo. Flows e views: Batalhas de rimas, batalhas de YouTube, cyphers e o RAP brasileiro na cultura digital. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 138 f.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: *Cultura e Materialismo*. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp. 2011.